

Luisa Pimenta Terra

Homogamia de Valores e Felicidade Marital no Brasil

Orientador: Prof. Gilvan Ramalho Guedes
Co-orientadora: Prof^a. Maria Carolina Tomás

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas - UFMG
2016

Luísa Pimenta Terra

Homogamia de Valores e Felicidade Marital no Brasil

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Demografia.

Orientador: Prof. Gilvan Ramalho Guedes
Co-orientadora: Prof^a. Maria Carolina Tomás

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG
2016

Folha de Aprovação

*Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure*

Vinícius de Moraes

Para mamãe, papai, César e vovó Milly

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus e à minha família por todo apoio e paciência. Em especial à minha mãe, meu pai, Cesar, Renata e vovó Milly, muito obrigada. Às minhas amigas Cali, Jaquela, e Jaque, obrigada por me ouvir. Aos meus amigos da Unifal, especialmente à equipe de atuária, a minha gratidão pela ajuda e compreensão.

Agradeço enormemente aos meus orientadores Gilvan e Carol. Toda paciência, sabedoria, conselhos, sugestões e orientação que recebi não poderiam ter sido melhores. Agradeço ao José Alberto pelos conselhos e enorme contribuição durante o processo de orientação. E pelas tardes divertidas e engraçadas, muito obrigada Lízia e Gilvan.

Aos meus professores do Cedeplar, registro aqui a minha eterna gratidão e respeito por tudo que aprendi com vocês. Aos amigos da Secretaria, obrigada por sempre me ajudar a encontrar uma solução. Aos meus colegas de turma, agradeço pelos momentos de muitas risadas e muito trabalho. Saudades de todos.

Raquel e Cibele, obrigada pela amizade verdadeira. Pelo apoio e carinho nos momentos críticos, muito obrigada Lu, Cris e Marília. Ao novo amigo que fiz, Allan, você foi fundamental nessa reta final. E tia Rock, muito obrigada por tudo, sem as suas palavras eu não teria conseguido continuar.

Agradeço à banca de qualificação e à banca examinadora por todos os comentários e sugestões. Eles me fizeram aprender mais e contribuíram para o aprimoramento deste trabalho e de pesquisas futuras.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

EUA – Estados Unidos da América

MQO – Mínimos Quadrados Ordinários

MQP – Mínimos Quadrados Ponderados

PANAS – *Positive and Negative Affect Schedule*

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

WVS – *World Values Survey*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 HOMOGAMIA DE VALORES E FELICIDADE MARITAL	20
2.1 Demografia da família	21
2.2 Mercado de casamento e seletividade marital	23
2.3 Homogamia de valores	31
2.4 Felicidade	33
2.5 Qualidade e felicidade marital	38
2.6 Homogamia de valores e felicidade marital	47
3 DADOS E METODOLOGIA	49
3.1 Felicidade marital: formas de mensuração	49
3.2 Bases de dados disponíveis e limitações para o caso brasileiro	51
3.2.1 <i>World Values Survey</i>	53
3.3 Construção da variável homogamia de valores	61
3.4 Análise descritiva	65
3.5 Relações entre as variáveis	69
4 RESULTADOS	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXOS	126

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: CARACTERÍSTICAS DE BASES DE DADOS SOBRE FELICIDADE/QUALIDADE MARITAL	52
TABELA 2: TAMANHO AMOSTRAL DAS RODADAS DA <i>WORLD VALUES SURVEY</i> PARA O BRASIL EM 1991, 1997, 2006 E 2014	54
TABELA 3: DISPONIBILIDADE DE VARIÁVEIS RELACIONADAS À FELICIDADE MARITAL E À HOMOGAMIA DE VALORES PARA O BRASIL (<i>WORLD VALUES SURVEY</i>), 1991, 1997, 2006 E 2014	55
TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS NO BANCO DE DADOS DAS VARIÁVEIS UTILIZADAS NESTA TESE	57
TABELA 5: OPÇÕES DE RESPOSTAS NO QUESTIONÁRIO E NO BANCO DE DADOS PARA RELIGIÃO E RAÇA/COR PARA WVS BRASIL 1991.....	59
TABELA 6: DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA E DA POPULAÇÃO (VALORES PROPORCIONAIS E ABSOLUTOS) ENTRE HOMENS E MULHERES SEGUNDO GRUPO ETÁRIO, RELIGIÃO, RAÇA/COR, ESCOLARIDADE, PRESENÇA DE FILHOS, ESTADO CIVIL E COMPARTILHAMENTO DE VALORES. BRASIL, 1991	60
TABELA 7: CARGAS FATORIAIS E ESPECIFICIDADES DA ANÁLISE FATORIAL DOS INDICADORES DA HOMOGAMIA DE VALORES, BRASIL, 1991	65
TABELA 8: DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA SEGUNDO SEXO PARA CARACTERÍSTICAS DE IDADE, RELIGIÃO, RAÇA/COR, ESCOLARIDADE, PRESENÇA DE FILHOS E COMPARTILHAMENTO DE VALORES NA UNIÃO. BRASIL, 1991	67
TABELA 9: ESTATÍSTICAS CENTRAIS E DE DISPERSÃO VARIÁVEL <i>HOMOGAMIA DE VALORES</i> . WVS BRASIL, 1991.....	68
TABELA 10: DISTRIBUIÇÃO PROPORCIONAL E ABSOLUTA DAS RESPOSTAS DA VARIÁVEL <i>SATISFAÇÃO COM A VIDA EM CASA</i> NA AMOSTRA RESTRITA AOS VIVIAM EM UNIÃO FORMAL OU CONSENSUAL. WVS BRASIL, 1991	69
TABELA 11: RESULTADOS DOS MODELOS DE MQO, MQO COM ERRO PADRÃO ROBUSTO, MQP E TOBIT PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991.....	91
TABELA 12: RESULTADOS DOS MODELOS ORDINAL LOGÍSTICO TRADICIONAL, ORDINAL LOG-LOG E COMPLEMENTAR LOG-LOG (<i>HOMOGAMIA DE VALORES</i>) PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991	93
TABELA 13: RESULTADOS DOS MODELOS ORDINAIS LOGÍSTICOS TRADICIONAIS (ATITUDES DE RELIGIÃO, ATITUDES SOCIAIS, PADRÕES MORAIS, OPINIÕES POLÍTICAS E ATITUDES SEXUAIS) PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991	99
TABELA 14: RESULTADOS DO MODELO ORDINAL LOGÍSTICO TRADICIONAL (COM TODOS OS INDICADORES JUNTOS) PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991	101

TABELA A2: RESULTADOS DOS MODELOS ORDINAL LOGÍSTICO TRADICIONAL, ORDINAL LOG-LOG E COMPLEMENTAR LOG-LOG (ATITUDES DE RELIGIÃO) PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991	127
TABELA A3: RESULTADOS DOS MODELOS ORDINAL LOGÍSTICO TRADICIONAL, ORDINAL LOG-LOG E COMPLEMENTAR LOG-LOG (ATITUDES SOCIAIS) PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991	128
TABELA A4: RESULTADOS DOS MODELOS ORDINAL LOGÍSTICO TRADICIONAL, ORDINAL LOG-LOG E COMPLEMENTAR LOG-LOG (PADRÕES MORAIS) PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991	129
TABELA A5: RESULTADOS DOS MODELOS ORDINAL LOGÍSTICO TRADICIONAL, ORDINAL LOG-LOG E COMPLEMENTAR LOG-LOG (OPINIÕES POLÍTICAS) PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991	130
TABELA A6: RESULTADOS DOS MODELOS ORDINAL LOGÍSTICO TRADICIONAL, ORDINAL LOG-LOG E COMPLEMENTAR LOG-LOG (ATITUDES SEXUAIS) PARA FELICIDADE MARITAL. WVS BRASIL, 1991	131

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO ACUMULADA DA VARIÁVEL LATENTE <i>HOMOGAMIA DE VALORES</i> . BRASIL, 1991	68
GRÁFICO 2: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE ATITUDES RELACIONADAS COM A RELIGIÃO SEGUNDO SEXO, RAÇA/COR, RELIGIÃO E ESTADO CIVIL. BRASIL, 1991	76
GRÁFICO 3: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE PADRÕES MORAIS SEGUNDO SEXO, RAÇA/COR, RELIGIÃO E ESTADO CIVIL. BRASIL, 1991	78
GRÁFICO 4: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE ATITUDES SOCIAIS SEGUNDO SEXO, RAÇA/COR, RELIGIÃO E ESTADO CIVIL. BRASIL, 1991	80
GRÁFICO 5: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE OPINIÕES POLÍTICAS SEGUNDO SEXO, RAÇA/COR, RELIGIÃO E ESTADO CIVIL. BRASIL, 1991	82
GRÁFICO 6: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE ATITUDES SEXUAIS SEGUNDO SEXO, RAÇA/COR, RELIGIÃO E ESTADO CIVIL. BRASIL, 1991	84
GRÁFICO 7: PROPORÇÃO DE CASAIS COM MAIOR HOMOGAMIA DE VALORES NA UNIÃO SEGUNDO IDADE. BRASIL, 1991	85
GRÁFICO 8: PROPORÇÃO DE CASAIS COM MAIOR HOMOGAMIA DE VALORES NA UNIÃO SEGUNDO ESCOLARIDADE. BRASIL, 1991	86
GRÁFICO 9: PROPORÇÃO DE CASAIS COM MAIOR HOMOGAMIA DE VALORES NA UNIÃO SEGUNDO SEXO, RAÇA/COR, RELIGIÃO E ESTADO CIVIL. BRASIL, 1991 ...	86
GRÁFICO 10: PROPORÇÃO DE SATISFEITOS COM A VIDA EM CASA SEGUNDO GRUPO ETÁRIO. BRASIL, 1991.....	88
GRÁFICO 11: PROPORÇÃO DE SATISFEITOS E INSATISFEITOS COM A VIDA EM CASA SEGUNDO ESCOLARIDADE, SEXO, RAÇA/COR, RELIGIÃO E ESTADO CIVIL. BRASIL, 1991	88
GRÁFICO 12: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS SATISFEITOS COM A VIDA EM CASA SEGUNDO GRUPO ETÁRIO E HOMOGAMIA DE VALORES. BRASIL, 1991	89

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: DIMENSÕES DA QUALIDADE MARITAL E INDICADORES DA FELICIDADE MARITAL, DA PROPENSÃO AO DIVÓRCIO E DA INTERAÇÃO MARITAL.....	50
FIGURA 2: ESQUEMA DAS CARGAS FATORIAIS E ESPECIFICIDADES DA ANÁLISE FATORIAL DOS INDICADORES DA HOMOGAMIA DE VALORES, BRASIL, 1991	65
FIGURA 3: ESQUEMA COMPARATIVO ENTRE OS MODELOS ORDINAL LOG-LOG E COMPLEMENTAR LOG-LOG	72
FIGURA 4: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE ATITUDES RELACIONADOS COM A RELIGIÃO SEGUNDO IDADE E ESCOLARIDADE. BRASIL, 1991.....	75
FIGURA 5: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE PADRÕES MORAIS SEGUNDO IDADE E ESCOLARIDADE. BRASIL, 1991.....	77
FIGURA 6: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE ATITUDES SOCIAIS SEGUNDO IDADE E ESCOLARIDADE. BRASIL, 1991	79
FIGURA 7: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE OPINIÕES POLÍTICAS SEGUNDO IDADE E ESCOLARIDADE, BRASIL, 1991	81
FIGURA 8: PROPORÇÃO DE ENTREVISTADOS QUE COMPARTILHAM OU NÃO COM O CÔNJUGE ATITUDES COM RELAÇÃO AO SEXO SEGUNDO IDADE ESCOLARIDADE. BRASIL, 1991	83

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1: MATRIZ DE CORRELAÇÃO TETRACÓRICA - INDICADORES DE HOMOGAMIA DE VALORES, BRASIL, 1991	64
QUADRO 2: DIFERENÇA DE MÉDIAS DA FELICIDADE MARITAL ENTRE OS UNIDOS MENOS HOMOGÂMICOS E MAIS HOMOGÂMICOS, BRASIL, 1991	102
QUADRO 3: DIFERENÇA DE MÉDIAS DA FELICIDADE MARITAL ENTRE OS CASADOS MENOS HOMOGÂMICOS E MAIS HOMOGÂMICOS, BRASIL, 1991	103
QUADRO 4: DIFERENÇA DE MÉDIAS DA FELICIDADE MARITAL ENTRE OS CASADOS E UNIDOS COM MAIOR HOMOGAMIA DE VALORES, BRASIL, 1991	104
QUADRO 5: DIFERENÇA DE MÉDIAS DA FELICIDADE MARITAL ENTRE OS CASADOS E UNIDOS COM ESCOLARIDADE ATÉ ENSINO FUNDAMENTAL, BRASIL, 1991	104
QUADRO 6: DIFERENÇA DE MÉDIAS DA FELICIDADE MARITAL ENTRE OS CASADOS E UNIDOS COM ENSINO SUPERIOR, BRASIL, 1991	105

RESUMO

O trabalho tem como objetivo central investigar a relação entre homogamia de valores e felicidade marital no Brasil. O primeiro objetivo específico parte da discussão sobre *assortative mating* e propõe a abordagem mais aprofundada do conceito de homogamia de valores em termos de estrutura e dimensionalidade. O segundo objetivo específico é investigar a associação entre homogamia de valores e felicidade conjugal, uma vez que a literatura mostra que a afinidade de preferências e de valores gera um potencial de redução de conflitos, que leva a uma maximização da felicidade conjugal. O terceiro e último objetivo específico é identificar, com base nos dados disponíveis, quais são os principais determinantes da felicidade conjugal no Brasil. Os dados utilizados foram da *World Values Survey (WVS)* para o ano de 1991 no Brasil. Entre os principais resultados, destaca-se a associação forte e positiva entre a homogamia de valores e a felicidade conjugal, além da constatação de que é factível considerar a homogamia de valores como mais um atributo de seletividade conjugal. Entre os determinantes da felicidade conjugal no Brasil, os resultados mostraram que apresentam maiores níveis de felicidade marital as pessoas mais velhas, as do sexo masculino, aquelas com alguma religião, as menos escolarizadas e as unidas formalmente (em relação às unidas consensualmente).

Palavras-chave: felicidade marital; homogamia de valores; seletividade conjugal.

ABSTRACT

This study investigates the relationship between homogamy of values and marital happiness in Brazil. The first goal is to deeply analyze the concept of homogamy of values, either in terms of structure and in its dimensionality. The second goal is to investigate the association between homogamy of values and marital happiness, since the literature points out that couple's similar preferences and shared values create a potential of conflict reduction, which may lead to a maximization of marital happiness. The third and final goal is to identify, based on available data, which are the main determinants of marital happiness in Brazil. The data used were from the World Values Survey (WVS) for the year 1991. This database is the only one which was compatible with the proposal of this dissertation. Among the key findings, it is worth highlighting that there is a strong positive association between homogamy of values and marital happiness, beyond the fact that the homogamy of values is a valid concept and can be used as another marital selectivity attribute. Among the determinants of marital happiness in Brazil, the results showed that the older, the men, those with any religion, those less educated and those which are married have higher levels of marital happiness.

Key-words: marital happiness; homogamy of values; assortative mating

1 INTRODUÇÃO

A importância das uniões, entre outros fatores, está na formação de novas famílias e domicílios, bem como na sua função social de manutenção e transmissão intergeracional de valores, hábitos e costumes. O presente trabalho tem como foco dois aspectos ligados às uniões: as características dos cônjuges e o nível de felicidade das uniões.

Ao considerar o casamento como resultado de um comportamento voluntário, Becker (1973) sugeriu que a escolha de casar só se daria com um ganho no nível de utilidade em relação a permanecer solteiro. E essa decisão dependeria de variáveis como educação, renda, altura, raça e inteligência do indivíduo e dos candidatos disponíveis para o casamento. Kalmijn (1998), por sua vez, discute o tema considerando que, além destes fatores, a seleção do parceiro também depende da influência de familiares ou terceiros no processo de seleção do parceiro; da restrição do mercado de casamentos quanto às características dos *candidatos* e da preferência dos indivíduos por se casar com outros que possuem características semelhantes.

Becker (1973) também aborda a questão de restrição do mercado de casamentos, e considera esse fator como um dos componentes que afetam a escolha do parceiro. Segundo o autor, a disponibilidade dos candidatos elegíveis pode ditar a dinâmica do mercado de casamento e um exemplo disso é a razão de sexos, verificada por Queiroz (2001) para Minas Gerais.

As características comuns aos parceiros são foco de pesquisa em todo o mundo. Estudos sociológicos (Kalmijn, 1998; Amato *et. al.*, 2004) destacam a função de continuidade de tradições e de manutenção de recursos financeiros e culturais das uniões. Esta seria uma explicação para o fato de os indivíduos, em sua maioria, procurarem pessoas semelhantes quanto a alguma característica. Portanto, ao controlar algumas características do *candidato* a cônjuge, as novas famílias conservariam o seu *status*.

Essa ideia de que os indivíduos tendem a se unir com pessoas com características similares define os termos seletividade conjugal ou *assortative mating positivo*. As principais características estudadas de seletividade marital são educação, riqueza, religião e raça. A literatura, contudo, ainda não explorou o *assortative mating* (ou homogamia) de valores, ou seja, o compartilhamento de valores entre os cônjuges. Nesta proposta, os valores seriam, também, uma característica importante a ser compartilhada com o cônjuge. E esse é o objetivo central desta tese: mensurar a homogamia de valores no Brasil e o quanto ela influencia a felicidade das relações conjugais. Vale ressaltar que estudos sobre homogamia de educação, muitas vezes, destacam a importância da afinidade cultural e de valores na escolha do parceiro. Ainda, Ribeiro & Silva (2009) e Kalmijn (1994) apontam a dificuldade metodológica para justificar a escassez de estudos focados na homogeneidade cultural e de valores do casal.

Segundo Kalmijn (1994), normas e valores semelhantes, e a redução do atrito dentro das uniões advinda da convergência de gostos e opiniões entre os cônjuges, demonstram claramente a importância da semelhança de valores e de aspectos culturais na escolha do cônjuge. A preferência dos indivíduos por valorizar mais recursos culturais do que econômicos é uma das hipóteses do trabalho do autor. Amato *et al.* (2004) mostram que indivíduos que possuem cônjuges com características semelhantes têm, em geral, melhor qualidade marital e maior felicidade nas uniões. Uma explicação sugere que as semelhanças entre os cônjuges reduz o conflito. Segundo Dush *et al.* (2008), a felicidade marital é tão maior quanto menores forem os conflitos conjugais. Para os autores, os conflitos maritais estão fortemente associados com altas taxas de divórcio e com baixos níveis de qualidade marital. Portanto, ao minimizar conflitos conjugais, o casal reduziria o potencial de divórcio e de baixa qualidade marital. A redução de conflitos justificaria essa associação entre a seletividade conjugal positiva e a felicidade conjugal.

Dada a importância do bem estar nos relacionamentos conjugais para a demografia da família e a escassez de estudos sobre felicidade marital na América Latina, o segundo objetivo desta tese investiga a relação entre a seletividade marital positiva de valores e a felicidade marital. A análise da

felicidade marital é importante não somente pela sua sensibilidade a transformações sociais mais amplas, mas também por suas implicações que extrapolam o bem estar do casal. Os estudos sugerem, por exemplo, que a qualidade da união afeta a probabilidade de divórcio (Amato & Rogers, 1999). Relacionamentos ruins, ademais, têm efeitos negativos tanto na saúde física (Sandberg *et. al.*, 2012; Umberson *et. al.*, 2006), quanto na saúde mental do casal (Frech & Williams, 2007; Proulx *et. al.*, 2007; Sandberg *et. al.*, 2012), com implicações indiretas sobre a produtividade no mercado de trabalho (Sandberg *et. al.*, 2012). Por fim, a felicidade marital afeta a transmissão intergeracional de bem estar e de atitudes (Amato & Deboer, 2001; Willoughby *et. al.*, 2012).

Portanto, os objetivos deste trabalho são mensurar a homogamia de valores no Brasil, investigar as associações dessa medida com a felicidade conjugal e averiguar os determinantes da felicidade marital no Brasil. A disponibilidade de dados compatíveis com a proposta para o Brasil se dá pela Pesquisa Mundial de Valores (*World Values Survey*), para o ano de 1991. A partir da *World Values Survey* é possível mensurar a homogamia de valores e a sua relação com a felicidade marital no Brasil.

Entre os principais resultados, destaca-se se a associação forte e positiva entre a homogamia de valores e a felicidade marital, além da constatação de que é factível considerar a homogamia de valores como mais um atributo de seletividade conjugal. Entre os determinantes da felicidade conjugal no Brasil, os resultados mostraram que apresentam maiores níveis de felicidade marital os mais velhos, os homens em relação às mulheres, as pessoas com alguma religião, as menos escolarizadas e aqueles que são unidos formalmente.

O próximo capítulo aborda as uniões e a família e suas transformações recentes, a teoria sobre seletividade marital, os principais resultados empíricos e estudos sobre a felicidade marital e seus determinantes. O capítulo sobre Dados e Metodologia vem na sequência, detalhando toda manipulação de dados e limitações das variáveis, além da definição do modelo estatístico mais adequado à natureza das variáveis em questão. No capítulo 5, são apresentados os resultados dessa pesquisa, que poderão contribuir para entender a associação entre a felicidade das relações conjugais e o grau de

compartilhamento de valores entre os cônjuges, bem como apontar indícios sobre mecanismos intra-familiares da transmissão intergeracional do bem-estar num contexto de fecundidade baixa. No sexto capítulo, apresentam-se as considerações finais e desafios para futuros trabalhos.

2 HOMOGAMIA DE VALORES E FELICIDADE MARITAL

Neste capítulo discute-se a transformação dos valores do matrimônio nas últimas décadas, bem como a mudança dos valores dos cônjuges no decorrer da vida conjugal. Apesar da literatura tradicionalmente abordar a homogamia de atributos entre os cônjuges, ou seja, a propensão e os motivos para que pessoas com características similares se unam, ainda existem relativamente poucos estudos que associam tais atributos, como idade, religião, raça/cor e educação, com a felicidade marital. Ainda mais raro na literatura é a homogamia de valores, proposta central de estudo desta tese. Devido ao seu potencial de redução de atritos e conflitos conjugais, o que levaria a uma maior felicidade marital, este trabalho propõe investigar a associação da homogamia de valores com a felicidade marital. Para tanto, este capítulo revisita a teoria dos valores, contextualiza essa teoria em relação a valores conjugais, e apresenta potenciais associações teóricas que explicam porque casais homogâmicos em termos de valores são casais possivelmente mais felizes.

O capítulo se inicia com uma breve discussão da demografia da família, com vistas a ilustrar as mudanças recentes na composição dos arranjos familiares e domiciliares, e sua implicação para a seletividade em termos de atributos e valores no processo de formação de casais. Em seguida, as principais teorias de casamento são revisitadas, com foco no conceito de *assortative mating*, o qual permite a análise de pareamento de atributos e, como inovação teórica deste trabalho, o pareamento de valores. Mais adiante, o conceito mais geral de felicidade e o conceito de felicidade marital são problematizados. As discussões teóricas sobre seus principais determinantes são apresentadas, com ênfase na questão da homogamia. Por fim, o capítulo discute como a homogamia de valores e a felicidade marital estariam associadas.

2.1 Demografia da família

Estudos que envolvem a demografia da família relacionam-se com temas ligados à composição e arranjos familiares e domiciliares, papéis de gênero dentro da família, casamento, recasamento, uniões consensuais, divórcio, entre outros. As recentes mudanças dos arranjos familiares, domiciliares¹ e de uniões no Brasil são, ao mesmo tempo, causa e consequência do processo de envelhecimento populacional brasileiro. A fecundidade, componente demográfica com maior poder de rejuvenescer ou de envelhecer uma população², conecta-se diretamente com as uniões e as famílias.

As transformações nos padrões familiares, como a recente mudança na composição, na formação, na dissolução e no papel das famílias, foram apresentadas por Wajnman (2012). A autora utilizou dados dos Censos Demográficos de 1960 a 2000 e observou um crescimento na quantidade de pessoas vivendo em famílias estendidas. Wajnman notou uma verticalização familiar, representada pela coabitação de diversas gerações. Outra modificação verificada foi a redução no número de famílias do tipo nuclear (o casal e os filhos) e o aumento nas famílias “alternativas de núcleo - casais sem filhos, domicílios unipessoais e monoparentais” (Wajnman, 2012 p. 137).

Essas transformações mostram as modificações no papel das uniões para a fecundidade. A redução no número de famílias do tipo nuclear e o aumento dessas famílias “alternativas de núcleo” retratam essa mudança de paradigma. Essa desvinculação entre os filhos e a união formal ou consensual, além do divórcio, gerou o crescimento dos domicílios monoparentais e de casais sem filhos. Além disso, Wajnman (2012) observou o crescente número de indivíduos que optam por não casar e não ter filhos, formando domicílios unipessoais.

¹ Segundo Wajnman (2012 p. 18), o grupo familiar é “composto por pessoas ligadas por relações de parentesco, que podem ser estabelecidas por consanguinidade, adoção ou conjugalidade”, o grupo domiciliar consiste no “conjunto de pessoas que vivem em uma unidade residencial e compartilham bens públicos”, e a família domiciliar é a “interseção do parentesco com a co-residência”.

² A fecundidade pode ser considerada a componente demográfica com maior poder de envelhecer ou de rejuvenescer uma população porque o resultado de todas as mudanças desta componente concentra-se nos nascimentos.

Um processo simultâneo às mudanças estruturais das famílias e da função das uniões na sociedade foi o da modificação do papel econômico da mulher na sociedade. A maior inserção no mercado de trabalho, o aumento da escolaridade e o crescimento do seu poder de barganha, dentro e fora das uniões, fez com que a dinâmica do mercado de casamentos também se transformasse (Mariucci & Nalesso, 2006; SEADE, 2014). Uma mudança importante quanto ao padrão de nupcialidade tem se refletido na idade média à união. Segundo IBGE (2002; 2010b), a idade média à primeira união dos homens subiu de 25,8 anos em 1990, para 29 anos em 2010; e das mulheres cresceu de 22,8 anos em 1990, para 26 anos em 2010. Além de ocorrerem em idades mais avançadas do que anteriormente, atualmente as uniões são motivadas muito mais por opção e ideal do que por imposição ou necessidade, embora mulheres de menor escolaridade ainda sigam um padrão distinto, com menor idade média à união e com maior propensão a unir-se por necessidade. Esse cenário pode ser muito diferente, conforme a escolaridade feminina (Esteve *et. al.*, 2012a).

As questões relacionadas ao término e dissolução do matrimônio também foram afetadas pela mudança do papel da mulher na sociedade. O maior poder de barganha das mulheres e o aumento da importância da carreira profissional para as esposas diminuíram a importância, em muitos casos, da união na vida das mulheres (Miller, 2011). O papel central, que era ocupado pela família e pelo relacionamento conjugal, passou a dividir espaço com aspectos ligados à profissão e à maior valorização da individualidade. Soma-se a isso o maior controle da fecundidade, o que permitiu ter uma prole em tamanho mais próximo do desejado³ (Easterlin, 1975). Conforme Canêdo-Pinheiro *et. al.* (2008 p. 5), os “aumentos na renda relativa das mulheres tendem a diminuir o ganho auferido com a relação conjugal, pois reduziram o ganho com a divisão de trabalho no casamento”. Dessa maneira, o divórcio passa a ser uma possibilidade a partir do momento em que os ganhos do casamento diminuem.

Por fim, a função das famílias na vida das pessoas e na sociedade mudou. O papel da previdência social e a educação das crianças em creches e escolas

³ Não é o foco deste trabalho discutir as causas da redução da fecundidade.

públicas refletem a transferência, mesmo que em parte, do cuidado ao idoso e aos filhos para o Estado (Camarano, 2010). Essa mudança, aliada ao menor número de filhos (e do papel importante dos eletrodomésticos), fez com que, de certa forma, a carga de trabalho doméstico mudasse. Estudos sobre o uso do tempo apontam uma mudança na participação masculina nos afazeres domésticos e uma redução maior das horas das mulheres dedicadas ao lar (Fontoura *et. al.*, 2010). Segundo os autores, em 2001 as mulheres com 10 anos ou mais de idade dedicavam, em média, 29 horas por semana com afazeres domésticos, e em 2008 a dedicação feminina era de 23,9 horas semanais. Para os homens o número médio de horas reduziu de 10,9 em 2001 para 9,7 horas em 2008. Ao considerar somente os ocupados, em 2008 as mulheres despendiam 20,9 horas semanais e os homens 9,2 horas por semana com afazeres domésticos. Ao analisar o uso do tempo daqueles que declararam a sua posição na família como cônjuge, em 2008 as mulheres despendiam 30,6 horas semanais e os homens, 10 horas semanais.

Portanto, o processo de transformação da estrutura e composição familiar e de mudança do papel da mulher nas uniões e na família foi acompanhado pela alteração no mercado de casamentos em termos de atributos e valores no processo de formação de casais.

2.2 Mercado de casamento e seletividade marital

Becker (1973) propôs a aplicação da teoria econômica ao pressupor a racionalidade que precede as escolhas e o comportamento. Ao considerar o casamento como resultado de um comportamento voluntário, Becker sugere que a escolha de se casar gera um ganho no nível de utilidade em relação a permanecer solteiro. Ou seja, a utilidade do casal seria maior que a soma das utilidades quando solteiros. Segundo Queiroz (2001 p. 2), “o ponto central do modelo é que a escolha do par de sexo oposto é feita de forma racional com o objetivo de maximizar a produção do conjunto”. Essa decisão dependeria da preferência, da razão de sexos na população e de variáveis como educação,

renda, altura, raça e inteligência dos indivíduos disponíveis no mercado de casamento. Segundo Becker (1973), a configuração familiar que maximizaria a utilidade do casamento seria aquela que segue a especialização do trabalho, com um dos cônjuges atuando como provedor (*bread winner*) e o outro como responsável pelos filhos e pela casa.

Apesar da visão economicista, Becker não ignora o “amor” nos casamentos, interpretando tal sentimento como o envolvimento físico e emocional entre duas pessoas. O casamento seria mais vantajoso também porque a união diminuiria o custo do contato frequente. Ou seja, ao morar sob o mesmo teto, o casal teria a convivência como mais uma *commodity*. Outra consequência relacionada ao amor é o altruísmo, que atuaria de forma a maximizar os ganhos das transferências de recursos para a esposa ou marido (Becker, 1973). Ainda, é maior a utilidade gerada pelas *commodities* de um casamento com amor, como o cuidado, a atividade sexual e os filhos (Becker, 1991). Ainda assim, Becker (1991) indica que as emoções não são totalmente aleatórias, e que há maior probabilidade de um indivíduo se apaixonar por outro que tenha características físicas e culturais similares e preferências semelhantes. Essa ideia de que a escolha do parceiro importa e que teriam um ganho maior no casamento os casais com características culturais semelhantes e com afinidade de preferências sustenta uma das hipóteses desta tese.

A propensão de as pessoas optarem por casar com indivíduos do mesmo grupo social ou que compartilham alguma característica em comum define os termos *assortative mating* positivo, ou seletividade marital positiva. Para Becker (1991), “um mercado de casamentos eficiente possui *assortative mating* positivo, com homens de alta qualidade unindo-se a mulheres de alta qualidade, e homens de baixa qualidade unindo-se a mulheres de baixa qualidade”⁴ (Becker, 1991 p. 108, tradução livre). Todavia, vale destacar que Becker não advoga em favor de *assortative mating* positivo de renda, mas talvez mais em favor de *assortative mating* positivo de *status* sociocultural. O que Becker defende como o melhor arranjo marital (aquela que segue a

⁴ Este trabalho não pretende discutir a opção homossexual ou heterossexual dos indivíduos, muito menos avaliar qual característica possui maior qualidade do que a outra.

especialização do trabalho) implica em um dos cônjuges com renda nula e o outro com renda total, mesmo que ambos tenham background sociocultural e educacional semelhantes.

As uniões com semelhanças entre os cônjuges são consideradas, portanto, homogâmicas quanto a determinada característica⁵. Por exemplo, uma união pode ser homogâmica quanto à religião, quanto à educação, quanto à idade, quanto à raça ou quanto ao *status* cultural (Kalmijn, 1991; Myers, 2006). Diversos estudos analisam a seletividade matrimonial de mais de uma característica, como educação e raça; e educação, raça e religião (Kalmijn, 1991; 1994; Longo, 2011; Longo & Miranda-Ribeiro, 2012; Ribeiro & Silva, 2009).

A maior parte das uniões é do tipo *assortative mating* positivo, já que a tendência é que pessoas do mesmo grupo social ou com características semelhantes unam entre si (Kalmijn, 1998; Mare, 1991). No caso específico do Brasil, Longo (2011), por exemplo, observou que 65% das uniões em 2000 eram homogâmicas (intrarraciais). Corroborando o achado anterior, Longo (2011) e Longo & Miranda-Ribeiro (2012) observaram que as uniões mais raras entre as mulheres de 20 a 29 anos no Brasil foram as que ocorreram “entre brancos e pretos e com mais de um nível de diferença de escolaridade” entre 1980 e 2000 (Longo, 2011 p. 152). Entretanto, há uma tendência de redução das uniões homogâmicas quanto à raça no Brasil (Ribeiro & Silva, 2009). Quanto ao aumento da heterogamia, Amato *et. al.* (2004) sugerem que isso pode refletir uma mudança na aceitação de padrões sociais das uniões. Outro argumento apresentado pelos autores, e que contribui para o embasamento da hipótese de que a homogamia de valores e a felicidade marital estão diretamente relacionados, associa esse aumento com a redução da qualidade marital nos EUA como um todo.

⁵ Kalmijn (1998) classifica os matrimônios ocorridos entre pessoas da mesma vizinhança ou do mesmo grupo social, como a mesma comunidade religiosa, como uniões endogâmicas. Já as uniões entre pessoas semelhantes quanto à situação social são classificadas como uniões homogâmicas. Tal diferenciação entre os dois termos não foi considerada, ou seja, nesta tese entende-se por uniões homogâmicas aqueles ocorridos entre indivíduos com a mesma socialização primária ou que compartilham algo em comum, como a educação ou a riqueza.

Outras abordagens apontam explicações para a seletividade marital positiva. Entre os diversos papéis da família e das uniões, estudos sociológicos destacam a função de continuidade de tradições e de manutenção de recursos financeiros e culturais. A Teoria da Reprodução Social, proposta por Bourdieu e Passeron em 1977, explicaria o fato de os indivíduos, em sua maioria, procurarem pessoas semelhantes quanto a alguma característica, como raça, educação, riqueza ou religião. Portanto, ao controlar algumas características do *candidato* a cônjuge, as novas famílias conservariam o *status*. Ainda sob a ótica sociológica, seriam três os principais fatores na escolha do parceiro ressaltados por Kalmijn (1998): (1) a preferência dos indivíduos por se unir com outros que possuem características semelhantes; (2) a influência de familiares ou terceiros no processo de seleção do parceiro; (3) a restrição do mercado de casamentos quanto às características dos *candidatos* (Kalmijn, 1998). A restrição do mercado de casamentos aliada a estrutura etária, inclusive, pode gerar algumas combinações de heterogamia de idade e de capital humano. Um exemplo pode ser visto pela baixa razão de sexos em idades adultas e pelo formato ainda piramidal da distribuição etária. O excesso de mulheres em relação aos homens leva as solteiras a procurar homens mais novos (coortes mais novas são maiores), e, para compensar esse descompasso das idades, elas aceitariam homens com menor capital humano. Assim, as mulheres trocariam o maior capital humano pela menor idade dos homens.

O conceito de *assortative mating* negativo, ou seletividade marital negativa, também foi tratado por Becker (1991). Nesse sentido, uma união com *assortative mating* negativo seria a união entre indivíduos com características diferentes. Embora as uniões com maior utilidade sejam aquelas com *assortative mating* positivo (de *status* sociocultural) (Becker, 1991), a importância das uniões com *assortative mating* negativo está, entre outros, na sua função para a mobilidade social (conforme o caso clássico da Teoria da Troca, por exemplo).

A ideia de seletividade marital negativa também pode ser explicada sob a ótica sociológica da Teoria de Troca, proposta originalmente por Merton (1941) e Davis (1941). Nela, os indivíduos compensariam alguma característica menos valorizada (a proposta dos autores era para uniões interracialis) por outra com

maior valor na sociedade. O caso clássico apresentado na literatura é a união de mulher branca de baixa escolaridade com homem negro de alta escolaridade. O homem compensaria a sua raça/cor de menor *status* social com uma escolaridade maior do que a da mulher branca, tendo em vista que a escolaridade pode ser entendida como uma *proxy* de condição econômica. A mulher branca trocava o seu maior *status* social por um maior *status* econômico. A união seria, portanto, uma maneira de adentrar no grupo social mais valorizado e também uma forma de garantir condições econômicas mais vantajadas.

Merton (1941) e Davis (1941) restringiram a aplicação desta teoria aos homens negros e às mulheres brancas porque, segundo os autores, o potencial ganho econômico e de prestígio devido ao aumento de escolaridade seria mais provável entre homens negros do que entre mulheres negras. Ao analisar o caso brasileiro, Silva (1987 *apud* Tomas, 2012) ressalta que essa restrição é importante, já que a generalização obteve resultados inconsistentes para o Brasil. Entretanto, há resultados para o Brasil que mostram que a Teoria da Troca ocorreria também com mulheres negras e homens brancos (Longo, 2011). Com dados de mulheres de 20 a 29 anos e de seus cônjuges, obtidos no Censo Demográfico de 1980 a 2000, Longo (2011) observou que “os indivíduos de raça/cor de menor status social (de pele mais escura) tem mais chances de se unir a um parceiro de uma raça/cor de maior status social (de pele mais clara) quando as diferenças nos níveis de escolaridade compensarem essas diferenças raciais” (Longo, 2011 p. 21).

Ribeiro & Silva (2009) investigaram a relação entre uniões inter-raciais e os padrões de seletividade matrimonial quanto à educação. Eles utilizaram dados da amostra dos Censos Demográficos de 1960, 1980 e 2000 e perceberam uma redução entre as uniões homogâmicas quanto à raça/cor, com 88% das uniões intrarraciais em 1960, e 69% das uniões em 2000 ocorrendo entre pessoas da mesma raça/cor⁶. Nesse trabalho os autores testaram a hipótese de troca de *status*, mas os modelos não se ajustaram bem aos dados.

⁶ Os autores controlaram o tamanho dos subgrupos populacionais. Além disso, Ribeiro & Silva (2009) presumiram, entre as preferências individuais, o fator “preconceito”.

Mare (1991) disserta sobre seletividade conjugal por educação, e aponta a importância do mercado local de casamento com relação à escolha de parceiros com características semelhantes. No caso da educação, o ambiente de universidade, por exemplo, atuaria como fator que contribui para a homogamia de educação. Ou seja, a universidade poderia ser considerada um mercado local de casamento.

A literatura sobre seletividade marital abrange, além de estudos sobre raça/cor e escolaridade, variáveis de religião. Com relação à religião, os resultados dependem muito de qual a religião analisada. Kalmijn (1991), com conjuntos de dados nacionais sobre os EUA, investigou como ocorreram os casamentos entre pessoas da mesma religião e entre pessoas com o mesmo nível de educação de 1920 a 1989, controlando por efeitos de período e de duração de casamento. De acordo com o autor, os resultados mostram que os casamentos homogâmicos quanto à religião representam de 80% a 90% dos casamentos entre os protestantes, de 64% a 85% dos casamentos entre os católicos e mais de 90% dos casamentos entre os judeus. Ele percebeu que, de 1920 a 1989, os casamentos entre católicos e protestantes aumentou ao mesmo tempo em que uma forte redução nos casamentos entre pessoas com níveis diferentes de educação foi observada.

Para o Brasil, Longo (2011) observou que em 2000, 90% das uniões ocorreram entre pessoas da mesma religião. A autora segmentou a população em protestantes, pentecostais, católicos e sem religião, e o grupo sem denominação religiosa foi o que mais uniu entre si. Ademais, ter a mesma religião que o cônjuge foi considerada uma seletividade conjugal que favorece a união (Longo, 2011).

A opção por analisar recém-casados é recorrente em estudos sobre casamento, e é justificada pelo efeito do tempo de casado nas características dos cônjuges. A tendência é de que, com o aumento da duração da união, haja maior convergência de características adquiridas, como educação, *status* cultural ou econômico e religião. Kalmijn (1994) fala da importância em restringir estudos sobre o tema com recém-casados, apontando o efeito do tempo de casado como uma variável que homogeneiza algumas variáveis

culturais do casal, bem como valores e atitudes. O autor destaca que divergências de preferências e opiniões geram o aumento de atrito entre os cônjuges. Por isso, a importância em restringir o tempo de casado, evitando assim uma amostra viesada pelas uniões “de sucesso”⁷.

Quando não se conhece a duração da união, o ideal, nesse tipo de análise, é controlar pelas características anteriores à união. Isso porque o que está sendo investigado relaciona-se muito mais com as condições e características dos cônjuges antes da união, no processo de escolha, do que após certo tempo de convivência. Quando esse dado não está disponível, muitos autores focam os estudos em populações mais jovens. Foi o caso, por exemplo, de Longo (2011), que somente considerou as mulheres de 20 a 29 anos de idade, no intuito de captar as características de pessoas no início de suas uniões.

Outro fator importante relacionado a essa discussão é sobre a ordem da união. Estudos mostram que há diferença de padrões de uniões e de preferências de perfil do parceiro quando a união é a primeira com relação às demais (Kalmijn, 1994; Mare, 1991), da mesma forma que quando as uniões ocorrem de forma tardia (Kalmijn, 1994). Ribeiro & Silva (2009) analisaram somente indivíduos casados com idade entre 20 e 34 anos, com objetivo de restringir indivíduos que estavam em seu primeiro casamento.

Além da ordenação, o tipo de união também importa. Uniões formais e uniões consensuais foram objeto de estudo de Longo & Miranda-Ribeiro (2010). As autoras investigaram a seletividade marital por religião e raça entre as uniões consensuais e formais com dados da Amostra do Censo Demográfico de 2000 do Brasil. Os resultados do estudo indicaram maior heterogamia de raça/cor entre as uniões consensuais do que entre as uniões formais. Contudo, ao controlar por homogamia de religião, não há diferença entre unidos formalmente⁸ e de forma consensual quanto à homogamia de raça/cor.

⁷ Considera-se neste caso que a divergência de opiniões e preferências gere conflito e, eventualmente, caminhe para o divórcio.

⁸ Ao longo deste trabalho são comparados dois grupos segundo o tipo de união: o grupo que está unido de forma consensual será referido como “unido”; e o grupo unido formalmente será referido como “casado”.

Embora as pessoas pertencentes a grupos com poder e recursos concentrados tendam a unir-se com outros em situação socioeconômica semelhante (Kalmijn, 1998), há casos em que a homogamia de *status* cultural possui maior peso na escolha do parceiro do que a situação econômica. Kalmijn (1994), com dados dos censos de 1970 e de 1980 dos EUA, analisou se os recém-casados haviam optado por cônjuges de *status* cultural similar ou de *status* econômico mais elevado. Segundo Kalmijn, a similaridade cultural foi mais importante do que uma melhor situação econômica. Contudo, entre os indivíduos que se casaram com idades mais avançadas, a dimensão econômica se mostrou mais importante do que a cultural.

Kalmijn (1998) encontrou evidências de que os casamentos entre pessoas com religiões diferentes se tornou mais homogâmico quanto à educação, o que sugere, possivelmente, que a educação passou a ser um fator de seleção de cônjuge mais forte do que a religião nesses casos. Entre outros fatores, Kalmijn (1998) destaca a secularização, a redução da influência de terceiros (pais, amigos ou a comunidade religiosa, por exemplo) sobre a decisão dos indivíduos e o aumento do individualismo como alguns fatores importantes para essa mudança de papel da religião na escolha do parceiro para o casamento.

Segundo Kalmijn (1994), normas e valores semelhantes, e a redução do atrito dentro do casamento advinda da convergência de gostos e opiniões entre os cônjuges demonstram claramente a importância da semelhança de valores e de aspectos culturais na escolha do cônjuge. A preferência dos indivíduos por valorizar mais recursos culturais do que econômicos é uma das hipóteses do trabalho do autor. Kalmijn (1994 p. 426 – tradução livre) considera como “recursos culturais valores e comportamentos, como valores de criação de filhos, atitudes políticas, alfabetização cultural, gosto por arte e música, e forma de linguagem”.

O pressuposto adotado neste trabalho é que as pessoas escolhem seus parceiros baseados no compartilhamento de valores, considerando a afinidade cultural e de atitudes fundamental para a felicidade das uniões. Conforme Ribeiro & Silva (2009 p. 13), “alguns autores sugerem que as pessoas tendem a se casar com pessoas com as quais compartilhem valores e visões de

mundo. (...) Na prática, a partir de análises empíricas, é muito difícil definir se as pessoas escolhem seus parceiros em uma competição no mercado matrimonial ou em um processo de procura por pessoas culturalmente semelhantes”. A dificuldade metodológica apontada por Ribeiro & Silva (2009) e também observada por Kalmijn (1994) pode justificar a escassez de estudos focados nessa homogamia cultural ou de valores.

Diversos estudos mostram que aqueles que possuem cônjuges com características mais semelhantes têm, em geral, melhor qualidade marital e maior felicidade no casamento (Amato *et. al.*, 2004). Uma explicação relaciona semelhanças entre os cônjuges com redução de conflito (Dush *et. al.*, 2008; Kalmijn, 1994). Segundo Dush *et. al.* (2008), a felicidade marital é tão maior quanto menor for o nível de conflitos conjugais. Para os autores, os conflitos maritais estão fortemente associados com altas taxas de divórcio e com baixos níveis de qualidade marital. Portanto, ao minimizar conflitos conjugais, o casal reduz o potencial de divórcio e aumenta a probabilidade de apresentar maior nível de qualidade marital.

2.3 Homogamia de valores

Entre as principais características de seletividade marital (educação, riqueza e religião), há diferenças qualitativas na associação com a felicidade conjugal. O sucesso do *assortative mating* de religião na felicidade do casal depende muito da religião estudada. Religiões em que há maior participação da comunidade religiosa asseguram melhor qualidade marital do que as religiões que não possuem tanta interferência no dia a dia do indivíduo (Wolfinger & Wilcox, 2008).

A seletividade marital por educação envolve muito mais do que conhecimento e cultura. No caso do Brasil, educação é *proxy* de condição socioeconômica e relaciona-se com o uso do tempo dos cônjuges. Segundo IPEA (2012), entre aqueles com renda maior de 8 salários mínimos, as mulheres dedicam 13,6 horas semanais com tarefas domésticas, e os homens, 7,5 horas semanais.

Por outro lado, entre os indivíduos com renda de até 1 salário mínimo, as mulheres gastam 25,2 horas semanais com afazeres domésticos, enquanto os homens, 10,4 horas semanais. Ou seja, em um cenário há uma sobrecarga de atividades para a mulher em relação ao homem na ordem de 80%, e em outro, de mais de 140%. A justificativa para essas relações passa pelo maior equilíbrio de papéis de gênero nas uniões de homens e mulheres mais escolarizados.

Pressupõe-se, nesta tese, que há *assortative mating* positivo de valores, característica mensurada neste trabalho pela seletividade matrimonial de atitudes. A relação entre valores e atitudes não é trivial, mas há associação significativa entre as duas medidas. Segundo Schwartz (1992, 1994), valores são crenças que ultrapassam situações específicas e orientam na avaliação de comportamentos. Valores são estruturas abstratas e ligadas à moral e relativamente constantes ao longo da vida, com princípios orientadores de ações e atitudes específicas (Pato-Oliveira & Tamayo, 2002). Ou ainda, valores são normas ou objetivos de vida que servem como princípios que orientam a vida das pessoas (Schultz & Zelezny, 1999).

A definição de atitude relaciona-se com a avaliação ou opinião a respeito de uma situação, conceito ou comportamento. Segundo Rodrigues *et. al.* (1999, p.100), a atitude é “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto”. Atitude é a tendência a responder positivamente ou negativamente em relação a uma ideia, situação ou pessoa. As atitudes são influenciadas pela compreensão cognitiva, pelas normas e pelos valores, emoções e sentimentos.

Há estudos que mostram que o valor, embora muito mais abrangente, pode ter algumas das suas facetas expressas pela mensuração de atitudes. Por isso, neste trabalho, assume-se que as medidas sobre o compartilhamento com o cônjuge de atitudes sexuais, sociais e de religião, de padrões morais e de opiniões políticas compõem um constructo de homogamia de valores.

Em razão desta relação causal entre valor e atitude, torna-se possível a captação indireta de um valor ao analisar atitudes relacionadas a ele. Por exemplo, os cônjuges com valores mais conservadores acreditam na instituição do casamento como algo para a vida toda (Dush *et. al.*, 2008) e possuem atitudes e comportamentos que refletem esse valor. Por isso, há potencial de redução de conflitos e uma presumida maximização da felicidade marital.

2.4 Felicidade

O termo felicidade associa-se, frequentemente, à subjetividade de seu conceito (McMahon, 2007). Easterlin (2001b) e Veenhoven (1997) definiram felicidade como a avaliação global da vida, em vez de um domínio específico, como o trabalho ou a condição física. Trata-se de uma avaliação positiva da qualidade de vida. Adotando perspectiva semelhante, Yang (2008), Veenhoven (1997) e Graham (2008) defenderam que a felicidade é considerada o melhor indicador de qualidade de vida. Apesar de ser conceituada amplamente, a felicidade pode ser mensurada por meio da análise de variáveis próximas e mais objetivas ou por meio de variáveis subjetivas, obtidas, por exemplo, por meio da opinião do indivíduo sobre a sua percepção da própria felicidade (Veenhoven, 1996; Graham, 2008).

Entre as variáveis mais objetivas, destaca-se o uso da *Affect Balance Scale* (Bradburn, 1969), que analisa os eventos positivos e negativos das semanas anteriores com base em dez itens, medindo características como cansaço, falta de interesse, depressão e tédio. De acordo com Bradburn (1969), a felicidade é o grau em que os sentimentos positivos de uma pessoa superam os negativos. Já a *Affect Balance Scale* é o instrumento mais indicado para comparações da felicidade entre países no mesmo período, afirmou Veenhoven (1996).

Há ferramentas semelhantes encontradas na literatura, como o *General Wellbeing Schedule* (Fazio, 1977), que procura captar a ausência de depressão e ansiedade por meio de 33 itens, como ansiedade, depressão, bem-estar, auto controle, entre outros. O *Affectometer 2*, de autoria de Kammann & Flett

(1983) tem o objetivo de medir afetos positivos e negativos através de 20 itens que descrevem estados de humor positivos e negativos. Com o mesmo objetivo foi criado o *PANAS - Positive & Negative Affect Schedule* (Watson *et. al.*, 1988), que avalia o humor dos indivíduos em duas escalas de 10 itens com escores de 1 a 5. Essas ferramentas utilizam definições de felicidade elaboradas por pesquisadores e são adequadas aos objetivos dos estudos que as adota.

A *Subjective Happiness Scale* (Lyubomirsky & Lepper, 1999) utiliza a percepção do respondente sobre a sua felicidade em 4 itens, sendo que somente uma das questões seja sobre o quão feliz a pessoa se considera. Já a *Satisfaction with Life Scale* (Diener *et. al.*, 1985) faz uso da declaração do grau de satisfação com a vida por meio de 5 itens, e não da declaração do grau de felicidade.

As informações sobre satisfação, que também são auto-declaradas, são importantes para validar as medidas de felicidade, uma vez que as duas medidas são altamente correlacionadas. A utilização do conceito de felicidade como o grau de satisfação no presente foi utilizada por Veenhoven (1997) e Corbi & Menezes-Filho (2006).

Quando a forma de medir felicidade é mais subjetiva, por meio da autopercepção, o conceito de felicidade é específico de cada indivíduo e sofre variações de acordo com a cultura e o período de análise (Lyubomirsky, 2008). De acordo com Graham (2008), há diferenças na definição de felicidade entre as culturas, sendo fundamental para a solidez dos estudos que os mesmos não tentem definir o que é felicidade.

Dado que a felicidade é subjetiva e pessoal, Lyubomirsky (2008) e Frey & Stutzer (2002) afirmaram que a informação fornecida pela própria pessoa é a que tem melhor qualidade, afinal, só ela teria condições de avaliar se é ou não feliz. Justifica-se, portanto, a escolha da autopercepção da felicidade como o indicador de bem estar utilizado na investigação sobre a felicidade com a união. Trata-se de uma medida de bem-estar que engloba todos os aspectos

relacionados ao bem estar na união e, principalmente, o impacto que esses aspectos têm na percepção de felicidade de cada indivíduo.

Ao adotar a autopercepção de felicidade é importante ter conhecimento das principais limitações dessa variável. Veenhoven (1997) e Corbi & Menezes-Filho (2006) reconheceram que existem ponderações ao utilizar a autopercepção de felicidade, uma vez que a maioria das pessoas não teria uma opinião formada sobre a felicidade. Veenhoven (1997) mostrou ainda que oitenta por cento dos norte-americanos pensam sobre a própria felicidade uma vez por semana, além de o índice de “não-resposta e “não sei” ser próximo de 1%. Logo, por mais que as pessoas não consigam definir o que é felicidade, há evidências de que grande parte delas sabe se é ou não feliz.

Uma crítica levantada por Veenhoven (1997) e Corbi & Menezes-Filho (2006) é que muitas pessoas podem confundir a real felicidade com o que as outras pessoas pensam sobre a felicidade delas. Um exemplo é a associação positiva do senso-comum entre alto nível de renda e de felicidade. Assim, pessoas com maior renda se declarariam mais felizes do que realmente são, e aqueles mais pobres informariam um nível de felicidade menor do que o real. Veenhoven (1996) salienta também que distorções como respostas superestimadas, devido ao desejo de ser feliz ou pelo fato de a pessoa se perceber mais feliz do que a média, também podem ocorrer. Entretanto, isso não pode desqualificar resultados de alta prevalência de pessoas felizes, uma vez que essas distorções nem sempre ocorrem e, se acontecessem, haveria alta correlação com os erros das respostas de autopercepção de saúde (Frey & Stutzer, 2002).

Hadley Cantril (1965) demonstrou que, por mais que cada pessoa tenha seu próprio conceito de felicidade, os principais determinantes da felicidade percebidos pelas pessoas são a família, a saúde, a situação financeira e o emprego. Na literatura, os principais determinantes da felicidade são: a renda, a condição de ocupação, o nível educacional, o estado civil, o sexo, a raça/cor, a saúde, a idade, a liberdade política e econômica, entre outros. Embora haja associação entre tais variáveis e a felicidade, no caso deste trabalho serão discutidas somente as relações da felicidade com sexo e estado civil, uma vez

que as análises serão feitas separadamente entre homens e mulheres, e somente para os unidos formalmente.

Alguns estudos (Yang, 2008; George, 1981 apud Yang, 2008) consideram felicidade e satisfação como termos sinônimos, e os intercalam aleatoriamente ao longo do texto. Além disso, há estudos empíricos mostrando a alta correlação entre as duas medidas (Veenhoven, 1996; Blanchflower & Oswald, 2004; Graham & Pettinato, 2002 apud Graham, 2008; George, 2006 apud Yang, 2008), além de essas medidas possuírem vários determinantes em comum (Veenhoven, 1996; George, 2006 apud Yang, 2008). De acordo com Graham (2008), geralmente, os psicólogos preferem avaliar a satisfação com a vida em vez da felicidade, ainda que a semelhança entre as respostas seja grande.

Muitas pesquisas investigaram a relação entre o sexo do indivíduo e seu nível de felicidade, tema sobre o qual não existe consenso na literatura. Em um estudo com mais de 150 mil entrevistados, Inglehart (1990) concluiu que os níveis de satisfação com a vida de homens e de mulheres eram equivalentes. Todavia, ao investigar os determinantes empíricos da felicidade, Corbi & Menezes-Filho (2006) encontraram para o Brasil, com dados da WVS, resultados estatisticamente significativos com relação ao sexo. As mulheres teriam maior probabilidade de serem infelizes e os homens, de serem mais felizes (Oswald, 1997; Corbi & Menezes-Filho, 2006).

Estudos diversos indicam que há uma tendência de redução do diferencial de felicidade entre os sexos. Nos EUA, entre 1970 e 1990, o diferencial de felicidade entre homens e mulheres diminuiu: as mulheres estariam mais infelizes e os homens mais felizes (Easterlin, 2001b). Resultado semelhante foi encontrado por Blanchflower & Oswald (2004), que investigaram o diferencial de felicidade entre os sexos nos EUA e na Inglaterra para o mesmo período. Os autores observaram que, mesmo as mulheres apresentando níveis de felicidade superiores aos níveis de felicidade dos homens, a felicidade feminina tenderia a cair.

Stevenson & Wolfers (2009), com dados da Eurobarometer, constataram uma tendência de aumento da felicidade na Europa, mas com o crescimento masculino maior do que o feminino. Eles analisaram separadamente as tendências de 12 países europeus (Alemanha Ocidental, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal) e verificaram que a redução da felicidade relativa das mulheres apresentou magnitude semelhante em todos os países, exceto na Alemanha Ocidental. Os autores observaram, ainda, que nos países em que as mulheres mais conquistaram espaço, os industrializados, elas também tiveram um crescimento relativo da felicidade menor do que os homens.

Os resultados sobre o diferencial entre os sexos são bem mais expressivos quando a forma de análise deixa de ser o período e passa a ser o ciclo de vida. Segundo Marcelli & Easterlin (2007 *apud* Plagnol & Easterlin, 2008), as mulheres são mais felizes no início da vida adulta, mas terminam essa fase menos felizes do que os homens. Os autores justificam essa inversão entre os sexos pela diferença das aspirações de homens e mulheres com relação à família e à riqueza. Ao longo da vida, tanto a família quanto a riqueza mudam. No início da vida adulta a família se forma e os rendimentos são relativamente baixos e, no final, os filhos saem de casa e a riqueza acumulada é muito superior àquela inicial. Como o peso de cada um desses setores seria diferente entre homens e mulheres, a felicidade seria a combinação entre os pesos atribuídos à família e à riqueza, bem como à mudança dos mesmos ao longo do ciclo de vida. As mulheres valorizariam mais a família, e os homens, a riqueza. Resultados semelhantes foram constatados por Plagnol & Easterlin (2008), sendo esses resultados justificados pela proporção de homens e mulheres em uniões maritais. Esse efeito do casamento reforçaria a diferença da felicidade entre homens e mulheres no final da vida adulta e no início da velhice.

O estado civil tem notável influência sobre a felicidade. Easterlin (2003) utilizou dados de coortes nascidas entre 1953 e 1972 nos EUA e verificou um aumento significativo da felicidade entre os indivíduos que se casaram. Segundo o autor, isso não ocorreu porque os mais felizes se casaram, uma vez que a felicidade média do grupo dos solteiros se manteve constante à medida que as pessoas

casavam-se. Easterlin concluiu ainda que o recasamento tem o mesmo efeito positivo do primeiro casamento e que a felicidade não diminui ao longo do segundo casamento. Já o divórcio e a viuvez ocasionaram uma queda da felicidade para um nível inferior ao nível dos que nunca haviam casado.

Resultados semelhantes foram apresentados por outros autores. Frey & Stutzer (2000) utilizaram dados de mais de seis mil residentes na Suíça e observaram que casais sem filhos são mais felizes do que os solteiros, do que os pais solteiros e do que as pessoas que vivem em residências coletivas.

Para o Brasil, Corbi & Menezes-Filho (2006) concluíram que, em média, as pessoas casadas são mais felizes do que as outras. Clark & Oswald (1994) afirmaram que a redução da felicidade ocorre, dentre outros fatores, devido ao divórcio. Os benefícios das uniões para o indivíduo vão além da felicidade. Waite (1995) percebeu que o casamento conecta o indivíduo a outros grupos sociais, além de diminuir a probabilidade de morte. Já Watson (2000), *apud* Ferraz (2007), encontrou evidências de que a felicidade causaria o casamento, uma vez que entre as pessoas muito felizes o grupo das casadas tinha grande representatividade.

Essa causalidade reversa sobre se as uniões tornam as pessoas mais felizes ou se os mais felizes optam pela união, motivou toda pesquisa envolvida nesta tese. Além desta causalidade reversa, diversos estudos apontam ainda outra relação, entre pessoas felizes e pessoas felizes com a união. Antes de explorar a relação entre homogamia de valores e felicidade conjugal, se faz necessária a compreensão dos conceitos de qualidade e felicidade marital.

2.5 Qualidade e felicidade marital

A qualidade marital é o assunto mais frequentemente estudado nas pesquisas sobre casamento (Fincham & Linfield, 1997), e tem sido considerada cada vez mais uma característica importante da vida adulta (Umberson *et. al.*, 2005). A importância de se estudar a qualidade marital extrapola o bem estar do casal,

uma vez que ela influencia diretamente o bem estar das crianças (Amato *et. al.*, 1995). Há evidências na literatura de que filhos de casais que vivem mais felizes e com menos conflitos são mais saudáveis, apresentam menos problemas cognitivos e melhores resultados escolares. Crescer em famílias com baixos níveis de qualidade marital ou recém-divorciadas está negativamente associado às questões emocionais na adolescência (Vandervalk *et. al.*, 2004). Os efeitos intergeracionais da qualidade marital não permanecem somente na infância dos filhos. Webster *et. al.* (1995) observaram que entre os indivíduos com casamentos menos felizes, aqueles que foram criados por pais divorciados têm maior risco de se divorciar e de pensar que o casamento pode ser um problema em relação aos pares que cresceram em famílias de pais não divorciados.

Além da transmissão intergeracional, a qualidade das uniões tem desdobramentos na própria geração, e um exemplo seria a produtividade do casal. Pessoas que vivem bem no relacionamento conjugal são, em geral, mais produtivas no mercado de trabalho. O efeito transbordamento da família para o trabalho é frequentemente associado a problemas de saúde física e mental, além do resultado econômico dessa perda de produtividade (Sandberg *et. al.*, 2012). Sandberg *et. al.* (2012) encontraram indícios de que a existência de conflitos no casamento é fator preditor de depressão, problemas de saúde (física) e insatisfação no trabalho entre os cônjuges.

As múltiplas consequências da qualidade marital sobre indicadores de bem-estar intra e intergeracionais refletem a sua multidimensionalidade intrínseca. Dush *et. al.* (2008), por exemplo, sugerem que a combinação da felicidade marital com outras dimensões como problemas e conflitos conjugais, suporte social e violência doméstica seja uma maneira de definir e mensurar qualidade marital. Em alguns casos, tais dimensões são associadas a um indicador único de qualidade marital (Stanley, 2007 *apud* Dush *et. al.*, 2008), como é o caso deste trabalho, que utiliza unicamente uma variável sobre felicidade marital.

A seguir, discutem-se as variáveis associadas à felicidade marital. Embora a literatura não aborde essas relações para o Brasil ou América Latina, a investigação dos determinantes da felicidade marital no Brasil baseia-se nesta

revisão. Os principais determinantes demográficos da felicidade marital apontados pela literatura são gênero, raça/cor, religião, idade, idade ao casar, duração da união, coabitação antes da união formal, recasamento e filhos.

As associações foram encontradas, principalmente, em estudos sobre a população europeia e norte americana, e ainda não se sabe como são essas relações para o caso brasileiro. A literatura mostra que, via de regra, os menos favorecidos economicamente e emocionalmente e com menor nível educacional e de saúde apresentam pior qualidade marital (Waite, 1995). Esse padrão é claramente observado por Umberson *et. al.* (2005), que verificaram que os menores níveis iniciais de qualidade marital são dos afro-americanos e das mulheres. Segundo os autores, esse resultado se encaixa na noção geral de que o casamento seria mais estressante para as mulheres e para os negros (White, 1990 *apud* Amato *et. al.*, 2004). De forma análoga às questões de gênero e de raça/cor, a religião também atua como fator de proteção para o divórcio. Pesquisas anteriores apresentaram indícios de que a associação entre a qualidade marital e a religião é forte e positiva (Hunler & Gençoz, 2005; Myers, 2006).

A relação entre a felicidade conjugal e a idade é, de uma forma geral, positiva (Umberson *et. al.*, 2005). Indivíduos mais velhos tendem a ser mais maduros e menos impulsivos. Contudo, Umberson *et. al.* (2005) e VanLaningham *et. al.* (2001) ressaltam a dificuldade em separar efeitos de coorte e de idade em estudos longitudinais de curta duração. As experiências de casamento, as mudanças na escolaridade, no empoderamento feminino e na fecundidade podem afetar os resultados. Em termos de efeito de coorte, Glenn (1998 *apud* Dush *et. al.*, 2008) defende que coortes mais velhas apresentam maior felicidade marital porque na época em que se casaram, o apoio para o casamento era mais forte, e os casais eram mais comprometidos com a instituição do casamento, inclusive com a ideia de casamento para a vida toda.

A relação com a idade ao casar reforça a ideia de maturidade. As pessoas que se casam em idades jovens, especialmente os adolescentes, estão mais propensas a serem infelizes no casamento, e a se divorciarem (Booth & Edwards, 1985). Segundo os autores, os jovens tem menor experiência na

procura de parceiros adequados, tem menos recursos financeiros e são menos maduros.

Por outro lado, a associação entre a qualidade marital e a duração do casamento não é bem definida. Os primeiros estudos com dados transversais dos Estados Unidos mostravam um declínio da qualidade marital nos primeiros anos de casamento, e um posterior aumento, como um formato de “U” (Glenn, 1989 *apud* Dush *et. al.*, 2008; Orbuch *et. al.*, 1996). Uma das críticas a esses resultados seria a seleção adversa, já que casamentos infelizes tendem a terminar, restando apenas os casamentos de maior qualidade entre os indivíduos de idades mais avançadas (Umberson *et. al.*, 2005). Além disso, destaca-se o efeito de aprendizado, que seria explicado pelo convívio e a convergência de valores durante a convivência conjugal (Fenell, 1993 *apud* Young, 2004).

Há, contudo, trabalhos mais recentes e com dados longitudinais, que mostram que a duração do casamento está relacionada com a redução da qualidade marital (Umberson *et. al.*, 2005; VanLaningham *et. al.*, 2001). Os resultados de Umberson *et. al.* (2005) apontam para a importância de se considerar as transições familiares e a multidimensionalidade do tempo ao analisar essa relação. Segundo os autores, a mudança na qualidade marital ao longo do ciclo de vida depende da idade, da duração do casamento, do fato de ter ou não filhos e da fase do ciclo de vida familiar em que o casal se encontra. Eles chamam atenção também para o perfil jovem e de recém-casados que compõem a maioria das amostras utilizadas nos trabalhos longitudinais, e que tendem a captar somente a fase inicial do casamento, um período com menor carga de conflitos e estresse conjugal (Umberson *et. al.*, 2005).

Enquanto a relação entre qualidade marital e duração das uniões ainda é ambígua, a associação com o recasamento é bem mais clara. Ser casado mais de uma vez é negativamente relacionado com a felicidade marital. Cônjuges no primeiro casamento tendem a ser mais felizes e a relatar maior qualidade marital do que aqueles que já foram casados alguma vez (Booth & Edwards, 1992 *apud* Corra *et. al.*, 2009). Indivíduos que estão no segundo (ou de ordem maior) matrimônio são mais propensos a se divorciar (White, 1990).

A presença e o número de crianças em casa também tem relação negativa com a qualidade marital (Dew & Wilcox, 2011; Tsang *et. al.*, 2003), sendo esta uma das características contextuais mais importantes do casamento (Umberson *et. al.*, 2005). Casais com filhos relatam menor felicidade marital (Dew & Wilcox, 2011; Orbuch *et. al.*, 1996; Tsang *et. al.*, 2003). Um dos argumentos seria a redução da quantidade e qualidade da dedicação ao cônjuge, uma vez que ter crianças em casa aumenta o tempo dedicado às tarefas domésticas e ao cuidado do filho (Helms-Erickson, 2001 *apud* Umberson *et. al.*, 2005).

A transição para o primeiro filho parece ter uma associação negativa com a felicidade marital para as mulheres, e essa relação está mais forte atualmente do que há alguns anos. Dew & Wilcox (2011) argumentam que isso ocorreria devido a uma redução do tempo dedicado ao cônjuge e pelo aumento do serviço doméstico. Com a chegada dos filhos, as mulheres passam a experimentar um volume de trabalho doméstico muito maior do que antes, e isso afetaria diretamente a qualidade da união. Os autores justificam ainda que a redução nos rendimentos, devido ao declínio no tempo dedicado ao trabalho, aumentaria a sensação de injustiça e, conseqüentemente, esse efeito seria mais forte quanto maior a independência e o empoderamento da mulher. Há, contudo, críticos quanto à existência dessa associação. White *et. al.* (1986) discutem se, de fato, ter filhos diminui a qualidade marital. Para eles, a presença das crianças diminui a probabilidade dos casamentos ruins terminarem em divórcio.

A coabitação antes do casamento é comumente associada negativamente à qualidade marital (Dush *et. al.*, 2003; Jose *et. al.*, 2010). As primeiras pesquisas justificavam essa relação negativa argumentando que o perfil dos indivíduos que coabitavam antes do casamento era mais reativo às normas e, por isso, não percebiam o matrimônio como uma instituição de longa-data. Contudo, com o passar do tempo, a coabitação passou a ser mais aceita e o perfil daqueles que coabitam não é mais o mesmo, havendo, inclusive, um enfraquecimento na relação entre coabitar e problemas no casamento (Dush *et. al.*, 2003).

Booth & Johnson (1988) acreditam que a seleção em coabitação é a responsável pela relação negativa com a qualidade marital. As mesmas características que levam as pessoas a coabitar antes do casamento, como o perfil não convencional ou restrições econômicas, também aumentam o risco de problemas conjugais posteriores. A literatura argumenta que as pessoas, ao optar por coabitar, não seriam tão exigentes na escolha do parceiro quanto se a escolha fosse para o casamento, e que o nascimento de filhos e o crescimento de compromissos conjuntos (dívidas ou compromissos sociais, por exemplo) levariam o casal a formalizar a união posteriormente. Entretanto, Blackwell & Lichter (2004) ao analisar a diferença de homogamia/heterogamia de raça/cor, religião e educação de casais que namoram, que vivem em união consensual que são unidos formalmente, concluem que não há grandes divergências nos critérios para a escolha de um eventual o namorado(a), parceiro(a) de união ou cônjuge

Por outro lado, estudos longitudinais indicam que a coabitação tende a enfraquecer o comprometimento das pessoas com a norma do casamento ao longo da vida, o que poderia minar a estabilidade conjugal com o passar do tempo. Portanto, o fato de ter fraco comprometimento com as normas de longa-data do casamento levariam os cônjuges a tomar atitudes pró-divórcio, o que geraria baixos níveis de qualidade marital (Amato & Rogers, 1999).

No caso do Brasil, ainda não há estudos sobre a relação entre a coabitação antes da formalização da união e a qualidade marital, mas Esteve *et. al.* (2012a, 2012b) observaram os padrões de coabitação no país. Segundo os autores, no Brasil há dois tipos de indivíduos que coabitam sem formalizar a união: a coabitação por necessidade e a coabitação por opção. O primeiro grupo é formado por pessoas com níveis educacionais e econômicos mais baixos e a coabitação seria uma forma de economia de escala. O segundo grupo opta por viver junto para testar o relacionamento, ou por falta de comprometimento com a instituição do casamento, por exemplo. Ainda sobre os tipos de coabitação, Heuveline & Timberlake (2004) identificaram teoricamente seis tipos de coabitação e testaram a aderência destes modelos em 17 países (14 da Europa, Estados Unidos, Canadá e Nova Zelândia). Entre os seis modelos, 1) o primeiro considera a coabitação como substituto do

casamento, 2) o segundo considera a coabitação como um teste para o casamento, 3) o terceiro considera a coabitação como um estágio do casamento, 4) o quarto considera a coabitação como uma forma de não morar sozinho (mas sem ter a pretensão de constituir família), 5) o quinto considera a coabitação como um comportamento marginalizado pela sociedade e, por fim, 6) o sexto, que considera a coabitação com total indiferença ao casamento .

As variáveis socioeconômicas da educação, do emprego e da renda também estão relacionadas com a felicidade marital. De uma forma geral, os cônjuges que tem níveis mais elevados de renda e educação tem maior qualidade marital (Amato *et. al.*, 2004). Amato *et. al.* (2004) argumentam que maiores níveis de educação e renda estão associados a fatores (por exemplo, melhores habilidades de comunicação, menor risco de depressão, e maior controle pessoal) que levam a maiores níveis de qualidade marital. Zedeck *et. al.* (1988 *apud* Blair, 1998) observaram que os ganhos do cônjuge tem um impacto direto sobre a vida familiar, de modo que um aumento no salário, obviamente, eleva o padrão de vida para a família e, o que afeta positivamente a qualidade marital. Por outro lado, os pesquisadores observaram os efeitos do emprego sobre a qualidade conjugal. O número de horas passadas no local de trabalho e a rotina de trabalho são frequentemente citados como fatores relacionados a avaliações negativas de qualidade dos cônjuges (Blair, 1998).

O fato de não trabalhar também está relacionado com a qualidade conjugal. Myers & Booth (1996) descobriram que a aposentadoria foi associada com qualidade marital maior quando os maridos deixaram empregos de alta tensão. O efeito do desemprego⁹, por sua vez, associa-se negativamente com qualidade da união. No caso da falta de emprego, a relação é reforçada pelo efeito mediador da felicidade do indivíduo, uma vez que o desemprego, mesmo mantendo o nível de renda, afeta o bem estar da pessoa (Blanchflower, 1996; Frey & Stutzer, 2000), o que, por sua vez, está negativamente associado com níveis baixos de qualidade marital (Dush *et. al.*, 2008).

⁹ No caso do homem, o efeito do desemprego tem relação com a renda e o estresse psicológico. Para as mulheres, estar empregada por um longo tempo, aumenta o conflito conjugal (Davey & Szinovacz, 2004).

A falta de comprometimento e de crença na instituição do casamento e na sua importância para a realização pessoal tem relação negativa com a qualidade conjugal (Amato *et. al.*, 2004; Dush *et. al.*, 2003; Dush & Taylor, 2012). Além das transformações do papel da mulher no mercado de trabalho e na sociedade como um todo, o aumento nos valores individualistas, que supervalorizam a auto-realização, pode ter prejudicado o comprometimento das pessoas com o casamento como algo para a vida toda. Soma-se a isso, a ideia, cada vez mais comum na América Latina, de que o casamento seria uma instituição antiquada (Esteve *et. al.*, 2013).

Por outro lado, o crescimento do número de evangélicos no Brasil, principalmente os de origem pentecostal, e de outras religiões que valorizam o casamento, aponta para outra direção. Isso porque, segundo Cisco-Evangelista & Menandro (2011), os evangélicos consideram o casamento como uma instituição eterna, desconsiderando qualquer possibilidade de divórcio (Cisco-Evangelista & Menandro, 2011). Para os autores, “a crença na indissolubilidade do casamento contribui para que haja segurança na estabilidade do relacionamento, o que proporciona um contexto em que tentativas de resolução de conflitos, por parte de ambos os cônjuges, possam acontecer de forma pacífica e satisfatória, uma vez que existe uma meta que é claramente compartilhada, que é comum a ambos os cônjuges” (Cisco-Evangelista & Menandro, 2011 p. 7).

Ainda sobre o conservadorismo, Myers (2006) afirma que os indivíduos mais tolerantes ao divórcio podem preferir abandonar o casamento para viver sozinhos ou com um novo parceiro, ao invés de investir recursos para tentar se manter no relacionamento. Por outro lado, aqueles com uma forte crença na permanência conjugal tendem a investir mais tempo e esforços na tentativa de resolver as divergências e problemas conjugais. Algumas teorias sobre os modelos de casamento apresentadas por Wilcox & Nock (2006) complementam a compreensão das associações entre as relações e atitudes de gênero, conservadorismo e qualidade marital.

A literatura aponta que casais comprometidos com o casamento tendem a adotar menos atitudes pró-divórcio. As pessoas mais conservadoras com

relação ao casamento escolheriam com mais cuidado o parceiro com quem se casariam, uma vez que a ideia inicial seria um casamento para toda a vida. Em situações de conflito ou de histórico de desgaste do relacionamento, a associação entre o tradicionalismo e a qualidade marital é negativa.

Valores e princípios a favor da igualdade entre os gêneros são, muitas vezes, transmitidos pelos pais durante a infância, ou adquiridos ao longo da vida com a educação ou experiência profissional (Amato & Booth, 1995). As mudanças nas atitudes de gênero podem explicar parte dos problemas conjugais nos casamentos recentes (Rogers & Amato, 1997), principalmente naqueles em que há heterogamia de gênero entre o casal. Amato & Booth (1995) concluíram que os maridos que se tornaram mais igualitários ao longo do casamento relataram aumento da felicidade conjugal. A redução dos conflitos e atritos seria uma das justificativas. As consequências das mudanças de atitudes sobre a qualidade conjugal, no entanto, podem variar entre homens e mulheres. Os autores observaram que a adoção de atitudes de gênero menos tradicionais está associada à qualidade marital menor entre as mulheres, e maior qualidade marital entre os maridos. Essa diferença pode ocorrer porque as mulheres que adotam pontos de vista menos tradicionais, muitas vezes encontram resistência de seus maridos, enquanto os maridos que adotam pontos de vista menos tradicionais, costumam receber apoio de suas esposas.

Possuir ideais de igualdade de gênero no matrimônio faz com que muitas mulheres se sintam injustiçadas quando os maridos são mais tradicionais quanto a esse quesito (Blair, 1998). No mesmo sentido, Hochschild & Machung (1989, *apud* Frisco & Williams, 2003) perceberam que homens tradicionais quanto aos papéis de gênero no casamento se sentem ameaçados por esposas bem sucedidas profissionalmente e com ideais mais igualitários.

Os resultados do trabalho de Dasgupta & Basu (2011) indicam que famílias em que a esposa não trabalha possuem uma associação negativa entre atitudes mais igualitárias e qualidade marital. Isso pode ter relação com o contexto cultural, já que o estudo usa dados de casais indianos de classe média e alta.

Amato *et. al.* (2004) perceberam uma relação positiva, ou seja, quanto maior o conservadorismo em relação ao casamento, maior a qualidade marital. Resultado semelhante foi encontrado por Dush *et. al.* (2008) e Dush & Taylor (2012), no caso de casais com trajetórias de alta qualidade marital e sem histórico de conflitos conjugais, respectivamente. Por outro lado, quando a trajetória do casal é de baixa qualidade marital ou com histórico de conflitos conjugais, a relação passa a ser negativa. Isso significa que quanto mais conservadores forem esses casais, menor a qualidade marital.

2.6 Homogamia de valores e felicidade marital

A hipótese deste trabalho é de que há associação positiva entre homogamia de valores e felicidade marital. E a principal justificativa advém do potencial da similitude de valores na redução de conflitos no relacionamento conjugal. Conforme Kalmijn (1994) dissertou, casais com valores, opiniões e preferências semelhantes tendem a reduzir eventuais atritos gerados ao longo da convivência matrimonial.

Justifica-se essa hipótese, também, pela interface com o *Modelo de Companheirismo de Casamento*, proposto por Wilcox & Nock (2006). Este modelo pode ser entendido como o oposto do modelo tradicional (em que um dos cônjuges se especializa em funções domésticas e familiares e o outro, em funções mais ligadas à vida profissional)¹⁰. O *Modelo de Companheirismo de Casamento* baseia-se no compartilhamento entre o casal das responsabilidades profissionais e familiares, o que aumenta empatia, a compreensão mútua e a qualidade do tempo dedicado ao cônjuge. É característica desse modelo a eliminação da autoridade patriarcal, o que é considerado por Wilcox & Nock (2006, p.1322) como um “mecanismo-chave para a promoção da intimidade conjugal” (tradução livre), uma das dimensões

¹⁰ A teoria é válida, embora esse argumento vá de encontro com a teoria de Becker sobre a especialização do trabalho e a maximização da utilidade do casamento. Justifica-se essa aparente contradição com a sugestão para futuros trabalhos que investiguem, nesse contexto de especialização do trabalho, o efeito interativo da escolaridade.

da qualidade marital. Segundo os autores, o exercício da autoridade e do poder costuma ser associada com o distanciamento entre os cônjuges. Este Modelo considera o compartilhamento de valores entre o casal, como os valores relacionados à igualdade de gênero e os valores relacionados à união.

Portanto, a hipótese principal proposta neste trabalho assume que apresentam maior qualidade marital os indivíduos unidos com outros com valores similares.

3 DADOS E METODOLOGIA

Para atingir os objetivos deste trabalho serão utilizados os dados advindos da pesquisa amostral *World Values Survey*. Uma análise descritiva dos dados utilizados auxilia na compreensão do problema de pesquisa. Ademais, serão adotadas técnicas diversas para investigar a relação entre a homogamia de valores e a felicidade marital e para a análise dos determinantes da felicidade marital.

3.1 Felicidade marital: formas de mensuração

Segundo Dush *et. al.* (2008), a felicidade marital pode ser entendida como uma das várias dimensões da qualidade marital. Além da felicidade conjugal, as autoras apontam os problemas e conflitos conjugais, o suporte social e a violência doméstica como outras dimensões da qualidade marital.

As dimensões da qualidade conjugal mais frequentemente analisadas na literatura empírica são problemas ou conflitos conjugais¹¹, felicidade/satisfação¹² ou interação¹³ marital. O grau de compreensão e a fidelidade do cônjuge¹⁴, e indicadores relacionados ao amor¹⁵ e ao sexo¹⁶

¹¹Amato & Booth (1995), Amato *et. al.* (2004), Dush & Taylor (2012), Forry *et. al.* (2007), Frisco & Williams (2003), Maume & Sebastian (2012), Mickelson *et. al.* (2006), Myers (2006), Xu & Lai (2004)

¹² Amato & Booth (1995), Amato *et. al.* (2004), Blair (1998), Mickelson *et. al.* (2006), Myers (2006)

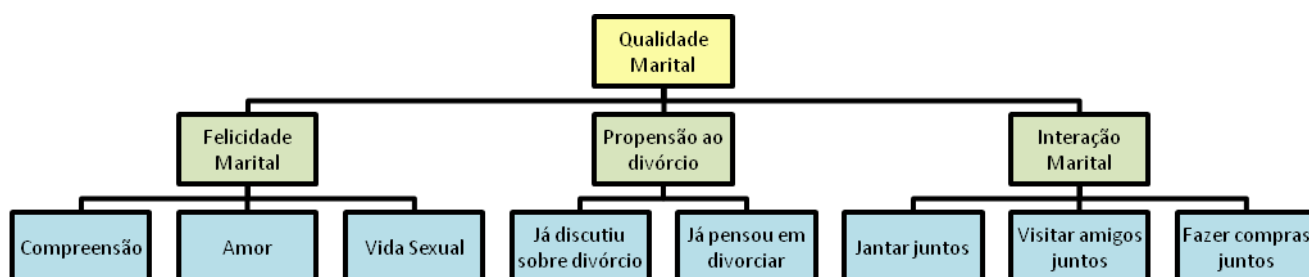
¹³ Amato & Booth (1995), Amato *et. al.* (2004), Dush *et. al.* (2008), Dush & Taylor (2012), Frisco & Williams (2003), Maume & Sebastian (2012)

¹⁴Dush *et. al.* (2008), Dush & Taylor (2012), Frisco & Williams (2003), Maume & Sebastian (2012)

¹⁵Dush *et. al.* (2008), Dush & Taylor (2012), Forry *et. al.* (2007), Frisco & Williams (2003), Maume & Sebastian (2012)

também foram sugeridos na literatura como dimensões da qualidade marital, além da avaliação global da união¹⁷. Com base na Figura 1, feita com informações disponibilizadas por Amato *et. al.* (2004), a qualidade marital é apresentada como um construto da felicidade marital, da propensão ao divórcio e da interação conjugal. Por sua vez, a felicidade marital seria mensurada por indicadores de compreensão, vida sexual e amor entre o casal. Os valores da propensão ao divórcio dependeriam se o casal já discutiu sobre divórcio e se já pensou em se divorciar. A interação conjugal seria função de o casal jantar, visitar amigos e fazer compras juntos.

Figura 1: Dimensões da qualidade marital e indicadores da felicidade marital, da propensão ao divórcio e da interação marital



Fonte: Amato *et. al.* (2004)

Legenda:

■ Dimensões

■ Indicadores

Devido ao caráter iminente multidimensional e latente da qualidade marital, alguns autores criticam a adoção de uma pergunta única sobre a medida (Amato *et. al.*, 2007). Como a felicidade marital também é um construto geralmente representado por vários indicadores, diversos autores recomendam não fazer o uso exclusivo de perguntas globais para mensurá-la (Dush *et. al.*, 2008). Contudo, em diversos trabalhos tais dimensões foram associadas a um

¹⁶Dush *et. al.* (2008), Dush & Taylor (2012), Frisco & Williams (2003), Maume & Sebastian (2012)

¹⁷ Dew & Wilcox (2011), Dush *et. al.* (2008), Dush & Taylor (2012), Frisco & Williams (2003), Kaufman & Tanigushi (2006)

indicador único de qualidade ou felicidade conjugal (Kaufman & Tanigushi, 2006; Wilcox & Nock, 2006; Stanley, 2007 *apud* Dush *et. al.*, 2008). No caso deste trabalho, a mensuração da felicidade marital é função dos dados sobre o tema disponíveis para o Brasil, o qual possui apenas uma pergunta global sobre satisfação com a vida em casa. Maiores detalhes serão dados adiante neste capítulo.

3.2 Bases de dados disponíveis e limitações para o caso brasileiro

As principais bases de dados com informações sobre felicidade e qualidade conjugal estão concentradas nos Estados Unidos. Entre os estudos longitudinais, destacam-se *Marital Instability over the Life Course* (Booth *et. al.*, 2003), *Adult Development Study* e *Americans' Changing Lives*. Há também as pesquisas transversais, como *Survey of Marriage and Family Life*, *National Survey of Families and Households*, *National Comorbidity Survey* e *National Survey of Family Growth*. A *General Social Survey* é, por seu turno, uma pesquisa em painel. A Tabela 1, a seguir, sintetiza algumas características destas bases de dados.

Entre as diversas bases de dados sobre o tema, há aquelas com dados completos do casal, ou que entrevistaram os dois cônjuges, como é o caso da *National Survey of Families and Households* e *Adult Development Study*, respectivamente. A grande vantagem de se ter uma pesquisa de opinião sobre relacionamento com as perguntas feitas para cada um dos membros do casal é evitar mensuração de regressores com padrões similares de erro (Wooldridge, 2002). Isso é importante, na medida em que uma das opções para solução de endogeneidade quando um regressor endógeno é instrumentalizado por um indicador é utilizar outro indicador correlacionado com o endógeno, mas não correlacionado com os demais regressores exógenos. Isso ocorre mais facilmente se os instrumentos advierem da resposta do cônjuge sobre a própria pessoa.

Tabela 1: Características de bases de dados sobre felicidade/qualidade marital

Base de Dados	Período	Local	Tipo	Instrumento
Marital Instability over the Life Course	1980-2000	EUA	longitudinal	telefone
Adult Development Study	1996-2006	Buffalo (EUA)	longitudinal	correspondência
Americans' Changing Lives	1986-2011	EUA	longitudinal	pessoalmente e telefone
Survey of Marriage and Family Life	2000	EUA	transversal	telefone
National Survey of Families and Households	1987-2003	EUA	transversal	pessoalmente
National Comorbidity Survey	1990-2002	EUA	transversal	pessoalmente
National Survey of Family Growth	1973-2009	EUA	longitudinal e transversal	pessoalmente e telefone
General Social Survey	1972-2014	EUA	longitudinal	pessoalmente, telefone e pelo computador
World Values Survey	1981-2014	Global	transversal	pessoalmente

Fonte: Booth *et. al.* (2003); Leonard (2015); ISR (2015); Sweet *et. al.*(1988); HMS (2015); CDC (2015); NORC (2015); WVS (2015)

Entretanto, para o Brasil ainda não existem bases de dados específicas sobre o tema, muito menos com informações fornecidas pelo entrevistado e pelo cônjuge relacionadas à felicidade conjugal e à homogamia de valores na união. Apesar dessa limitação, a *World Values Survey* (WVS) possui variáveis que possibilitam mensurar a felicidade marital e a homogamia de valores na união. As análises propostas nesta tese, portanto, podem ser respondidas com informações da WVS, que desde 1981 capta informações socioculturais, econômicas e políticas em mais de 80 países de todos os continentes. Como as informações disponíveis são de um dos membros do casal, basta que haja maior controle e cautela ao interpretar os resultados e relações. A seguir, serão detalhados os alcances e limitações da WVS.

3.2.1 World Values Survey

A *World Values Survey* (WVS) é uma pesquisa realizada por uma rede de cientistas sociais das principais universidades do mundo (WVS, 2009), fundada pelo pesquisador da Universidade de Michigan, EUA, Ronald Inglehart.

As amostras da WVS são representativas para cada país em que é aplicada e seus questionários são padronizados e aplicados por entrevistadores distribuídos em todo o território nacional. Um dos objetivos da organização da pesquisa é mensurar mudanças nos valores relacionados à religião, questões de gênero, democracia, governança, participação política, tolerância a outros grupos, proteção ao meio ambiente e bem-estar.

Ao todo, os dados coletados pela WVS para cada país são agrupados em seis rodadas de entrevista: 1981-1984, 1990-1994, 1995-1998, 1999-2004, 2005-2009 e 2010-2014. O Brasil participou da segunda, terceira, quinta e sexta rodadas, com as pesquisas realizadas em 1991, 1997¹⁸, 2006 e 2014, respectivamente. O tamanho das amostras para a WVS¹⁹ Brasil varia entre 1149 e 1782 indivíduos, conforme o ano da pesquisa. Os tamanhos das amostras das rodadas realizadas para o Brasil estão disponíveis na Tabela 2. Em 1991, a amostra tinha 1.782 respondentes, 1.149 entrevistados em 1997, 1.500 em 2006 e 1.486 em 2014. Em todos os casos, foram entrevistados homens e mulheres alfabetizados e com 18 anos ou mais de idade.

¹⁸ Ao acessar, em 2015, os dados atualizados da WVS, os dados do Brasil para 1997 não estavam disponíveis. No endereço eletrônico não consta qualquer justificativa para tal fato.

¹⁹ A WVS disponibiliza seis variáveis que podem ser usadas como fator de expansão da amostra. Há duas para ajustes específicos para cada país (*weight*, *weight [with split ups]*), em que há pequenos ajustes de representatividade por sexo e idade, urbano e rural ou, eventualmente, por escolaridade, mas preservam o tamanho da amostra. Outras quatro variáveis (*equilibrated weight-1000*, *equilibrated weight-1000 [with split ups]*, *equilibrated weight-1500* e *equilibrated weight-1500 [with split ups]*) são pesos de correção para uma amostra com tamanho $n=1000$ ou $n=1500$ (Medrano, 2015).

Tabela 2: Tamanho amostral das rodadas da *World Values Survey* para o Brasil em 1991, 1997, 2006 e 2014

Ano da Pesquisa	Tamanho Amostral
1991	1.782
1997	1.149
2006	1.500
2014	1.486

Fonte: WVS (1991, 1997, 2006, 2015)

A pesquisa ainda é pouco explorada no país (Corbi & Menezes-Filho, 2006), embora alguns trabalhos utilizando dados de saúde, felicidade e atitude ambiental já tenham sido empregados em casos que envolvam análises brasileiras (Guedes *et. al.*, 2015; Terra, 2010) ou utilizando o Brasil em comparação com outros países (Guedes, Rodrigues & Terra, 2015; Nawrotzki, Guedes & Carmo, 2014; Terra & Queiroz, 2012; Schultz *et. al.*, 2005; Abramson, 1997).

As variáveis de interesse deste trabalho são mensuradas pela pesquisa e, no caso da variável endógena, a felicidade marital, a WVS não possui perguntas tradicionalmente utilizadas em outros bancos de dados. Contudo, é possível fazer aproximações. A variável que pode mensurar a felicidade marital somente pode ser medida para a primeira rodada, ou seja, para o ano de 1991. A pergunta respondida pelo entrevistado é: “de um modo geral, qual é o seu grau de satisfação ou insatisfação com a sua vida em casa?”. Para a resposta, há uma escala que varia de 1 a 10, em que 1 significa *insatisfeito*, e 10 significa *satisfeito*. As variáveis relacionadas à homogamia de valores são aquelas que medem se há compartilhamento de algumas atitudes com o cônjuge, como as atitudes para com a religião, padrões morais, atitudes sociais, opiniões políticas e atitudes em relação ao sexo com o cônjuge.

A Tabela 3, a seguir, apresenta a disponibilidade das variáveis da WVS relacionadas a esta tese: a felicidade marital e o compartilhamento de valores com o cônjuge no Brasil nas quatro rodadas: 1991, 1997, 2006 e 2014. Nota-se

que as variáveis mais importantes para esta tese somente são mensuradas na pesquisa realizada em 1991, o que faz com que, no presente estudo, somente sejam analisados os dados da segunda rodada da WVS.

Tabela 3: Disponibilidade de variáveis relacionadas à felicidade marital e à homogamia de valores para o Brasil (*World Values Survey*), 1991, 1997, 2006 e 2014

Variável/Pergunta	1991	1997	2006	2014
De um modo geral, qual é o seu grau de satisfação ou insatisfação com a sua vida em casa?	Sim	Não	Não	Não
O sr (a) e seu cônjuge compartilham (ou compartilharam) as mesmas...?				
Atitudes para com a religião	Sim	Não	Não	Não
Padrões morais	Sim	Não	Não	Não
Atitudes sociais	Sim	Não	Não	Não
Opiniões políticas	Sim	Não	Não	Não
Atitudes com relação ao sexo	Sim	Não	Não	Não
Nenhuma destas coisas	Sim	Não	Não	Não

Fonte: *World Values Survey* (1991, 1997, 2006, 2014)

Vale ressaltar que este banco de dados será adotado para a visualização de resultados para o Brasil como um todo, uma vez que o WVS não é desagregável por unidades espaciais menores. Devido à disponibilidade da variável resposta felicidade conjugal e da homogamia de valores, o presente trabalho limitou-se à análise dos dados de 1991 da *World Values Survey*. Outros fatores influentes sobre a felicidade marital, apontados na revisão de literatura do Capítulo 2, podem ter algum grau de associação com os indicadores de homogamia de valores, causando potencial associação espúria. Sugere-se, portanto, a utilização de variáveis de controle como idade²⁰, sexo, religiosidade, raça/cor, presença de filhos, educação e estado civil (se unido formalmente ou de forma consensual)²¹.

²⁰As idades estão representadas em grupos decenais. Devido ao desenho da amostra, o primeiro grupo etário, denominado 15-24 pela pesquisa, só possui indivíduos com idade entre 18 anos e 24 anos. O último grupo etário, embora não haja qualquer informação técnica sobre essa limitação, não possui indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos.

²¹No banco de dados há uma pergunta sobre se o respondente já foi casado alguma vez. Essa variável foi apontada pela literatura como uma variável de controle importante quando se estuda felicidade marital. Contudo, como a pergunta é sobre a experiência de *casamento* e há

Segundo a literatura, há uma extensa lista de variáveis sugeridas para controlar essa relação. Contudo, o tamanho da amostra limita os graus de liberdade dos modelos estatísticos e não permite que sejam adotadas muitas variáveis de controle e, por isso, optou-se por um número menor de variáveis mais importantes referendadas na literatura. As perguntas e opções de resposta que medem cada uma das variáveis no WVS adotadas nesta análise estão disponíveis na Tabela 4.

As informações disponibilizadas na Tabela 4 referem-se aos 1782 entrevistados na pesquisa de 1991 da WVS. As respostas sobre o *grau de satisfação com a vida em casa* captadas pela WVS concentram-se, claramente, nos níveis mais altos de satisfação, com mais de 59% nas categorias 8, 9 e 10. Essa variável mensura a felicidade marital tratada neste trabalho, e a pequena variabilidade destes dados deve ser considerada a fim de evitar perda de poder dos testes estatísticos. As perguntas sobre o compartilhamento dos valores conjugais, não perguntadas aos solteiros, mostram que grande parte dos entrevistados compartilha valores com o cônjuge. Analisando a amostra completa do Brasil de 1991, mais de 94% dos respondentes que já viveram alguma relação conjugal (em união formal, em união consensual, divorciados, separados ou viúvos) reportaram compartilhar ou terem compartilhado pelo menos um destes valores com o cônjuge. Voltando à Tabela 5, a distribuição de homens e mulheres é equilibrada e a amostra é, em sua maioria, composta por brancos, unidos formalmente, com educação secundária, com até dois filhos e que possuem religião.

casais que declararam viver em união, a qualidade das respostas pode ter sido prejudicada porque aqueles que já viveram ou vivem em união podem considerar, ao responder a pergunta sobre “se já foi casado alguma vez”, que alguma união já foi união formal ou que união consensual e união formal não são considerados estados similares. Ademais, a análise dos dados de estado civil e de ordem de uniões indicou que as informações captadas por essa pergunta não captam, de fato, a experiência de união formal e, por isso, optou-se por não incluí-la no modelo.

Tabela 4: Distribuição de respostas no banco de dados das variáveis utilizadas nesta tese

Pergunta	Opções de resposta do banco de dados	Proporção	n
De um modo geral, qual é o seu grau de satisfação ou insatisfação com sua vida em casa?	Insatisfeito	2%	34
	2	1%	9
	3	1%	23
	4	2%	29
	5	9%	156
	6	5%	89
	7	8%	143
	8	18%	321
	9	11%	202
		Satisfeito	43%
	Não sabe	0%	2
O(a) sr(a) e seu cônjuge compartilham as mesmas...			
Atitudes para com a religião	Sim	49%	879
Padrões morais	Sim	59%	1056
Atitudes sociais	Sim	57%	1007
Opiniões políticas	Sim	34%	611
Atitudes com relação ao sexo	Sim	57%	1020
Nenhuma dessas coisas	Sim	2%	38
O(a) sr(a) tem alguma religião?	Sim, tem religião	88%	1573
	Não tem religião	12%	209
O que melhor descreve o(a) sr(a)?	Branco	80%	1424
	Negro	14%	258
	Indiano	1%	11
	Chinês, Japonês	0%	6
	Arabe	0%	3
	Outro	4%	76
Sexo	Masculino	50%	892
	Feminino	50%	890
Isso significa que o(a) sr(a) tem ___ anos de idade	15-24	25%	440
	25-34	14%	251
	35-44	24%	429
	45-54	15%	261
	55-64	23%	401
Atualmente, o(a) sr(a) está...	Casado	51%	907
	Vivendo como se fosse casado	7%	118
	Divorciado/desquitado	3%	45
	Separado	4%	73
	Viúvo	6%	103
	Solteiro	30%	536
O(a) sr(a) tem/já teve filhos? Quantos?	Nenhum	32%	579
	1 filho	15%	264
	2 filhos	18%	328
	3 filhos	14%	246
	4 filhos	7%	122
	5 filhos	4%	69
	6 filhos ou mais	10%	171
Qual o seu nível educacional?	Nenhum	4%	70
	Primário	26%	458
	Secundário/técnico	56%	1000
	Graduação	14%	252

Fonte: *World Values Survey* (1991)

Os dados sobre religiosidade indicam se o entrevistado possui ou não alguma religião. Devido à importância do papel da religião nos padrões de união e de família, inicialmente seria considerado nesta análise em qual grupo religioso o indivíduo se insere. A Tabela 5 apresenta as opções de resposta do questionário, as opções de resposta do banco de dados e a frequência das respostas disponibilizadas pela WVS para os dados de grupos religiosos. Nota-se um alto nível de detalhamento sobre os grupos religiosos nas opções de resposta do questionário e um agrupamento das opções de respostas no banco de dados. Entretanto, e a ausência de definição de quais grupos foram recodificados como ortodoxos e como protestantes e a pequena variabilidade das respostas de *não católicos*, inviabilizaram esse aprofundamento.

Ainda na Tabela 5 estão disponíveis as opções de resposta do questionário, as opções de resposta do banco de dados e a frequência das respostas sobre raça/cor. Quanto às categorias de raça/cor, elas seriam reagrupadas em *brancos*, *negros*, *pardos* e *outros*. Contudo, uma das opções de resposta do questionário era *moreno*, e não foram disponibilizadas as informações técnicas sobre o reagrupamento dos dados sobre raça/cor. Além disso, há grande concentração de respostas entre os brancos e pouca variabilidade entre as outras opções. Portanto, diante da incerteza dos dados sobre grupos religiosos e sobre grupos étnicos, optou-se por considerar se o entrevistado declarou ter alguma religião ou não, e por reagrupar as respostas de raça/cor em *branco* e *não branco*.

Tabela 5: Opções de respostas no questionário e no banco de dados para religião e raça/cor para WVS Brasil 1991

Variável	Opções de resposta no questionário	Respostas no banco de dados	n
Religião	Católica	Não respondeu	151
	Protestante	Não sabe	14
	Evangélica	Sem religião	209
	Judaísmo	Budista	4
	Muçulmana	Muçulmano	2
	Hindu	Ortodoxo	103
	Budista	Protestante	53
	Espírita	Católico Romano	1246
	Não Responderam		
	Adventista		
	Anglicano		
	Batista		
	Congregacional		
	Episcopal		
	Luterano		
	Metodista		
	Presbiteriano		
	Sabatista		
	Mormon		
	Assembléia de Deus		
	Brasil para Cristo		
	Congregação Cristã do Brasil		
	Cruzada Nacional Evangelização		
	Evangelho Quadrangular		
	Igreja Deus É Amor		
	Testemunhas de Jeová		
	Igreja de J.C. dos Santos dos Últimos Dias		
	Racionalidade Cristã		
	Esotérica		
	Ocultista		
	Rosa Cruz		
	Candomblé		
	Umbanda		
Batuque			
Shintoista			
Messiânica			
Sericho-No-Te			
Crete/Cristianismo			
Ortodoxo			
Raça/Cor	Caucasiano (branco)	Branco	1424
	Negro	Negro	258
	Do sul da Ásia (indianos, paquistaneses)	Indiano (Sul da Ásia)	11
	Do leste da Ásia (chineses, japoneses)	Chinês, Japonês (Leste da Ásia)	6
	Árabe	Árabe (Ásia Central)	3
	Moreno	Outros	76
	Não respondeu/Não sabe		

Fonte: *World Values Survey* (1991)

Voltando à análise do perfil da amostra, a comparação destas distribuições com os dados populacionais contribui para a avaliação de algum viés amostral. A Tabela 6 mostra a distribuição para homens e mulheres da amostra por idade, estado civil, escolaridade, presença de filhos, religião, raça/cor. Ainda

nesta Tabela 6, algumas informações captadas pelo Censo Demográfico de 1991 servem como referência para eventuais comparações.

Tabela 6: Distribuição da amostra e da população (valores proporcionais e absolutos) entre homens e mulheres segundo grupo etário, religião, raça/cor, escolaridade, presença de filhos, estado civil e compartilhamento de valores. Brasil, 1991

Variável	Opções de resposta	World Values Survey - 1991				Censo Demográfico - 1991		
		Masculino		Feminino		Masculino	Feminino	
		%	n	%	n	Missing	%	%
Grupo Etário	15 a 24 anos	26%	230	24%	210		32%	31%
	25 a 34 anos	13%	114	15%	137		27%	27%
	35 a 44 anos	25%	222	23%	207	-	19%	20%
	45 a 54 anos	14%	125	15%	136		13%	13%
	55 a 64 anos	23%	201	22%	200		9%	9%
Tem religião	Sim	86%	769	90%	804		95%	
	Não	14%	123	10%	86	-	5%	
Raça/cor	Branco	79%	705	81%	719	0,2%	52%	
	Não Branco	21%	184	19%	170		48%	
Escolaridade	Até Ensino Fundamental	28%	248	31%	280	0,1%	75%	
	Ensino Médio	58%	513	55%	487		11%	
	Ensino Superior	15%	130	14%	122		14%	
Estado Civil	Casado	52%	461	50%	446		41%	40%
	Em união	8%	67	6%	51		9%	9%
	Divorciado/Separado	4%	39	9%	79	-	2%	5%
	Viúvo	2%	21	9%	82		2%	7%
	Solteiro	34%	304	26%	232		46%	39%
Tem filhos	Sim	61%	547	74%	653	0,2%	-	
	Não	39%	344	26%	235			
Compartilha com Cônjuge	Atitudes para com a religião	75%	442	66%	437		-	
	Padrões morais	89%	525	81%	531		-	
	Atitudes sociais	86%	506	76%	501		-	
	Opiniões políticas	48%	284	50%	327	-	-	
	Atitudes com relação ao sexo	82%	485	81%	535		-	
	Nenhuma destas coisas	2%	14	4%	24		-	

Fonte: *World Values Survey* (1991) e IBGE - Censo Demográfico (1991)

Com relação à idade, observa-se que a distribuição etária na amostra e na população é semelhante entre os sexos. Contudo, ao comparar a distribuição amostral com a populacional, percebe-se que a amostra é mais envelhecida do que a população, com destaque para o grupo de 55 a 64 anos. Na população, o grupo de 55 a 64 anos corresponde a 9% das pessoas com idade de 15 a 64 anos; e na amostra, corresponde a pouco mais de 20%. A proporção de *sem religião* na amostra é de 10% para mulheres e de 14% para homens, enquanto na população o percentual é de 5%. A amostra possui mais indivíduos brancos,

com cerca de 80% na amostra e 52% nos dados do Censo, e mais educados: na população, 75% eram analfabetos ou possuíam até o ensino fundamental completo em 1991. Na amostra, essa proporção é de 28% para os homens e de 31% para as mulheres. Aqueles que possuem o ensino médio completo são mais de 50% da amostra, enquanto representavam 11% da população brasileira em 1991. Com relação ao estado civil, na amostra há um peso maior no grupo dos unidos formalmente (casados) e menor no grupo dos solteiros do que na população. Portanto, toda análise proveniente dos dados da *World Values Survey* Brasil 1991 deve ser cautelosa e levar em consideração este viés observado. Na próxima seção, explora-se a amostra analítica, que inclui somente casados e unidos, e as variáveis de interesse desta tese: *felicidade marital* e *homogamia de valores*.

3.3 Construção da variável homogamia de valores

Como não há estudos na literatura sobre a homogamia de valores e sobre as formas de mensuração desta variável, este trabalho parte do pressuposto de que a homogamia de valores pode ser representada por um construto unidimensional. Com os dados disponibilizados pela WVS Brasil 1991, é possível a aplicação de técnicas de análise fatorial na construção de uma única variável (score) de homogamia de valores. Essa ferramenta é indicada por conseguir expressar em poucos fatores a combinação linear de todas as cinco variáveis de compartilhamento de atitudes entre os cônjuges. Com isso, diminui-se o potencial de colinearidade e também o efeito sobre os coeficientes do efeito dos determinantes da felicidade marital nos modelos de regressão. Há ainda a vantagem de aumentar o poder explicativo do modelo, por utilizar menos graus de liberdade e preservando grande parte da variância original dos indicadores de homogamia.

Conforme mostra Mingoti (2005), a análise fatorial exploratória decompõe a matriz de correlação (ou covariância) em autovalores (raízes da matriz) e autovetores. A partir dessa decomposição, são calculadas cargas fatoriais, que

representam a correlação de cada item (variável) com o construto (ou fator que o representa). Como a técnica de análise fatorial é baseada numa matriz de correlação, a sua estimação correta é fundamental para que o construto seja bem identificado pelos fatores. A correlação de Pearson é apropriada quando as variáveis são contínuas. Caso contrário, a correlação de Pearson gera medidas viesadas. Como as cinco variáveis de compartilhamento de atitudes entre os cônjuges são binárias, a correlação estimada não seria adequada. Nesse caso, o indicado é construir uma matriz de correlação que considere a natureza binária da variável.

A correlação tetracórica é um tipo especial de correlação policórica, em que as variáveis são dicotômicas. Os coeficientes de correlação tetracórica foram propostos por Pearson (1900), e a equação tetracórica, retirada de Lira (2004, p. 97), é apresentada a seguir:

$$\frac{ad-bc}{yy'n^2} = \hat{\rho}_t + \hat{\rho}_t^2 \frac{zz'}{2} + \hat{\rho}_t^3 \frac{(z^2-1)(z'^2-1)}{6} + \hat{\rho}_t^4 \frac{z(z^2-3)(z'^2-3)}{24} + \hat{\rho}_t^5 \frac{(z^4-6z^2+3)(z'^4-6z'^2+3)}{120} + \hat{\rho}_t^6 \frac{z(z^4-10z^2+15)z'(z'^4-10z'^2+15)}{720} + \dots \quad (1)$$

Ao considerar X e Y variáveis dicotômicas, apresenta-se a tabela 2x2 com as freqüências das respostas:

		Variável X		Total
		1	0	
Variável Y	1	a	b	$a + b$
	0	c	d	$c + d$
Total		$a + c$	$b + d$	

$$p = \frac{a+b}{n} \text{ e } q = \frac{c+d}{n} = 1 - p \quad (2)$$

$$p' = \frac{a+b}{n} \text{ e } q' = \frac{c+d}{n} = 1 - p' \quad (3)$$

Em que:

$$n = a + b + c + d \text{ (total de observações)}$$

a, b, c, d são as freqüências da tabela 2x2;

z é o valor correspondente à área menor ou igual a p . Por exemplo, se $p = 0,50$, então tem-se que $z = 0$ (tabela de áreas sob a curva normal);

z' é o valor correspondente à área menor ou igual a p' . Se $p' = 0,50$, então tem-se que $z' = 0$;

y é o valor da ordenada no ponto p e pode ser obtida fazendo-se

$$y = f(z) = \frac{e^{-\frac{z^2}{2}}}{\sqrt{2\pi}}.$$

Para o exemplo citado, se $z = 0$, então $y = f(0) = \frac{e^0}{\sqrt{2\pi}} = 0,39894$ (tabela de ordenadas da curva normal);

y' é o valor da ordenada no ponto p' e pode ser obtida fazendo-se

$$y' = f(z') = \frac{e^{-\frac{z'^2}{2}}}{\sqrt{2\pi}}.$$

O Quadro 1, a seguir, apresenta a matriz de correlações do tipo tetracórica para os indicadores de homogamia de valores para o Brasil, 1991. As estatísticas deste trabalho foram obtidas por meio do software Stata® versão 12.0 para Windows®. A análise fatorial foi realizada somente com as cinco

variáveis de compartilhamento de atitudes, uma vez que a variável que mensura o não compartilhamento de nenhuma atitude possui somente 25 indivíduos respondendo positivamente.

Quadro 1: Matriz de Correlação Tetracórica - Indicadores de Homogamia de Valores, Brasil, 1991

Indicadores	Indicadores					
	Atit. Religião	Atit. Sociais	Pad. Morais	Op. Políticas	Atit. Sexual	
Atit. Religião	1,00					
Atit. Sociais	0,63	1,00				
Pad. Morais	0,59	0,83	1,00			
Op. Políticas	0,43	0,42	0,57	1,00		
Atit. Sexual	0,52	0,56	0,56	0,50	1,00	

Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Com base no Quadro 1, é possível observar que os coeficientes de correlação apresentam valores entre 0,42 e 0,83. Os coeficientes de correlação são positivos e de alta intensidade, o que sugere que se um indivíduo é homogâmico quanto a uma atitude, provavelmente também é com relação à outra. Após constatar que os indicadores são altamente correlacionados, foram gerados os autovalores com o objetivo de identificar quantos fatores explicam a variabilidade dos dados. O autovalor para um fator foi 3,25, explicando 65% da correlação observada. Os autovalores para dois ou mais fatores apresentaram valores menores do que um, o que, pela regra de Kaiser, sugere que a utilização de mais fatores não é indicada (Mingoti, 2005).

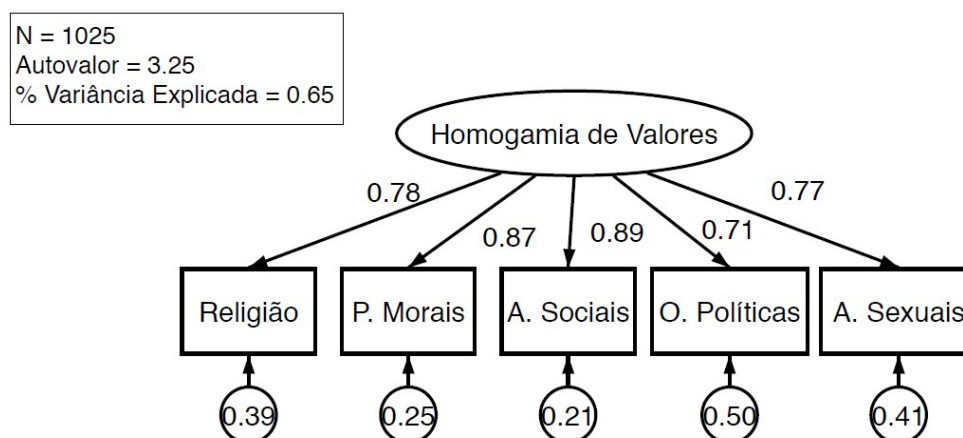
A Tabela 7 e a Figura 2 apresentam as cargas fatoriais e as especificidades dos indicadores da homogamia de valores. A carga fatorial pode ser entendida como a correlação do item com o fator gerado. Todas as cargas fatoriais apresentaram valores superiores a 0,70, o que aponta alta correlação com o fator. Os indicadores de padrões morais e de atitudes sociais apresentam os menores erros (ou especificidades): 0,2075 e 0,2466, respectivamente. Esse erro, ou a variância do indicador não explicada pelo fator, associado a opiniões políticas está assintoticamente até o limite de 0,5. Esses resultados apontam que a variável homogamia de valores está bem representada pelo fator construído a partir dos cinco indicadores de compartilhamento de atitudes com o cônjuge.

Tabela 7: Cargas Fatoriais e Especificidades da Análise Fatorial dos Indicadores da Homogamia de Valores, Brasil, 1991

Indicadores	Cargas Fatoriais	Especificidade
Atit. Religião	0,7833	0,3865
Atit. Sociais	0,8680	0,2466
Pad. Morais	0,8902	0,2075
Op. Políticas	0,7066	0,5007
Atit. Sexual	0,7706	0,4062

Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Figura 2: Esquema das Cargas Fatoriais e Especificidades da Análise Fatorial dos Indicadores da Homogamia de Valores, Brasil, 1991



Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Apesar de a homogamia de valores ser uma variável representativa dos cinco indicadores, na seção seguinte algumas análises descritivas consideram também os indicadores de forma isolada. Essa análise exploratória pode indicar alguns padrões e relações para futuros trabalhos.

3.4 Análise descritiva

Como este estudo pretende analisar as relações em um contexto conjugal, filtrou-se a amostra para respondentes que viviam em união formal ou consensual. Ao considerar exclusivamente os respondentes que viviam em união formal ou consensual, a amostra dos dados de 1991 para o Brasil da *World*

Values Survey (WVS) tem tamanho $n=1.025$. Destes, 907 (88,5%) declararam-se unidos formalmente 118 (11,5%) informaram viver em união consensual.

A Tabela 8, na sequência, apresenta a distribuição da amostra segundo sexo para características de raça/cor, idade, religião, presença de filhos, escolaridade e compartilhamento de valores. A partir dos dados da Tabela 4 percebe-se que há maior proporção de mulheres jovens (30% até 34 anos) do que de homens jovens (18% até 34 anos). O fato de os dados serem restritos aos viviam em união formal ou consensual pode ter relação com essa diferença, já que a idade média ao casamento das mulheres é, em média, 3 anos menor do que a dos homens (IBGE, 2010b).

O compartilhamento de valores na união é maior entre os homens em relação a atitudes relativas à religião, padrões morais e atitudes sociais, com diferença de 9%, 7% e 8%, respectivamente. A maior prevalência entre os homens pode estar relacionada à diferença na percepção entre homens e mulheres quanto ao conceito de compartilhamento. Outra informação interessante é que mesmo havendo menor proporção de homens com alguma religião, eles são maioria quando declaram compartilhar atitudes relacionadas à religião. O fato de haver homogamia quanto a este valor não quer dizer que o casal possui atitudes pró-religião, mas que o casal possui atitudes relacionadas à religião semelhantes, podendo ser inclusive não pertencimento religioso.

Tabela 8: Distribuição da amostra segundo sexo para características de idade, religião, raça/cor, escolaridade, presença de filhos e compartilhamento de valores na união. Brasil, 1991

Característica	Masculino		Feminino	
	Proporção	n	Proporção	n
15 a 24 anos	8%	41	15%	77
25 a 34 anos	10%	53	15%	77
35 a 44 anos	30%	156	28%	141
45 a 54 anos	20%	106	19%	96
55 a 64 anos	33%	172	21%	106
Não tem religião	11%	58	7%	37
Tem religião	89%	470	93%	460
Não Branco	19%	101	18%	87
Branco	81%	425	82%	409
Até Ensino Fundamental	37%	193	36%	178
Ensino Médio	50%	265	53%	264
Ensino Superior	13%	70	11%	55
Não tem filhos	11%	56	6%	32
Tem filhos	89%	472	94%	464
Compartilha com cônjuge...				
Atitudes para com a religião	77%	407	68%	340
Padrões morais	91%	478	84%	415
Atitudes sociais	88%	462	79%	395
Opiniões políticas	50%	262	51%	251
Atitudes com relação ao sexo	84%	441	84%	419
Nenhuma destas coisas	2%	11	3%	14

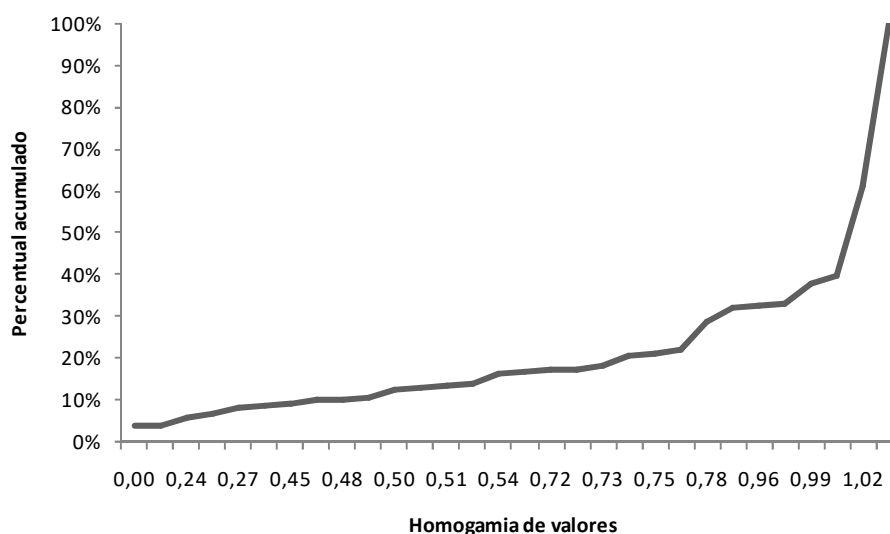
Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Ainda com base nas informações da Tabela 8, quando há o filtro dos que viviam em união formal ou consensual (Tabela 4) a proporção de indivíduos sem religião, com 11% de homens e 7% de mulheres, é menor do que na amostra completa (Tabela 4), com 14% de homens e 10% de mulheres.

A distribuição acumulada da homogamia de valores está ilustrada no Gráfico 1, a seguir. É notável a concentração de indivíduos (38,63%) com nível máximo de homogamia. Além disso, mais de 62% dos entrevistados apresentaram escore igual ou maior que um. Uma análise complementar pode ser feita com os dados da Tabela 9, que apresenta algumas estatísticas centrais e de

dispersão sobre a distribuição da variável homogamia de valores. Conforme a Tabela 9, a homogamia de valores assume valores entre 0 (zero) e 1,2356. A variável possui uma mediana um pouco maior do que a média, e observa-se alta variabilidade dos dados, com desvio-padrão, de 0,3344.

Gráfico 1: Distribuição acumulada da variável latente *homogamia de valores*. Brasil, 1991



Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Tabela 9: Estatísticas centrais e de dispersão variável *homogamia de valores*. WVS Brasil, 1991

Variável	Observações	Média	Mediana	Mínimo	Máximo
Homogamia de valores	1025	0,9444	1,0183	0,00	1,2356

Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

A distribuição relativa e absoluta nas respostas da variável *satisfação com a vida em casa* está na Tabela 10, a seguir. Os dados mostram que mais de 75% das respostas concentram-se nas três maiores categorias (8, 9 e 10), sendo que quase 50% dos entrevistados declararam estar satisfeitos (opção 10) com a vida em casa. Devido à pequena variabilidade de respostas desta variável, optou-se por agrupar as respostas de acordo com a média para fins

descritivos²². Ou seja, nas análises descritivas sobre a felicidade marital constarão os grupos acima da média e abaixo da média. Para facilitar as interpretações, o grupo acima da média será intitulado *satisfeito* e o grupo abaixo da média, *insatisfeito*.

Tabela 10: Distribuição proporcional e absoluta das respostas da variável *satisfação com a vida em casa* na amostra restrita aos viviam em união formal ou consensual. WVS Brasil, 1991

Opções de resposta	Proporção	n
Insatisfeito	1,5%	15
2	0,7%	7
3	0,9%	9
4	1,5%	15
5	8,2%	84
6	3,7%	38
7	6,9%	71
8	17,4%	178
9	11,3%	116
Satisfeito	48,0%	492

Fonte: *World Values Survey – Brasil (1991)*

3.5 Relações entre as variáveis

A escolha do modelo para investigar a associação entre felicidade marital e homogamia de valores seguiu algumas etapas. Inicialmente foram considerados os modelos estatísticos mais simples (e que violavam mais pressupostos) até o modelo final, que se adequou melhor à natureza dos dados.

Iniciou-se pelo modelo de mínimos quadrados ordinários (MQO), característico pela simplicidade de interpretação de seus resultados. Entretanto, os dados violam os pressupostos de normalidade (Shapiro Wilk $z=8.2$) e de heterocedasticidade dos resíduos assumidos pelo modelo. Por isso, o segundo modelo foi o de mínimos quadrados ordinários com erros padrão dos

²²A média dessa variável é 8,4. Foram agrupados, portanto, os itens de 1 a 8, totalizando 417 observações; e 9 e 10, com 608 observações.

estimadores (β 's) ponderados pelo inverso da heterocedasticidade do resíduo condicional (matriz Huber-White). Com esse modelo, é possível estimar o erro padrão dos estimadores da regressão ponderados pela variância não constante. Caso haja heterocedasticidade cruzada entre as covariáveis, a correção dos erros-padrão não é suficiente para gerar os testes de hipóteses corretos. Para estimar coeficientes (β 's) que dêem menos peso para valores com maior variância (e, portanto, resíduo studentizado de alta influência), adotou-se a regressão de mínimos quadrados ponderados (MQP). Nesse modelo, cada resíduo ao quadrado é ponderado pelo inverso da variância. Assim, atribui-se menor peso para as observações com maior variância (GREENE, 2011).

Entretanto, a variável *felicidade marital* apresenta respostas que variam entre 1 e 10. Nesse caso, em que há limitação inferior e superior na variável dependente, os modelos lineares geram estimativas ineficientes, além de serem viesados e inconsistentes na presença de censura. Diante disso, o quarto modelo adotado foi o *tobit*. Dada a heterocedasticidade dos resíduos, optou-se pelo modelo *tobit* com erros-padrão robustos. O referido modelo gera estimativas de máxima verossimilhança que são obtidas por meio da maximização da função de verossimilhança em relação aos β 's. Entre os pressupostos do modelo *tobit*, assume-se que a variável dependente é contínua.

Como a *felicidade marital* não é contínua, mas ordinal, optou-se por considerar a natureza da variável dependente e o modelo de regressão logística ordinal se mostrou o mais adequado. A *felicidade marital* é ordinal porque as respostas são em forma de escala ordenada, variando de 1 a 10, e cada item dessa escala tem um significado. O item 10, por exemplo, refere-se ao maior nível de felicidade conjugal e 1, ao menor nível. Nele, considera-se que a variável dependente é ordinal e há o pressuposto de que as retas das regressões são paralelas, ou seja, o modelo possui uma suposição de razão de chances sobre os nove ($k-1$) pontos de corte. Assim, existe um só β para as transições.

O modelo logístico ordinal, também conhecido como modelo de regressão logística politômica, foi o mais adequado para a investigação dos objetivos

desta tese. Como a variável dependente, a felicidade marital, tem natureza categórica ordinal, a utilização do modelo logístico para variáveis dependentes do tipo ordinal é indicada, uma vez que possui interpretações mais simples e o modelo possui, potencialmente, maior poder (Agresti, 2007).

Considerando *felicidade marital* a variável dependente, com $k=10$ categorias. O modelo pode ser descrito, para cada²³ categoria j de *felicidade marital*, como:

$$\lambda_j(\vec{x}) = \ln \left\{ \frac{\sum_1^j \Pr(\textit{felicidade marital} = j | \vec{x})}{\sum_{j+1}^k \Pr(\textit{felicidade marital} = j | \vec{x})} \right\} \quad (4)$$

$$\lambda_j(\vec{x}) = \alpha_j + (\beta_1 \textit{Homogamia de valores} + \beta_2 \textit{Raça/cor} + \beta_3 \textit{Religião} + \beta_4 \textit{Casado/Unido} + \beta_5 \textit{Escolaridade} + \beta_6 \textit{Filhos} + \beta_7 \textit{Sexo} + \beta_8 \textit{Idade})$$

em que $j=2, 3, \dots, 10$

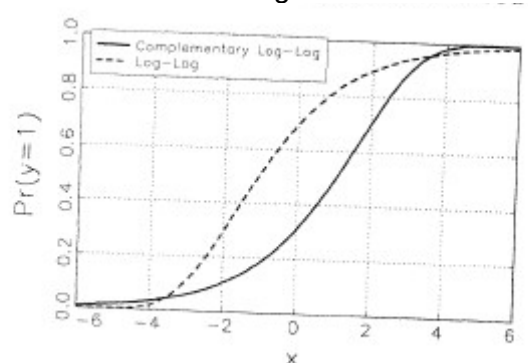
Esse modelo é composto por $k-1$ equações lineares paralelas. Foi realizado o teste de Brant, mas ele não convergiu em função do tamanho reduzido da amostra.

Dado o pioneirismo deste trabalho, tanto com relação à exploração da felicidade conjugal no Brasil, quanto com relação ao tratamento da homogamia de valores como um construto fundamental na formação dos casais, é importante considerar no modelo logito ordinal a possibilidade de a distribuição que modela a relação entre a felicidade conjugal e os seus determinantes ser assimétrica. A Figura 3, a seguir, retirada de Scott Long (1997 p. 52), apresenta os dois casos de distribuições logísticas ordinais assimétricas: o ordinal log-log e o complementar log-log, considerando a probabilidade de $y=1$ à medida que x cresce. O caso tradicional, que é o simétrico, pode ser melhor entendido ao considerar o ponto em que $\Pr(y=1 | x) = 0,50$. A partir deste ponto, um deslocamento à direita de x gera a mesma variação na $\Pr(y=1 | x)$ do que um deslocamento à esquerda.

²³ A primeira categoria, em que *felicidade marital*=1 é a categoria de referência.

No caso do modelo ordinal log-log, a assimetria da relação entre x e y pode ser observada devido ao aumento mais devagar da $Pr(y=1 | x)$ nas classes de menor ordem (com $Pr(y=1 | x) \leq 0,20$) e ao aumento mais rápido nas classes de maior ordem (com $Pr(y=1 | x) \geq 0,80$). Por outro lado, no modelo complementar log-log a assimetria da relação entre x e y pode ser notada por meio do aumento mais rápido da $Pr(y=1 | x)$ nas classes de menor ordem (com $Pr(y=1 | x) \leq 0,20$) e ao aumento mais lento nas classes de maior ordem (com $Pr(y=1 | x) \geq 0,80$).

Figura 3: Esquema comparativo entre os modelos ordinal log-log e complementar log-log



Fonte: Scott Long (1997 p. 52)

Um exemplo aplicado ao tema deste estudo é que em um dos modelos assimétricos, o aumento da homogamia teria maior impacto no aumento da felicidade marital quando se está em níveis baixos da felicidade marital se comparados com o modelo ordinal simétrico, enquanto no outro modelo assimétrico o efeito maior, se comparado ao simétrico, ocorre quando se está em níveis altos da felicidade marital. E que os três foram testados para mostrar que mesmo considerando a possível assimetria, o efeito da homogamia de valores permanece positiva e significativa.

Portanto, ao gerar os modelos serão considerados os três tipos de regressão logística ordinal. Isso é importante porque pode haver divergência de resultados entre os modelos logito ordinal simétrico (modelo ordinal logístico tradicional) e assimétricos (ordinal log-log e complementar log-log). Dessa

forma, a comparação de todas as três possíveis distribuições confere mais robustez ao resultado obtido.

Por fim, para orientar o leitor na interpretação dos resultados apresentados neste capítulo, vale definir as categorias de referências das variáveis adotadas no modelo. A felicidade marital, variável dependente, é um escore que varia de 1 a 10. A variável explicativa, *homogamia de valores*, é dicotômica e a categoria de referência é “menos homogâmico”, versus “mais homogâmico”. Os dados de idade da base de dados estão agrupados em cinco categorias decenais. Contudo, ao analisar essa variável, percebeu-se que não havia diferença significativa entre as quatro primeiras categorias de idade, e, portanto, os indivíduos com idade entre 18 e 54 anos foram agrupados. Por isso, a idade de referência é esse grupo de adultos com idade entre 18 e 54 anos, versus o grupo de 55 a 64 anos. A *variável raça/cor* tem como referência os “não-brancos”, versus os “brancos”. Em relação às outras variáveis, os “sem religião” são referência, bem como os unidos formalmente, com até ensino fundamental, sem filhos e mulheres.

4 RESULTADOS

No presente capítulo apresentam-se os resultados da investigação da relação entre homogamia de valores e felicidade marital para o Brasil. Inicialmente foram exploradas as relações bivariadas das covariáveis com cada indicador de homogamia de valores, e da variável latente *homogamia de valores* com idade. Na sequência, para a investigação da relação entre homogamia de valores e felicidade conjugal para o Brasil, foram gerados os sete modelos estatísticos apresentados no capítulo anterior. Optou-se também por analisar os resultados considerando seis outras regressões: uma para cada indicador separadamente e outra com todos os indicadores de homogamia de valores (mas sem uni-los em um único fator). Por fim, aprofundaram-se algumas análises específicas que os modelos de regressão não conseguiram explicar.

Análise Bivariada de Homogamia de Valores

As Figuras 4 a 8 e os Gráficos 2 a 6 apresentam a relação das variáveis de controle com os diferentes atitudes compartilhadas (ou não) com o cônjuge. Esse mapeamento é relevante para aprimorar a compreensão dessas relações, dado o pioneirismo deste estudo na análise da homogamia de valores na união. É importante também para se analisar a relação entre as atitudes e as variáveis que tradicionalmente são associadas à homogamia cultural, educação e religião. Há quase uma tradução de equivalência entre religião ou educação e valores. As relações entre o compartilhamento de atitudes ligadas à religião, idade e educação estão na Figura 4. Nela, observa-se que há diferença estatisticamente significativa²⁴ da homogamia de atitude associada à religião entre diferentes níveis de escolaridade. Para os indivíduos analfabetos ou que

²⁴As análises consideram os seguintes níveis de significância estatística:

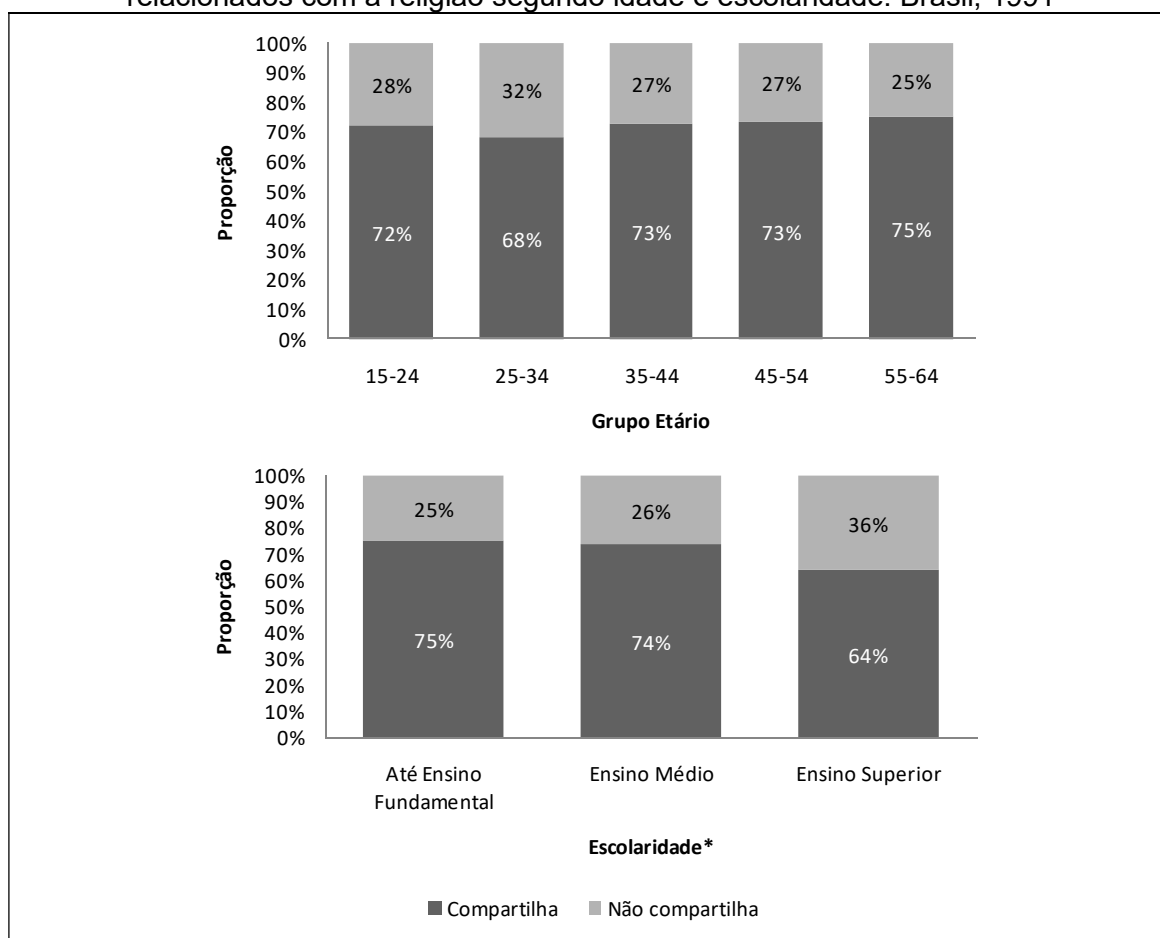
* valor-p $\leq 0,05$

** valor-p $\leq 0,01$

*** valor-p $\leq 0,001$

estudaram até o ensino fundamental, 75% compartilham atitudes relacionadas à religião, enquanto esse percentual é de 64% entre aqueles com ensino superior. Há algum indício, portanto, de que quanto maior a escolarização, menor a proporção de casais que compartilham atitudes com relação à religião. A associação com a idade não foi significativa estatisticamente e, por isso, não faz sentido interpretar essa relação.

Figura 4: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge atitudes relacionadas com a religião segundo idade e escolaridade. Brasil, 1991



Fonte: *World Values Survey – Brasil (1991)*

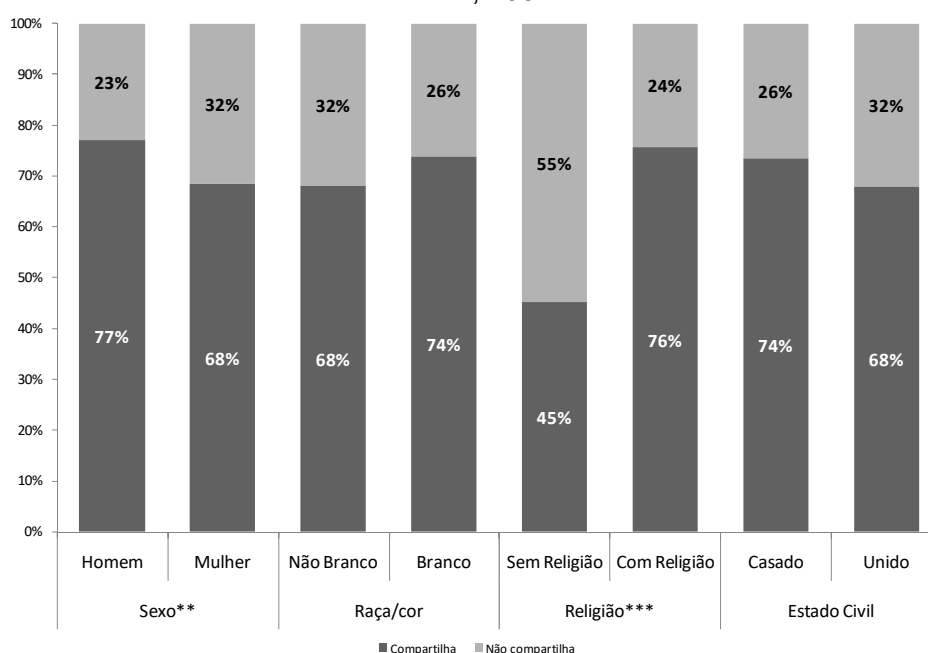
* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

Ainda sobre as atitudes ligadas à religião, o Gráfico 2 apresenta a proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge atitudes relacionadas com a religião segundo sexo, raça/cor, religião e estado civil²⁵. Seguindo os

²⁵Em todas as análises, a variável *presença de filhos* não apresentou qualquer relação significativa com as variáveis de homogamia de valor e felicidade marital e, por isso, não consta nos gráficos e figuras.

resultados da Tabela 8, os homens apresentam maior homogamia de atitudes ligadas à religião, bem como as pessoas que reportaram ter alguma religião.

Gráfico 2: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge atitudes relacionadas com a religião segundo sexo, raça/cor, religião e estado civil. Brasil, 1991



Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

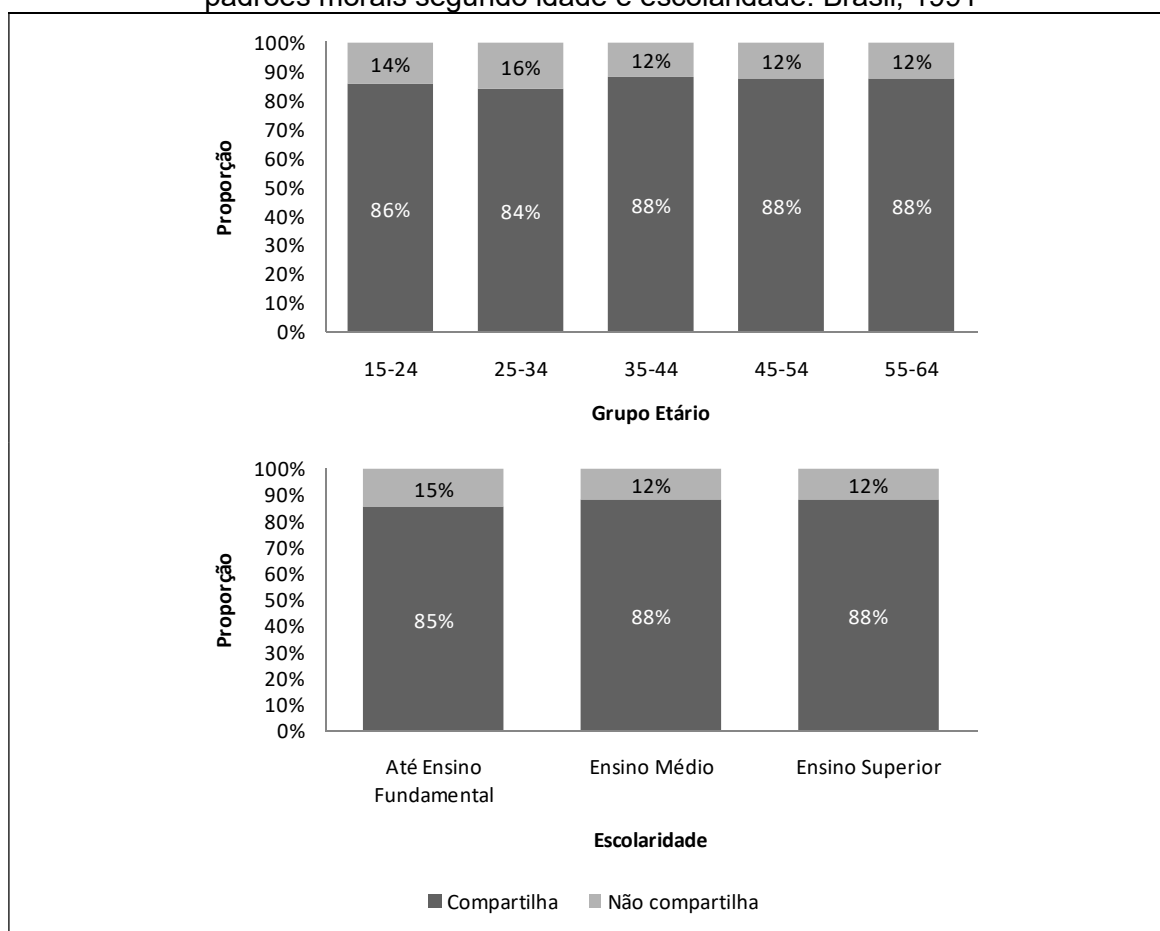
* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

As relações entre o compartilhamento de padrões morais com o cônjuge e as variáveis de controle estão na Figura 5 e no Gráfico 3. Na Figura 5 estão ilustradas as proporções de indivíduos que compartilham padrões morais por idade e escolaridade, mas os resultados das associações não foram significativos. No Gráfico 3 todas as diferenças foram expressivas, com maior prevalência de homogamia de padrões morais entre os homens, os brancos, os indivíduos com alguma religião e os casados (unidos formalmente).

A associação negativa entre homogamia de padrões morais e as uniões consensuais pode estar relacionada com resquícios de padrões morais tradicionais, principalmente os que valorizam a instituição da união formal. O perfil das pessoas que optam por viver em união em vez de se casar formalmente talvez seja mais tolerante em relação a divergências dos padrões

morais do cônjuge. Outras observações interessantes também sobre essas associações: mais da metade dos indivíduos sem religião não compartilha padrões morais com o cônjuge, e entre os unidos o nível de compartilhamento de valores morais parece similar com o das pessoas com religião,

Figura 5: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge padrões morais segundo idade e escolaridade. Brasil, 1991



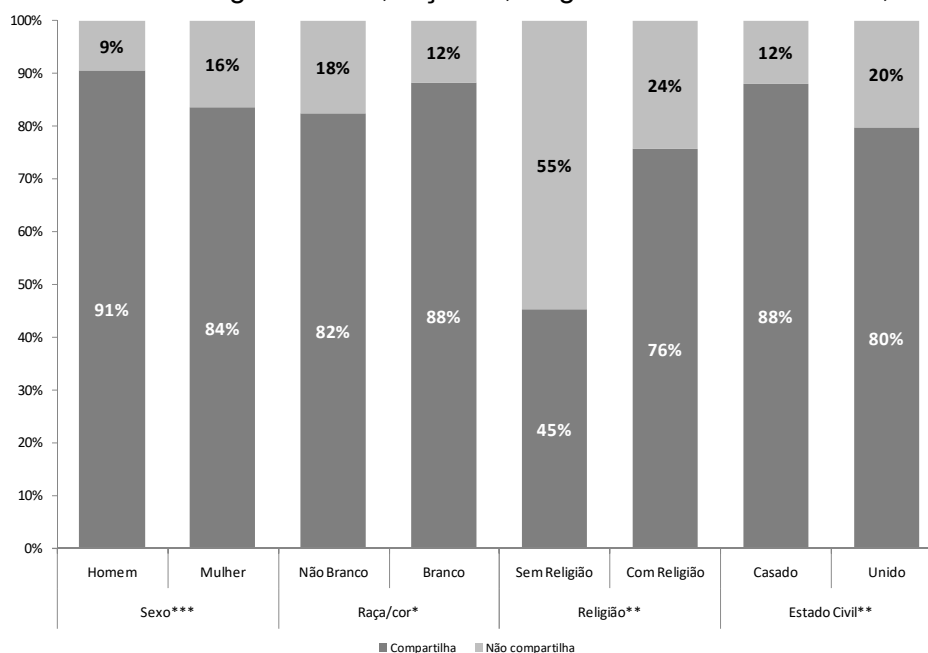
Fonte: *World Values Survey – Brasil (1991)*

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

A Figura 6 e o Gráfico 4 apresentam o compartilhamento das atitudes sociais segundo as mesmas características anteriores. Pode-se observar uma diferença na proporção de compartilhamento com o cônjuge de atitudes sociais por idade, com maior proporção de casais que compartilham atitudes sociais à medida que a idade cresce. Essa relação pode ser explicada pelo efeito da idade (envelhecimento), pelo efeito de coorte e, principalmente, pelo efeito de tempo de união. O efeito do envelhecimento está possivelmente relacionado ao ciclo de vida e à maior maturidade entre os mais velhos. As experiências ao

longo da vida que, com o envelhecimento, levam os mais velhos a ter atitudes e opiniões mais maduras, menos impulsivas e mais tolerantes (Umberson *et. al.*, 2005).

Gráfico 3: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge padrões morais segundo sexo, raça/cor, religião e estado civil. Brasil, 1991

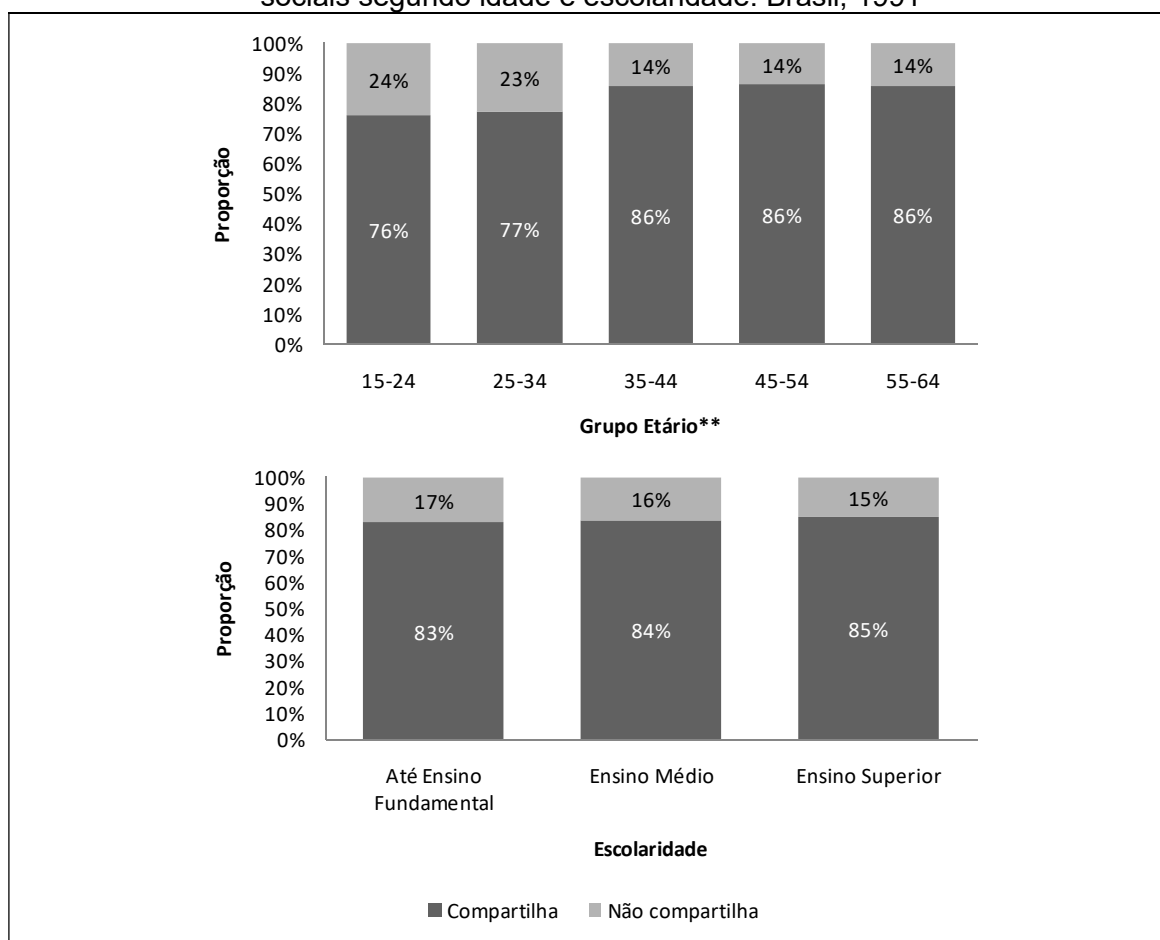


Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

A associação encontrada também pode estar relacionada às diferenças culturais entre as coortes. Conforme Glenn (1989 *apud* Dush *et. al.*, 2008) afirmou as coortes mais velhas se uniram em uma época em que as opiniões sobre as uniões eram mais pragmáticas, o apoio da sociedade e da família às uniões formais era mais forte, e os casais eram mais comprometidos com a instituição da união formal. Por isso, o esforço em compartilhar atitudes e opiniões a fim de minimizar os conflitos conjugais e gerar uma boa convivência por parte dos cônjuges de gerações mais velhas pode ser diferenciado. Outro fator que também pode distinguir as coortes são as próprias experiências de vida nas esferas políticas e culturais, que podem fazer com que algumas coortes sejam mais homogêneas quanto a algumas atitudes ou opiniões do que outras.

Figura 6: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge atitudes sociais segundo idade e escolaridade. Brasil, 1991



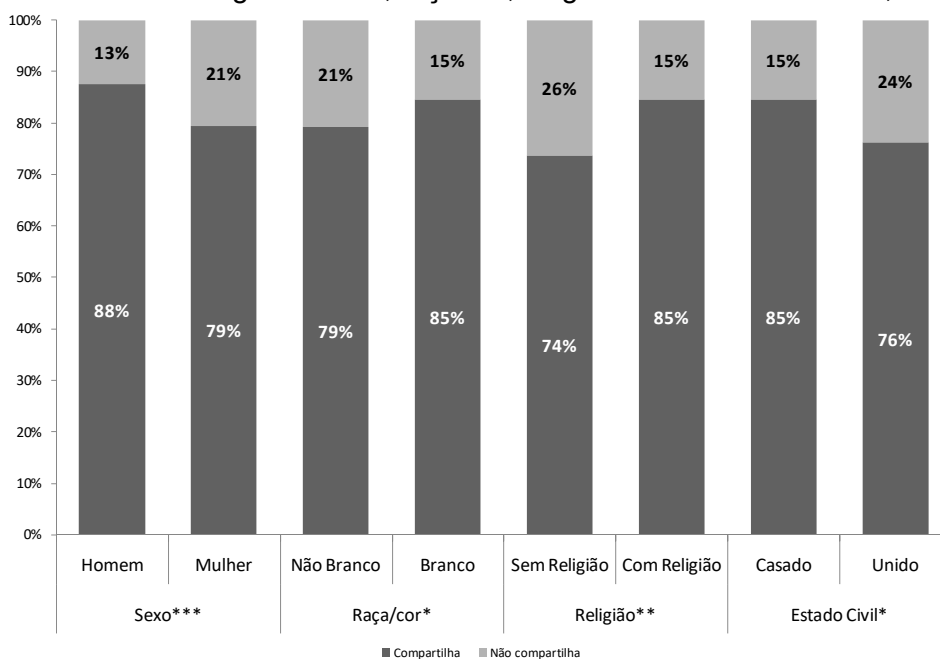
Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

O tempo de união, apesar de não ser mensurado pela WVS, está associado com a variável idade, mas também pode estar associado a recasamentos, em que a seletividade ou tolerância seriam maiores. Ou seja, é mais comum que as uniões com maior duração ocorram entre os mais velhos. Nesse caso, portanto, a idade pode refletir o efeito da convivência entre os cônjuges (considerando que a idade retrata, em algum grau, o tempo de união), o qual gera maior homogeneização das preferências e opiniões entre os cônjuges.

No Gráfico 4, observa-se o mesmo padrão identificado na análise da homogamia de padrões morais: maior prevalência de homogamia de atitudes sociais entre homens, brancos, casados e com alguma religião.

Gráfico 4: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge atitudes sociais segundo sexo, raça/cor, religião e estado civil. Brasil, 1991

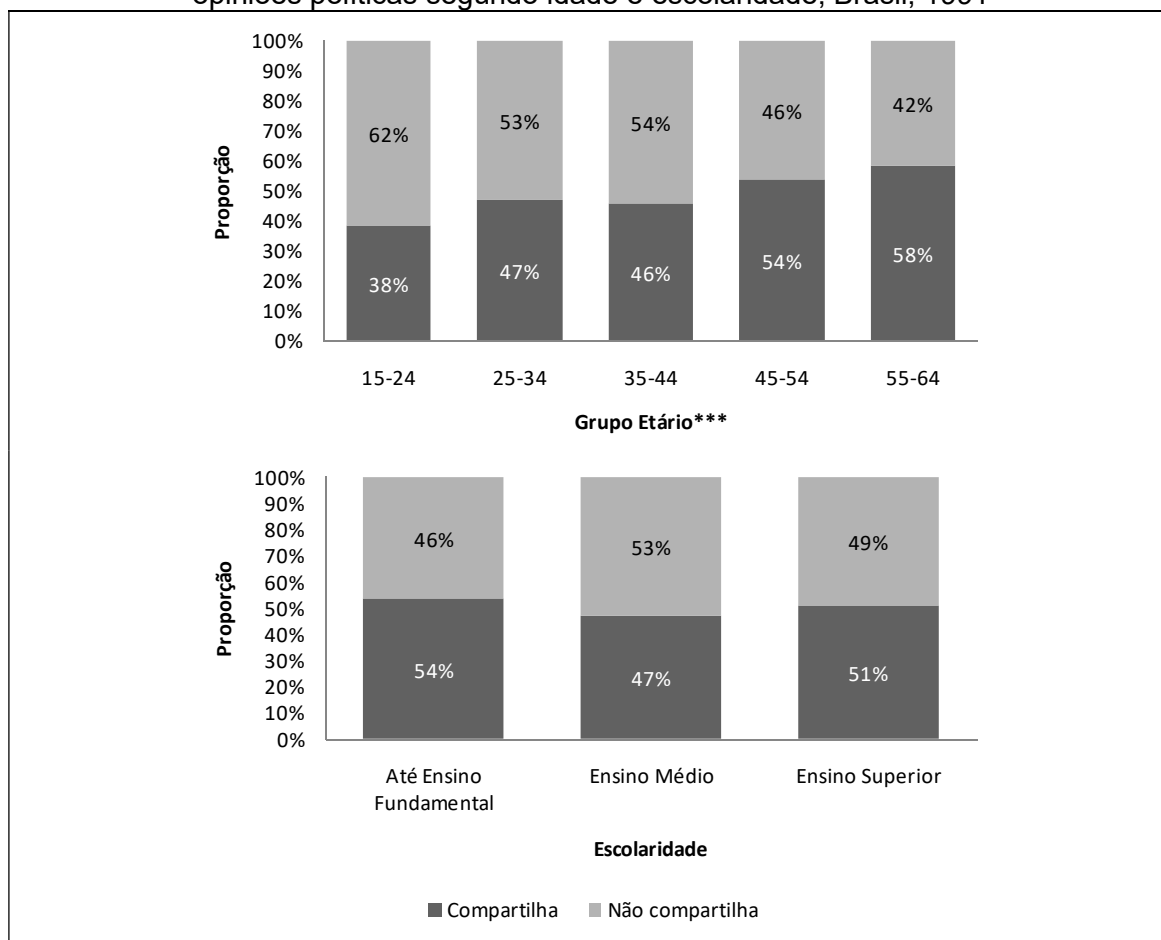


Fonte: *World Values Survey – Brasil (1991)*

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

A Figura 7 e o Gráfico 5 apresentam a proporção de indivíduos que compartilham com o cônjuge opiniões políticas segundo idade, escolaridade, sexo, raça/cor, estado civil e religião. Há uma tendência geral de aumento da proporção de casais que compartilham opiniões políticas ao longo das idades, de forma similar ao que foi observado anteriormente. Uma provável explicação para a associação positiva entre idade e homogeneidade de opiniões políticas é, além do efeito da convivência/aprendizado, alguma característica específica das coortes mais velhas. Gerações que vivenciaram momentos de grande mudança política, principalmente após um período de repressão, tenderiam a compartilhar mais os valores e as atitudes políticas do que gerações que experimentaram períodos de democracia. A outra variável de controle sensível ao compartilhamento das opiniões políticas é a religião: indivíduos com religião tendem a reportar mais homogeneidade de opiniões políticas do que aqueles sem religião.

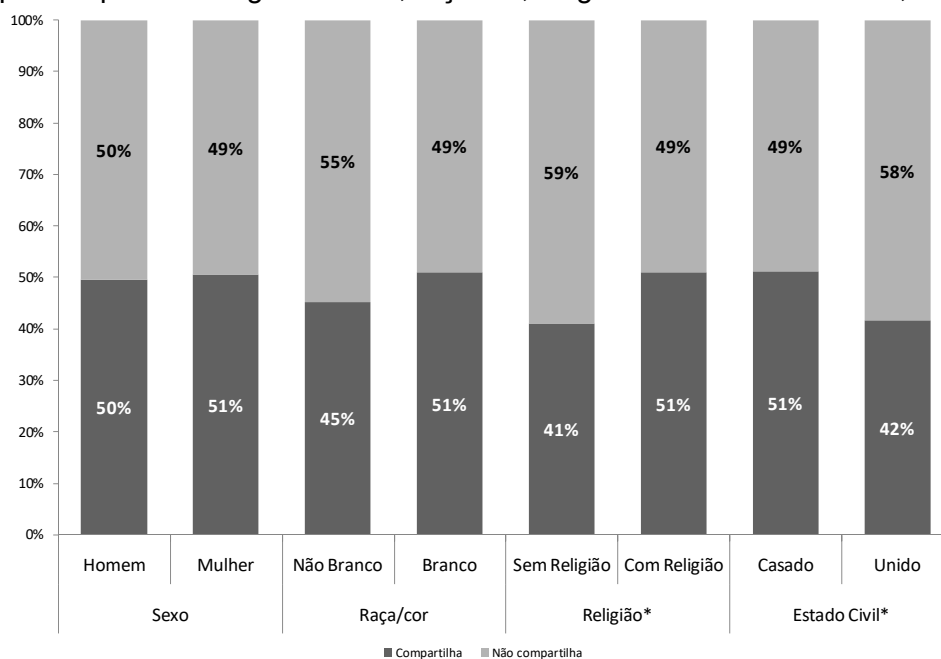
Figura 7: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge opiniões políticas segundo idade e escolaridade, Brasil, 1991



Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

Gráfico 5: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge opiniões políticas segundo sexo, raça/cor, religião e estado civil. Brasil, 1991

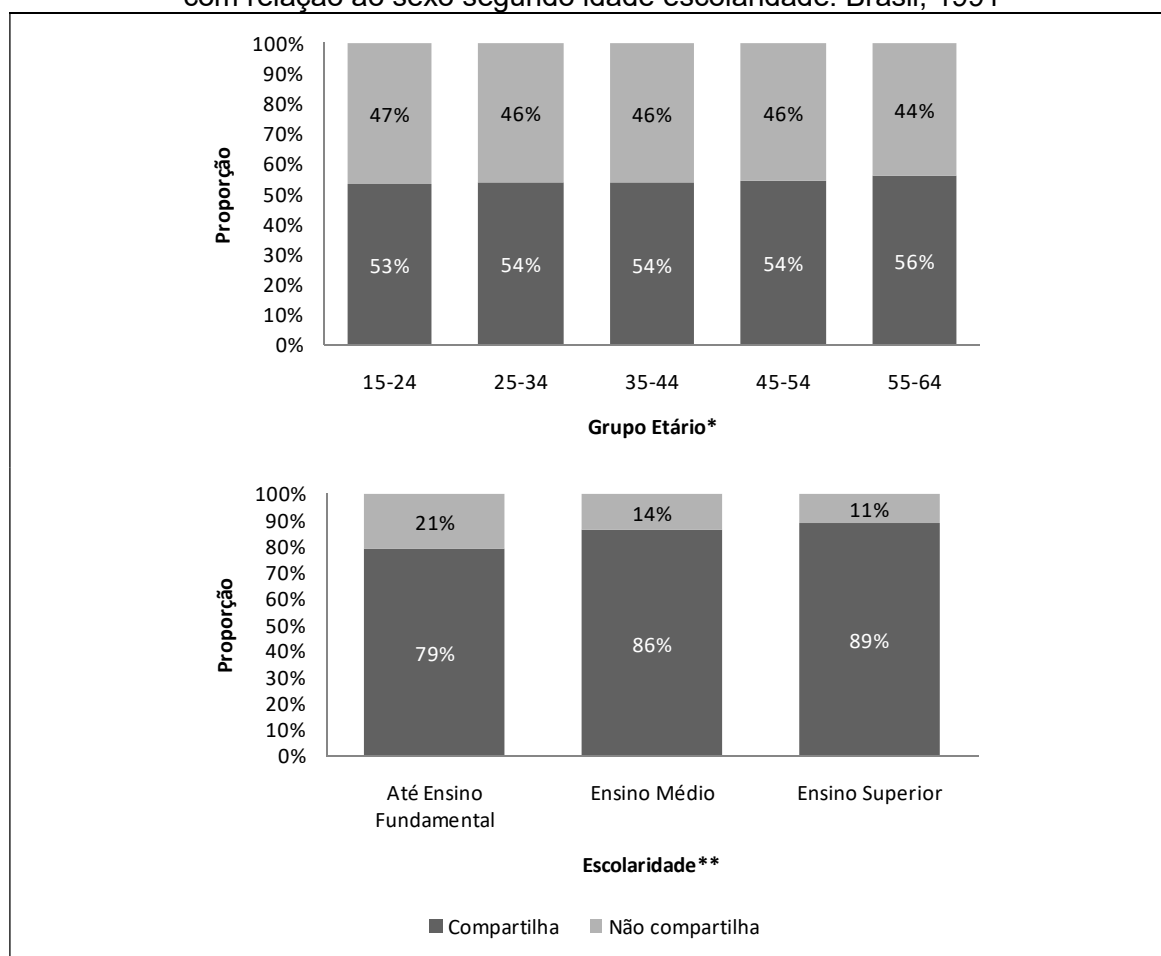


Fonte: *World Values Survey – Brasil (1991)*

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

Na Figura 8 e no Gráfico 6 estão as proporções de indivíduos que compartilham com o cônjuge atitudes com relação ao sexo. Os dados mostram que os mais velhos e mais escolarizados reportam maior homogamia de atitudes sexuais. A associação com a escolaridade, inclusive, foi significativa para o compartilhamento de atitudes religiosas e sexuais, conforme apresentado nas Figuras 4 e 8. Entretanto, as direções encontradas para as duas variáveis foram opostas: na medida em que o nível educacional aumenta, diminui o percentual de pessoas que compartilham mais atitudes religiosas; e com o aumento da escolaridade, aumenta o percentual de indivíduos que compartilham mais atitudes sexuais com o cônjuge. Uma possível explicação para o observado pode ser a diferença de preferências no mercado de casamentos entre os níveis de escolaridade. Assim, entre os menos escolarizados seria maior a importância em compartilhar com o cônjuge atitudes religiosas e, portanto, essa seria uma característica mais valorizada na escolha do parceiro. De forma análoga, no mercado de casamentos o grupo com maior escolaridade priorizaria parceiros que compartilham atitudes sexuais no momento da escolha do futuro cônjuge.

Figura 8: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge atitudes com relação ao sexo segundo idade escolaridade. Brasil, 1991



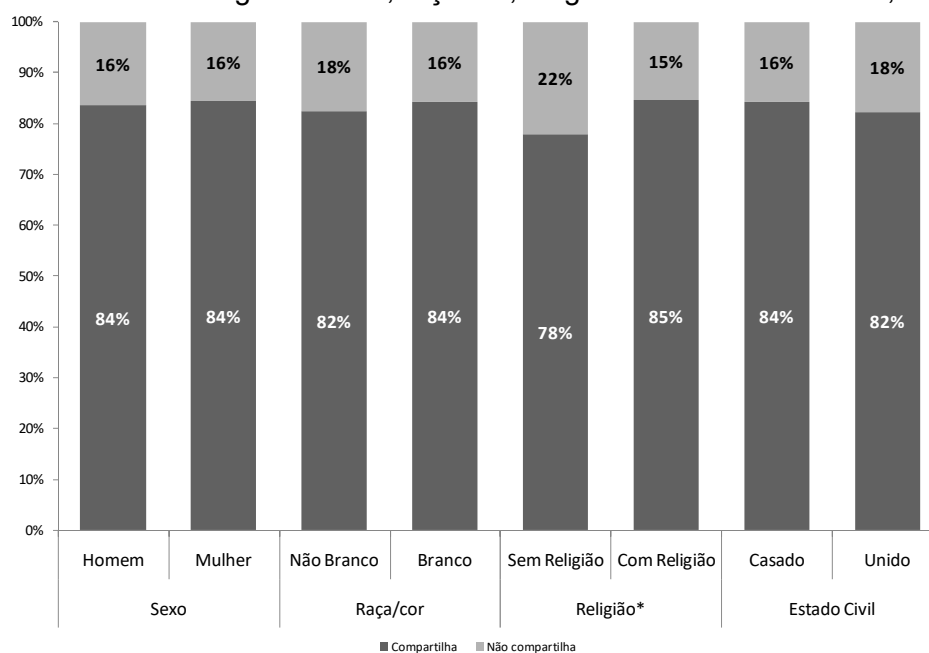
Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

Por outro lado, em todas as análises feitas até aqui, constataram-se que os indivíduos com alguma religião declararam compartilhamento de atitudes de religião na união. Não por acaso, é também sobre religião uma parcela expressiva dos estudos sobre *assortative mating* na literatura. Ao analisar o papel de algumas religiões no dia a dia dos praticantes, entende-se que a análise de homogamia de religiões capta, de certa maneira, uma parte dos valores do casal. Quer dizer, é razoável que um casal com homogamia de religiões seja minimamente homogâmico quanto aos valores religiosos. Não à toa, um dos indicadores do construto latente obtido nesta tese aborda o compartilhamento de atitudes ligadas à religião. O mesmo raciocínio pode ser feito com relação à homogamia educacional/cultural. Ao estudar casais com esse tipo de homogamia, diversos autores utilizaram pressupostos de que a homogamia educacional/cultural captava, em algum grau, a semelhança de

valores dos cônjuges. Mesmo assim, a atual investigação considera características de religião e de escolaridade, além das informações sobre o compartilhamento de atitudes, já que cada variável capta um tipo de dado e estão longe de ser substitutos perfeitos.

Gráfico 6: Proporção de entrevistados que compartilham ou não com o cônjuge atitudes sexuais segundo sexo, raça/cor, religião e estado civil. Brasil, 1991



Fonte: *World Values Survey – Brasil (1991)*

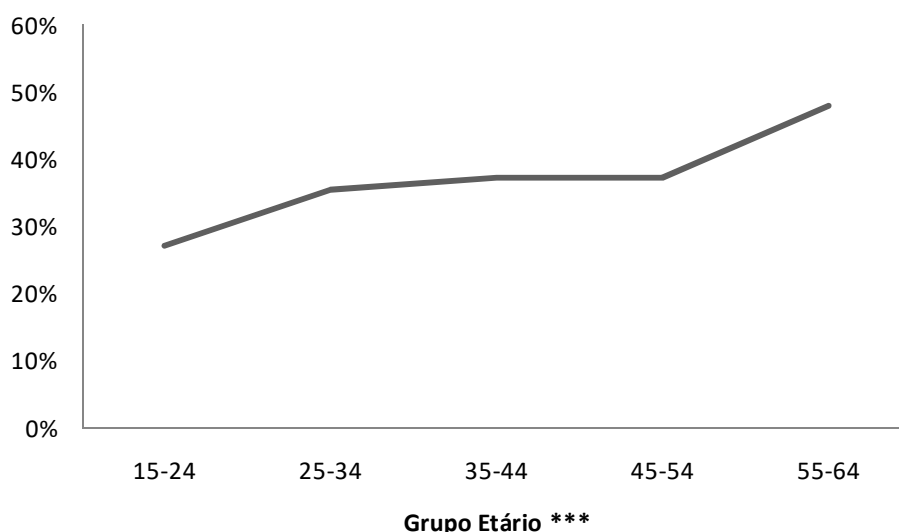
* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

Outra opção é investigar a relação entre as covariáveis e a medida síntese de homogamia de valores. Essa medida agrupa as informações sobre as cinco variáveis de compartilhamento de atitudes e cria duas variáveis. O fator, derivado da análise fatorial, pode ser interpretado da seguinte forma: *o aumento no fator representaria maiores valores de concordância nos indicadores de homogamia em relação a atitudes (sexuais, políticas, morais, sociais, etc.).*

Para a análise exploratória, optou-se por categorizar a escala de homogamia de valores em nível alto e baixo para fins de interpretação descritiva. O ponto de corte para nível alto e baixo utilizado foi a mediana. Não se fala em casais homogâmicos e não homogâmicos porque somente 25 indivíduos relataram não compartilhar com o cônjuge nenhuma das atitudes em questão.

O Gráfico 7 mostra a proporção de casais com *maior homogeneidade de valores (nível alto)* ao longo das idades. Os dados indicam a tendência de aumento da homogeneidade de valores nos grupos etários com a idade, corroborando os resultados de associação positiva da idade (ou tempo de união ou duração em termos de sobrevivência da união, ou segundas e terceiras uniões) com as atitudes compartilhadas observados anteriormente. Nesse sentido, o fator gerado parece estar captando consistentemente as associações originalmente identificadas para cada indicador de homogeneidade de valores. Dessa forma, a utilização do fator único nas análises inferenciais, adiante nesta tese, justifica-se do ponto de vista econométrico sem perda significativa de interpretabilidade e com baixo viés causado por erro de mensuração.

Gráfico 7: Proporção de casais com maior homogeneidade de valores na união segundo idade. Brasil, 1991

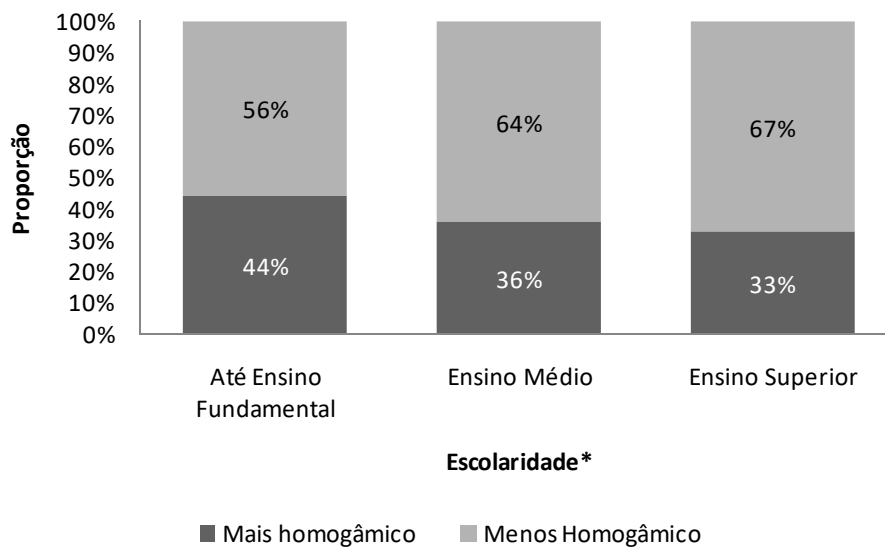


Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

O Gráfico 8, a seguir, mostra a proporção de casais conforme a homogeneidade de valores por escolaridade com dados da WVS em 1991. Conforme os resultados apresentados no Gráfico 8, quanto maior a escolaridade, menor a proporção de mais homogênicos.

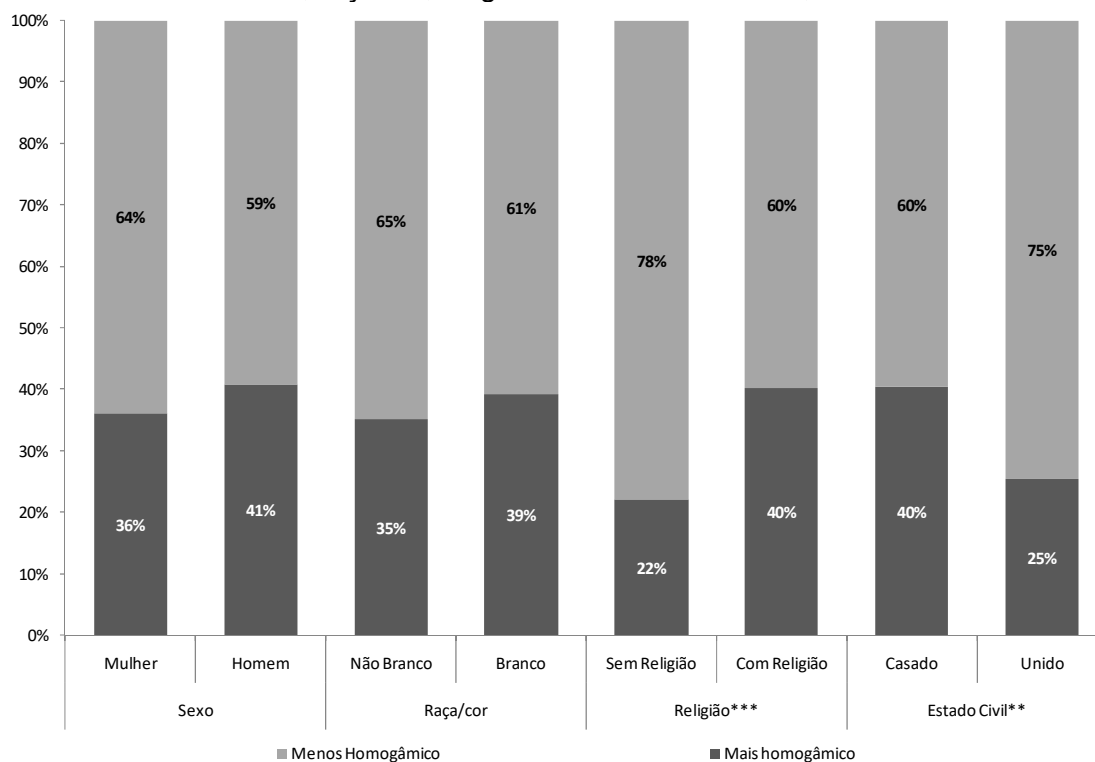
Gráfico 8: Proporção de casais com maior homogeneidade de valores na união segundo escolaridade. Brasil, 1991



Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

Gráfico 9: Proporção de casais com maior homogeneidade de valores na união segundo sexo, raça/cor, religião e estado civil. Brasil, 1991



Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

A associação encontrada converge com o resultado obtido com o indicador de compartilhamento de atitudes ligadas à religião, e diverge da relação encontrada com o compartilhamento de atitudes sexuais. Com base nesse resultado, foram comparadas as proporções de respondentes com e sem religião conforme o nível de escolaridade, e a diferença não foi significativa. Adiante serão analisados alguns modelos de regressão, e essas relações podem ser mais bem compreendidas.

O Gráfico 9 mostra a proporção de casais conforme a homogamia de valores por sexo, raça/cor, religião e estado civil com dados da WVS em 1991. Conforme os resultados apresentados no Gráfico 9, os indivíduos com alguma religião e os casados são mais homogâmicos. Esse resultado corrobora o que foi levantado anteriormente, de que a religião possui uma carga de valores demonstrando, assim, que casais com alguma religião possuem maior homogamia de valores.

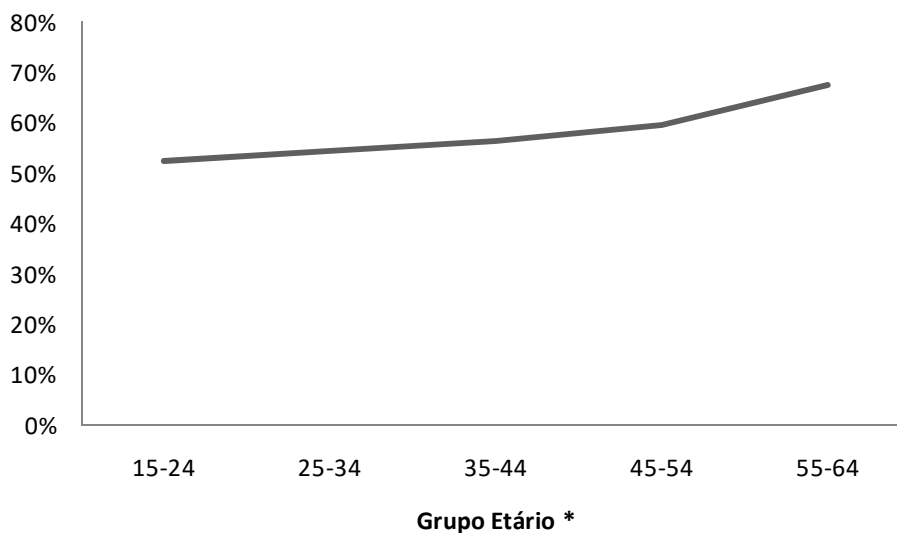
Análise Bivariada de Felicidade Marital

O Gráfico 10 contem a proporção de satisfeitos com a vida em casa segundo os grupos etários. Da mesma maneira que ser mais velho está relacionado com ser mais homogâmico, a idade também está positivamente relacionada com maiores níveis de satisfação com a vida em casa. Esse resultado converge com a associação positiva entre qualidade marital e idade encontrada por Umberson *et. al.* (2005). Os autores defendem que o perfil mais equilibrado emocionalmente dos mais velhos reduziria situações de conflitos e beneficiaria a felicidade da união. Outro efeito associado à idade é a duração da união. Esse efeito origina-se do fato de os dados serem transversais (*crossection*). Por isso, as uniões observadas tendem a ser aquelas bem sucedidas, uma vez que as uniões com qualidade marital ruim deixam de existir por meio do divórcio, refletindo claramente um efeito de seleção entre os mais velhos (Glenn, 1989 *apud* Dush *et. al.*, 2008; Umberson *et. al.*, 2005).

O Gráfico 11 apresenta a proporção de satisfeitos com a vida em casa segundo escolaridade, sexo, raça/cor, religião e estado civil. Seriam mais felizes na

união aqueles com menor nível educacional, homens, pessoas com religião e casais unidos formalmente.

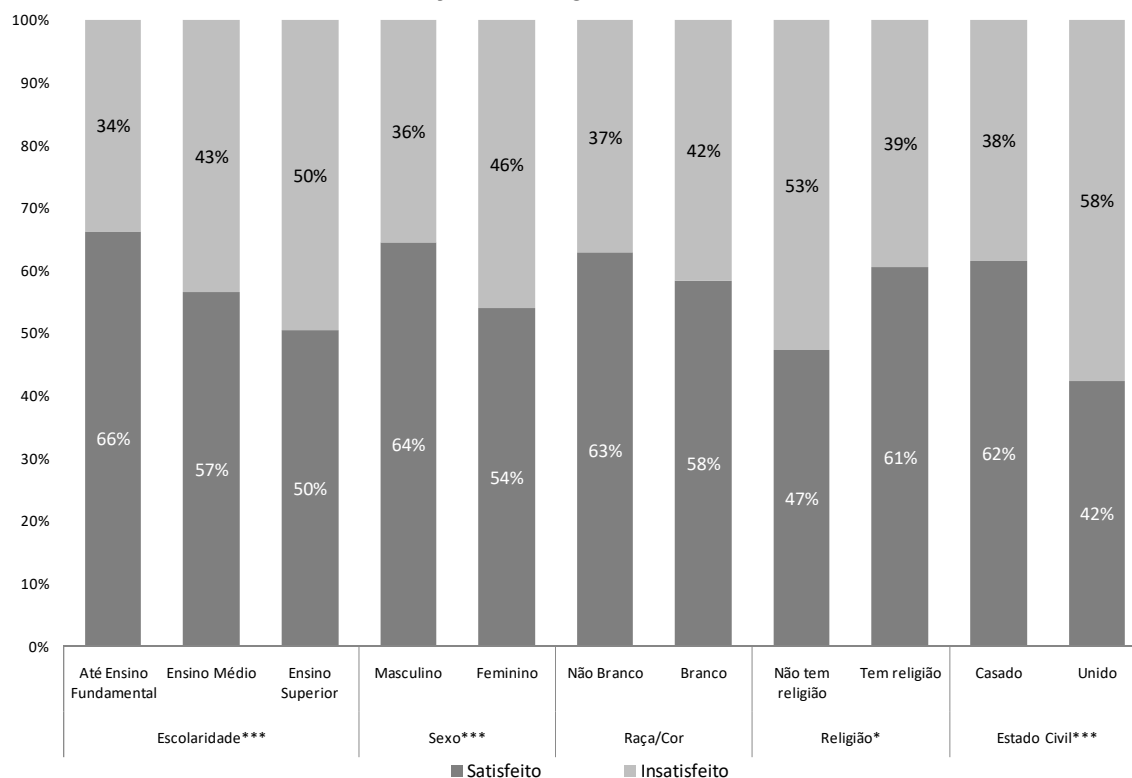
Gráfico 10: Proporção de satisfeitos com a vida em casa segundo grupo etário. Brasil, 1991



Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

Gráfico 11: Proporção de satisfeitos e insatisfeitos com a vida em casa segundo escolaridade, sexo, raça/cor, religião e estado civil. Brasil, 1991

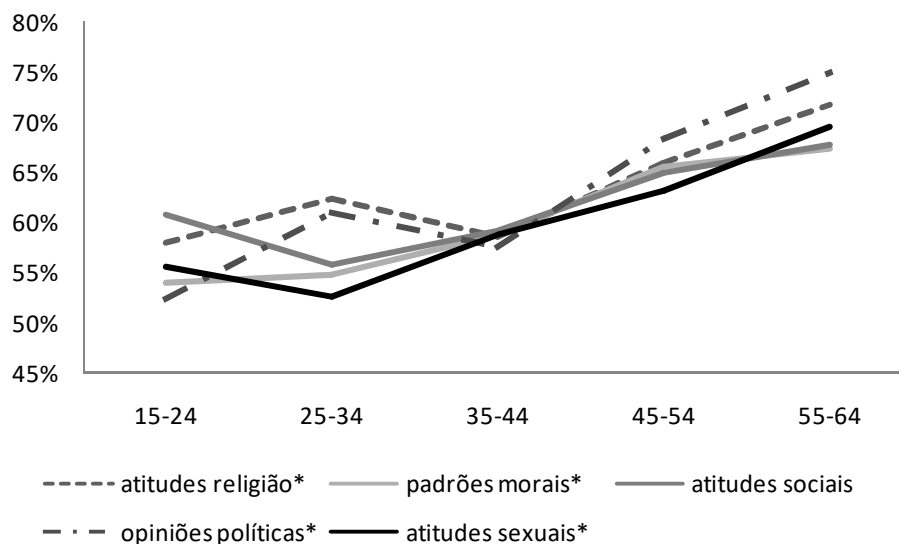


Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

As associações da felicidade marital com os cinco tipos de homogamia de atitudes e a idade estão expostas no Gráfico 12. Em todos os tipos de homogamia de atitudes, observa-se um aumento da proporção de indivíduos satisfeitos com a vida em casa. Ou seja, quanto mais velhos, mais valores semelhantes eles possuem com os cônjuges e maior felicidade com a união eles reportam. A maior tolerância entre os mais velhos associada à maior homogamia de valores cria um cenário que pode levar a uma minimização dos conflitos entre os cônjuges e, assim, maximizar a felicidade marital (Amato *et. al.*, 2004; Dush *et. al.*, 2008).

Gráfico 12: Proporção de entrevistados satisfeitos com a vida em casa segundo grupo etário e homogamia de valores. Brasil, 1991



Fonte: *World Values Survey – Brasil (1991)*

* valor-p $\leq 0,05$; ** valor-p $\leq 0,01$; *** valor-p $\leq 0,001$

Ao considerar a idade como *proxy* de tempo de união, um grupo mais velho de pessoas que vivem em união formal ou consensual teria maior homogamia de valores do que outro grupo mais jovem. Essa associação seria explicada tanto pelo efeito seletividade quanto pelo efeito de aprendizado. É interessante notar que não é um aumento contínuo, há uma fase de estabilidade. Ou seja, os casais com menor homogamia de valores teriam menores níveis de felicidade marital e maiores taxas de divórcio e, portanto, não estariam mais na amostra dos casais velhos. Assim, uma amostra de casados/unidos, *ceteris paribus*,

seria mais homogâmica quanto maior fosse o tempo de casado/unido. E o efeito de aprendizado seria explicado pelo convívio e a convergência de valores durante a convivência conjugal (Fenell, 1993 *apud* Young, 2004).

Modelos de Regressão

Os resultados dos quatro primeiros modelos de regressão estão apresentados, a seguir. São eles os modelos de mínimos quadrados ordinários, de mínimos quadrados ordinários com erro padrão robusto, de mínimos quadrados ponderados e de *tobit*. Na sequência, os resultados dos três modelos de regressão logística ordinal são explorados, com maior ênfase no modelo tradicional de regressão logística ordinal simétrico. Por fim, as relações entre a felicidade marital e cada um dos indicadores da homogamia de valores também são modeladas.

A Tabela 11 apresenta os resultados dos modelos de mínimos quadrados ordinários, de mínimos quadrados ordinários com erro padrão robusto (Huber-White), de mínimos quadrados ponderados (MQP) e de *tobit*. Nos quatro modelos os resultados indicam que estão positivamente associados com a felicidade marital a homogamia de valores, o estado civil (ser casado/unido formalmente) e o sexo (ser homem). O fato de ter alguma religião e ter idade entre 55 e 64 anos também apresentou relação direta e significativa com a variável dependente, exceto pelo modelo MQP que não foi significativo para essas duas variáveis.

Tabela 11: Resultados dos modelos de MQO, MQO com erro padrão robusto, MQP e tobit para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	Modelo			
	Mínimos Quadrados Ordinários	Mínimos Quadrados Ordinários (erro padrão robusto)	Mínimos Quadrados Ponderados	Tobit
Homogamia de valores	1,367** [0,188]	1,367** [0,274]	0,531** [0,176]	2,248** [0,441]
Branco	-0,100 [0,161]	-0,100 [0,180]	-0,147 [0,124]	-0,174 [0,324]
Com Religião	0,492* [0,214]	0,492+ [0,253]	0,205 [0,208]	0,863* [0,393]
Unido	-0,925** [0,196]	-0,925** [0,235]	-0,620** [0,197]	-1,510** [0,354]
Ensino Médio	-0,046 [0,144]	-0,046 [0,162]	-0,141 [0,108]	-0,295 [0,304]
Ensino Superior	-0,069 [0,217]	-0,069 [0,202]	-0,139 [0,165]	-0,661+ [0,375]
Com filhos	-0,365 [0,224]	-0,365* [0,179]	-0,297+ [0,171]	-0,432 [0,368]
Homem	0,389** [0,127]	0,389** [0,136]	0,530** [0,095]	0,728** [0,251]
55 a 64 anos	0,355* [0,154]	0,355* [0,161]	0,184 [0,112]	0,888** [0,330]
Constante	6,944** [0,363]	6,944** [0,430]	8,396** [0,391]	7,136** [0,713]
Sigma (σ)				3,350** [0,131]
Observações	1,010	1,021	748	1,021
R ² _{ajustado}	0,1021	0,1019		

Erros padrões entre colchetes

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

Com base na Tabela 11, observa-se que as estimativas dos modelos MQO e MQO com erro padrão robusto são idênticas, já que a diferença entre eles é exatamente no cálculo do erro padrão. Entretanto, há diferenças entre os modelos MQO e MQP, e a que mais chama atenção refere-se às estimativas da homogamia de valores. É possível notar que o efeito da homogamia de valores é muito diferente no modelo MQP em relação aos modelos MQO.

Sugere-se que a média de felicidade marital para pessoas com alta homogamia de valores nos modelos MQO desloca a reta de regressão artificialmente para cima (por isso o β do MQO é mais alto). Considerando que o modelo MQP dá pesos menores aos erros com maior variância, e a variabilidade da felicidade marital entre os indivíduos que tem homogamia alta é maior, eles recebem menos peso para a estimação do β ponderado no MQP, reduzindo seu efeito final (o β é muito menor). Ou seja, o método de mínimos quadrados ponderados, ao analisar a variância dos erros, percebe que os indivíduos com maior homogamia são exatamente aqueles com maior variância no erro. Assim, ao calcular os coeficientes da regressão, o modelo MQP dá menor peso a esses casos, que são justamente os casos que “puxam” a reta de regressão para cima nos modelos MQO. Ainda sobre a Tabela 11, no modelo *tobit* os coeficientes estimados são maiores do que nas regressões anteriores. E isso já é esperado, dado que no modelo *tobit* os coeficientes estimados não fornecem uma medida real do efeito das variáveis, já que toda estimação foi feita considerando o impacto na variável latente criada pelo modelo.

A Tabela 12, a seguir, mostra os coeficientes, os erros padrões e as razões de chance dos modelos ordinal logístico tradicional, ordinal log-log e complementar log-log considerando a *homogamia de valores*, variável explicativa de um único fator.

Tabela 12: Resultados dos modelos ordinal logístico tradicional, ordinal log-log e complementar log-log (homogamia de valores) para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	Ordinal Logístico			Ordinal Log-log			Complementar Log-Log		
	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances
Homogamia de valores	1,095**	[0,241]	2,99	0,638**	[0,139]	1,89	0,719**	[0,122]	2,05
Branco	-0,113	[0,170]	0,89	-0,118	[0,123]	0,89	-0,030	[0,088]	0,97
Com Religião	0,466*	[0,213]	1,59	0,318*	[0,143]	1,37	0,218*	[0,109]	1,24
Unido	-0,804**	[0,189]	0,45	-0,589**	[0,132]	0,55	-0,382**	[0,096]	0,68
Ensino Médio	-0,209	[0,162]	0,81	-0,242*	[0,118]	0,79	0,003	[0,084]	1,00
Ensino Superior	-0,427*	[0,197]	0,65	-0,447**	[0,153]	0,64	-0,017	[0,102]	0,98
Com filhos	-0,195	[0,187]	0,82	-0,054	[0,144]	0,95	-0,223*	[0,098]	0,80
Homem	0,353**	[0,130]	1,42	0,273**	[0,096]	1,31	0,211**	[0,068]	1,23
55 a 64 anos	0,420*	[0,172]	1,52	0,335*	[0,130]	1,40	0,228**	[0,087]	1,26
Tau1 (τ_1)	3,183**	[0,472]		3,585**	[0,370]		0,859**	[0,197]	
Tau2 (τ_2)	2,723**	[0,439]		3,133**	[0,334]		0,728**	[0,191]	
Tau3 (τ_3)	2,309**	[0,442]		2,731**	[0,329]		0,599**	[0,193]	
Tau4 (τ_4)	1,886**	[0,438]		2,329**	[0,315]		0,453*	[0,198]	
Tau5 (τ_5)	0,797+	[0,407]		1,321**	[0,271]		0,006	[0,197]	
Tau6 (τ_6)	0,497	[0,404]		1,053**	[0,266]		-0,136	[0,198]	
Tau7 (τ_7)	0,026	[0,402]		0,646*	[0,260]		-0,377+	[0,201]	
Tau8 (τ_8)	-0,827*	[0,398]		-0,039	[0,250]		-0,879**	[0,202]	
Tau9 (τ_9)	-1,335**	[0,397]		-0,408	[0,249]		-1,222**	[0,203]	
Observações		1.021			1.021			1021	

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

Com base na Tabela 12 é possível observar que os resultados dos três modelos logísticos são muito semelhantes, com plena concordância em termos de direção das associações que são significativas. Por exemplo, o fato de ter alguma religião apresentou relação positiva com a felicidade marital nos três modelos estatísticos, bem como o fato de ser homem. As diferenças observadas entre os modelos estão na intensidade dos coeficientes e em alguns (poucos) níveis de significância. Todavia, de uma forma geral, a escolha de um dos três modelos para interpretação não gera mudanças nas associações encontradas.

Vale lembrar que a falta de parâmetros e de estudos anteriores sobre o tema impossibilita (no caso específico deste estudo) a definição sobre qual dos três modelos é o mais adequado. Embora seja possível analisar as relações, uma a uma, das variáveis x com a felicidade marital, o modelo considera todas as características ao mesmo tempo e, por isso a importância de estudos prévios e de teorias já formuladas sobre o tema. Diante disso, a interpretação de um dos três modelos tem o intuito de viabilizar as análises e o critério para a escolha segue o modelo tradicional. Ou seja, o modelo ordinal logístico padrão (simétrico) será analisado a partir deste ponto e, embora as associações retratem os resultados dos três modelos, os coeficientes são os estimados pelo modelo tradicional. Ademais, foram testados os modelos considerando os possíveis efeitos interativos das covariáveis com homogamia de valores separadamente e conjuntamente. Entretanto, provavelmente devido ao tamanho amostral, os resultados não foram significativos.

Conforme os dados apresentados na Tabela 12, os mais homogâmicos quanto aos valores possuem 199% mais chance de serem mais felizes na união do que os menos homogâmicos. Embora não tenham analisado diretamente a homogamia de valores, mas a homogamia de atributos (religião, raça/cor, idade e escolaridade), Amato *et. al.* (2004) encontraram resultados semelhantes: a maior heterogamia do casal geraria menor felicidade marital. A justificativa encontrada na literatura relaciona as semelhanças entre os cônjuges com a redução de conflito (Dush *et. al.*, 2008; Kalmijn, 1994), em que a felicidade marital seria tão maior quanto menores forem os conflitos conjugais. Kalmijn

(1994) defendeu que a semelhança de valores, opiniões e preferências gerariam menos atritos ao longo da convivência do casal²⁶ e, segundo Dush *et. al.* (2008), a felicidade marital é tão maior quanto menor for o nível de conflitos conjugais. Assim, ao minimizar conflitos conjugais o casal reduz o potencial de divórcio e aumenta a probabilidade de apresentar maior nível de qualidade da relação. Portanto, a hipótese principal deste trabalho é corroborada pelos resultados apresentados na Tabela 12, ou seja, há indícios de que os indivíduos casados/unidos com pessoas com valores similares experimentariam maiores níveis de satisfação com a vida conjugal.

A importância desse resultado extrapola a contribuição da confirmação da associação entre homogamia de valores e felicidade marital. Constatar em todos os sete modelos gerados que a homogamia de valores é fortemente relacionada com a felicidade marital significa mais do que corroborar a hipótese central deste trabalho, uma vez que a existência do próprio construto foi uma proposta inédita e ainda não abordada pela literatura. Logo, nesta tese demonstrou-se que é factível considerar a *homogamia de valores* como mais um atributo de seletividade marital e, conseqüentemente, esse conceito passa a fazer parte da agenda de pesquisa dos estudiosos da área.

Há também outras associações importantes com a felicidade marital que foram observadas nesta tese. Um resultado notável é que ter alguma religião aumenta em 59% as chances de apresentar maior felicidade marital em relação aos que não possuem nenhuma religião. Isso indica um provável efeito protetor da religião para o divórcio, refletindo possivelmente o papel central que a união assume em diversas religiões. Essa valorização da instituição matrimonial costuma estar associada à rejeição de diversas sociedades religiosas ao divórcio, justificando estes resultados. Segundo Myers (2006), a forte crença na permanência conjugal leva o indivíduo a investir mais tempo e esforços na tentativa de resolver as divergências e problemas conjugais. Conforme Dush *et. al.* (2003), aqueles que valorizam mais a instituição da união formal escolheriam com mais cuidado e critério o parceiro com quem se uniriam, uma

²⁶ Embora o autor defenda o compartilhamento de valores, opiniões e preferências, a medida utilizada para classificar os casais como homogâmicos culturalmente foi a análise das ocupações.

vez que a ideia inicial seria uma união para toda a vida. Por isso a associação forte e positiva entre a felicidade marital e religião.

Ainda sobre a Tabela 12, o fato de estar em união consensual, em relação a estar casado (união formal), diminui em 55% a chance de ser feliz na união. A formalização do matrimônio estaria refletindo o perfil de quem opta por formalizar a união, o grau de comprometimento com a relação e os critérios de escolha do parceiro. A literatura aponta que a seleção do parceiro para a coabitação seria responsável pela relação negativa com a qualidade marital (Booth & Johnson, 1988). É que uma corrente da literatura defende que as pessoas, ao optar por coabitar, não seriam tão exigentes na escolha do parceiro como se a escolha fosse para uma união formal. Entretanto, Blackwell & Lichter (2004 *apud* Tomas, 2012) encontram que não há muita diferença entre os critérios para as escolhas do(a) futuro(a) namorado(a), parceiro(a) de união ou cônjuge.

A associação negativa entre viver em união e a felicidade conjugal também foi apontada por outros autores, que estendem o perfil menos apegado às tradições, característico de quem coabita, à falta de comprometimento com a relação. Da mesma maneira que o comprometimento com a instituição matrimonial relaciona-se com o forte papel da religião na felicidade marital, um suposto fraco comprometimento com as normas tradicionais do casamento levariam os cônjuges a tomar atitudes pró-divórcio, gerando baixos níveis de qualidade marital (Amato & Rogers, 1999). Por isso, a associação negativa entre viver em união e felicidade marital, também encontrada por Dush *et. al.* (2003) e Jose *et. al.* (2010). Os resultados desta tese reafirmam esse efeito encontrado pelos autores, mesmo após levar em consideração o nível de homogamia de valores. Nesse sentido, o menor comprometimento com as normas tradicionais entre os unidos não é suficientemente compensado por casais mais homogâmicos em termos de valores, mantendo seu efeito significativo.

Uma contribuição adicional desta tese diz respeito à associação entre escolaridade e felicidade marital para o Brasil. Ter escolaridade em nível superior, em relação àqueles com até ensino fundamental, reduz a chance de

ser feliz na união em 35%. A compreensão dessa relação depende do papel que a escolaridade pode assumir na união, e do momento do ciclo de vida que o indivíduo se encontra. Ao considerar a escolaridade como *proxy* de situação socioeconômica, o resultado encontrado vai contra o que Waite (1995) e Amato *et. al.* (2003) demonstraram, em que os menos favorecidos economicamente apresentaram pior qualidade marital. Por outro lado, a escolaridade pode estar refletindo muito mais uma questão de homogamia cultural²⁷ do que de *status* econômico. Assim, a maior homogeneidade dos casais menos escolarizados em relação ao outro extremo justificaria esse resultado. Entretanto, a interpretação das relações que envolvem escolaridade é mais limitada, haja vista que essa é uma característica que se modifica ao longo do ciclo de vida e que os dados da *World Values Survey* são transversais.

Ainda sobre os resultados do modelo logístico ordinal, o sexo também apresentou associação significativa com a felicidade marital. Os homens apresentam 42% mais chance de serem felizes na união do que as mulheres. Essa relação foi descrita na literatura (Umberson *et. al.*, 2005; White, 1990 *apud* Amato *et. al.*, 2004), com menores níveis de felicidade marital entre as mulheres. Umberson *et. al.* (2005) apontaram o maior estresse feminino devido ao casamento como uma das causas para essa diferença com relação aos homens. Light & Ahn (2010) mostraram que o custo de oportunidade do divórcio é maior para as mulheres, o que explicaria o efeito positivo para os homens, já que as mulheres estariam mais infelizes com o casamento por terem que aceitar as opiniões e os desejos do homem dentro do casamento, devido ao seu maior custo de oportunidade do divórcio.

Outra explicação pode estar associada à ordem da união. Os resultados podem indicar os homens mais felizes na união porque já estariam na segunda ou terceira união, em que o indivíduo tem mais experiência e sabe escolher melhor com quem se relaciona.

²⁷ Apesar de a WVS não possuir as características dos cônjuges, a literatura mostrou que grande parte dos casais é homogâmico quanto à escolaridade (exceto nos casos enfatizados pela Teoria da Troca).

A última relação significativa do modelo final ocorre entre idade e felicidade marital, e é positiva. Os mais velhos, com idade entre 55 e 64 anos, tem 52% mais chance de considerarem a união feliz do que aqueles com idade entre 18 e 54 anos. Esse resultado também vai ao encontro com outros estudos, que justificam a associação positiva entre felicidade marital e idade por uma provável redução de conflitos entre o casal, já que os mais velhos tendem a ser mais maduros e menos impulsivos (Umberson *et. al.*, 2005), além de saberem escolher melhor tendo em vista sua maior experiência (no caso de uniões de maior ordem). Além disso, há que se considerar o efeito do tempo de casado/unido, que tende a homogeneizar os valores dos cônjuges (Fenell, 1993 *apud* Young, 2004) e a não manter casados/unidos aqueles infelizes no matrimônio (Glenn, 1989 *apud* Dush *et. al.*, 2008; Umberson *et. al.*, 2005).

Ao fim da análise dos resultados, é notável a importância da valorização da união como instituição na felicidade marital, refletida tanto nas análises sobre religião, quanto na discussão sobre casados e unidos. A partir das relações encontradas neste trabalho, foi possível perceber que o argumento de uma corrente da literatura pode fazer sentido. A falta de comprometimento e de crença na instituição do casamento estariam negativamente associados com a qualidade conjugal para o Brasil.

Os resultados dos modelos que investigam associação entre felicidade marital e os cinco indicadores de homogamia de valores estão disponíveis na Tabela 13, a seguir. Nestes modelos, em vez de utilizar a variável *homogamia de valores* foram incluídos os indicadores da variável latente separadamente. Isso possibilita a análise do efeito de cada variável que compõe a homogamia de valores (compartilhamento de atitudes relacionadas à religião, de atitudes sociais, de padrões morais, de opiniões políticas e de atitudes sexuais) na felicidade marital.

Tabela 13: Resultados dos modelos ordinais logísticos tradicionais (atitudes de religião, atitudes sociais, padrões morais, opiniões políticas e atitudes sexuais) para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	Atitudes religião			Atitudes sociais			Padrões morais			Opiniões políticas			Atitudes sexuais		
	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances
Indicador de Homogamia de valores	0,57**	0,15	1,77	0,67**	0,22	1,95	0,72**	0,19	2,05	0,40**	0,12	1,49	0,61**	0,20	1,84
Branco	-0,08	0,17	0,92	-0,09	0,17	0,91	-0,10	0,17	0,91	-0,08	0,17	0,92	-0,05	0,17	0,95
Com Religião	0,45*	0,21	1,58	0,55**	0,21	1,74	0,53*	0,21	1,70	0,59**	0,21	1,81	0,56**	0,21	1,76
Unido	-0,84**	0,19	0,43	-0,83**	0,19	0,44	-0,82**	0,19	0,44	-0,85**	0,19	0,43	-0,88**	0,19	0,42
Ensino Médio	-0,18	0,16	0,84	-0,22	0,16	0,80	-0,22	0,16	0,81	-0,17	0,16	0,85	-0,22	0,16	0,80
Ensino Superior	-0,34 ⁺	0,20	0,71	-0,44*	0,19	0,64	-0,43*	0,20	0,65	-0,40*	0,20	0,67	-0,45*	0,20	0,64
Com filhos	-0,18	0,19	0,83	-0,22	0,19	0,80	-0,20	0,19	0,82	-0,19	0,19	0,83	-0,19	0,19	0,83
Homem	0,37**	0,13	0,69	0,37**	0,13	0,69	0,36**	0,13	0,70	0,43**	0,13	0,65	0,43**	0,13	0,65
55 a 64 anos	0,43*	0,17	1,54	0,42*	0,17	1,53	0,42*	0,17	1,52	0,39*	0,17	1,48	0,45**	0,17	1,57
Tau1 (τ_1)	-4,44	0,47		-4,27	0,49		-4,24	0,48		-4,62	0,46		-4,36	0,48	
Tau2 (τ_2)	-3,98	0,43		-3,81	0,46		-3,78	0,45		-4,17	0,42		-3,90	0,44	
Tau3 (τ_3)	-3,57	0,44		-3,40	0,48		-3,37	0,47		-3,76	0,42		-3,49	0,46	
Tau4 (τ_4)	-3,15	0,44		-2,98	0,48		-2,95	0,46		-3,35	0,42		-3,08	0,45	
Tau5 (τ_5)	-2,08	0,40		-1,90	0,44		-1,87	0,42		-2,28	0,39		-2,00	0,42	
Tau6 (τ_6)	-1,79	0,40		-1,60	0,43		-1,57	0,42		-1,98	0,38		-1,70	0,42	
Tau7 (τ_7)	-1,32	0,39		-1,14	0,43		-1,10	0,41		-1,52	0,38		-1,24	0,41	
Tau8 (τ_8)	-0,47	0,39		-0,30	0,42		-0,26	0,41		-0,68	0,37		-0,39	0,41	
Tau9 (τ_9)	0,03	0,38		0,20	0,42		0,25	0,40		-0,17	0,37		0,11	0,41	
Observações		1.021			1.021			1.021			1.021			1.021	

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

Ao analisar os cinco modelos, os resultados sugerem que a felicidade aumenta para os indivíduos que compartilham com o cônjuge atitudes relacionadas à religião, atitudes sociais, padrões morais, opiniões políticas e atitudes relacionadas ao sexo. Em todos os casos os coeficientes foram positivos e significativos. Por exemplo, as pessoas que compartilham os padrões morais com os parceiros têm um aumento de 105% na chance de serem felizes na união. Já os indivíduos que compartilham atitudes sociais tem 95% mais chance de apresentarem maiores níveis de felicidade marital do que aqueles que não compartilham.

Ao considerar o compartilhamento de atitudes (relacionadas a valores) como um bom preditor de compartilhamento de valores, as relações encontradas podem ser entendidas sob a ótica de que compartilhar valores reduz o potencial de conflitos justifica esses resultados. Constata-se, portanto, que os efeitos dos indicadores de homogamia de valores, em modelos separados, na felicidade marital são sempre positivos.

No anexo estão disponibilizadas mais cinco tabelas, a primeira com os resultados de três regressões (tradicional, ordinal log-log e complementar log-log) do modelo com compartilhamento de atitudes relacionadas à religião (Tabela A2), a segunda com três regressões do modelo com compartilhamento de atitudes sociais (Tabela A3), a terceira com três regressões do modelo com compartilhamento de padrões morais (Tabela A4), a quarta com três regressões do modelo com compartilhamento de opiniões políticas (Tabela A5) e a quinta com três regressões do modelo com compartilhamento de atitudes sexuais (Tabela A6).

Entretanto, há que se analisar o efeito caso as cinco variáveis de homogamia de valores sejam incluídas no mesmo modelo, conforme apresentado na Tabela 14. Neste modelo, em vez de utilizar a variável homogamia de valores ou os indicadores separadamente, foram incluídos os cinco indicadores. Isso possibilita a comparação do efeito das variáveis que compõem a homogamia de valores (compartilhamento de atitudes relacionadas à religião, de atitudes sociais, de padrões morais, de opiniões políticas e de atitudes sexuais) na felicidade marital.

Tabela 14: Resultados do modelo ordinal logístico tradicional (com todos os indicadores juntos) para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	β	Erro padrão	Razão de Chances
Atitudes relacionadas à religião	0,316*	[0,155]	1,37
Atitudes sociais	0,183	[0,238]	1,20
Padrões morais	0,358 ⁺	[0,208]	1,43
Opiniões políticas	0,191	[0,128]	1,21
Atitudes relacionadas ao sexo	0,300	[0,210]	1,35
Branco	-0,110	[0,171]	0,90
Com Religião	0,454*	[0,215]	1,57
Unido	-0,807**	[0,190]	0,45
Ensino Médio	-0,209	[0,161]	0,81
Ensino Superior	-0,421*	[0,197]	0,66
Com filhos	-0,191	[0,188]	0,83
Homem	0,352**	[0,133]	1,42
55 a 64 anos	0,427*	[0,173]	1,53
Tau1 (τ_1)	3,184**	[0,487]	
Tau2 (τ_2)	2,724**	[0,454]	
Tau3 (τ_3)	2,310**	[0,461]	
Tau4 (τ_4)	1,888**	[0,461]	
Tau5 (τ_5)	0,800	[0,430]	
Tau6 (τ_6)	0,500	[0,427]	
Tau7 (τ_7)	0,028	[0,425]	
Tau8 (τ_8)	-0,826*	[0,421]	
Tau9 (τ_9)	-1,334**	[0,420]	
Observações		1021	

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: World Values Survey – Brasil (1991)

Os resultados apresentados na Tabela 14 não são conclusivos, já que três dos cinco indicadores não apresentaram efeito significativo sobre a felicidade marital. Somente *atitudes relacionadas à religião* e *padrões morais* foram significativas e mostraram efeito positivo sobre a felicidade marital. Ou seja,

quem compartilha atitudes relacionadas à religião tem 37% a mais de chance de ser feliz na união sobre quem não compartilha essas atitudes, e tem 43% mais chance de ser feliz na união quem compartilha padrões morais com o cônjuge. A colinearidade entre os cinco indicadores de homogamia de valores pode ter influenciado os resultados do modelo apresentado na Tabela 14.

Após a análise das regressões com as covariáveis indicadas pela literatura, foram testados modelos com cada indicador separadamente considerando os prováveis efeitos interativos das covariáveis que apresentaram relação significativa com o indicador nas primeiras análises deste capítulo. Todavia, os resultados não foram significativos, possivelmente limitados pelo tamanho amostral. Diante disso, alguns testes de médias de felicidade marital foram realizados a fim de testar possíveis efeitos interativos que, em trabalhos futuros, possam ser integrados aos modelos estatísticos completos.

Ao determinar a felicidade marital, um possível efeito a se considerar é a interação entre o estado civil e a homogamia de valores. O Quadro 2, a seguir, apresenta a diferença de médias da felicidade marital entre os unidos menos homogâmicos e os unidos mais homogâmicos. Conforme os resultados apresentados, há indícios de que a diferença de homogamia de valores separa o grupo de unidos em termos de média de felicidade marital. Ou seja, entre os unidos consensualmente, aqueles com maior homogamia de valores são mais felizes na união.

Quadro 2: Diferença de médias da felicidade marital entre os unidos menos homogâmicos e mais homogâmicos, Brasil, 1991

Grupo	Observações	Média	Erro padrão	Desvio padrão	Intervalo de confiança (95%)	
Unidos menos homogâmicos	88	7,18	0,26	2,41	6,67	7,69
Unidos mais homogâmicos	30	8,40	0,42	2,31	7,54	9,26
Combinado	118	7,49	0,22	2,43	7,05	7,94
Diferença		-1,22	0,49		-2,21	-0,23
diff = média (Unidos menos homogâmicos) - média (Unidos mais homogâmicos)					t = -2,4643	
Ho: diff = 0						
		Ha: diff < 0	Ha: diff != 0	Ha: diff > 0		
		Pr(T < t) = 0,0085	Pr(T > t) = 0,0171	Pr(T > t) = 0,9915		

Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Resultado similar é apresentado no Quadro 3, em que é mostrada a diferença de médias da felicidade marital entre os casados menos homogâmicos e os casados mais homogâmicos. Entre os casados, os mais homogâmico tem maior média de felicidade marital. Os resultados dos Quadros 2 e 3 indicam um provável efeito interativo entre o tipo de união e a homogamia de valores. Duas pessoas que vivem ou união ou que são casadas apresentam um maior nível de felicidade marital caso sejam homogâmicas em termos de valores.

Quadro 3: Diferença de médias da felicidade marital entre os casados menos homogâmicos e mais homogâmicos, Brasil, 1991

Grupo	Observações	Média	Erro padrão	Desvio padrão	Intervalo de confiança (95%)	
Casados menos homogâmicos	541	8,29	0,09	2,13	8,11	8,47
Casados mais homogâmicos	366	8,96	0,08	1,62	8,80	9,13
Combinado	907	8,56	0,07	1,97	8,43	8,69
Diferença		-0,67	0,12		-0,92	-0,43
diff = média (Casados menos homogâmicos) - média (Casados mais homogâmicos)					t = -5,3850	
Ho: diff = 0						
		Ha: diff < 0	Ha: diff != 0	Ha: diff > 0		
		Pr(T < t) = 0,0000	Pr(T > t) = 0,0000	Pr(T > t) = 1,0000		

Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Outra possível associação pode auxiliar no entendimento do papel da homogamia de valores na felicidade marital. Ao testar a diferença de médias de felicidade marital entre os unidos mais homogâmicos e os casados mais homogâmicos, disposta no Quadro 4, será possível obter alguns indícios sobre o efeito da interação da homogamia de valores com o tipo de união sobre a felicidade marital.

Conforme o Quadro 4 dispõe, não há diferença significativa de felicidade marital entre os casados e unidos mais homogâmicos. Com esse resultado, conclui-se que é possível que o efeito negativo do tipo de união seja anulado pelo nível de homogamia de valores. Ou seja, o efeito negativo da união na felicidade marital poderia ser atenuado ou anulado pela maior homogamia de valores. A literatura defende que nas uniões há menos critério para a escolha do parceiro e, por isso, os menores níveis de felicidade marital. Talvez, com a

escolha do parceiro da união considerando uma maior afinidade de valores o efeito negativo da união não seja efetivo.

Quadro 4: Diferença de médias da felicidade marital entre os casados e unidos com maior homogamia de valores, Brasil, 1991

Grupo	Observações	Média	Erro padrão	Desvio padrão	Intervalo de confiança (95%)	
Unidos mais homogâmicos	30	8,40	0,42	2,31	7,54	9,26
Casados mais homogâmicos	366	8,96	0,08	1,62	8,80	9,13
Combinado	396	8,92	0,08	1,68	8,75	9,09
Diferença		-0,56	0,43		-1,44	0,32
diff = média (Unidos mais homogâmicos) - média (Casados mais homogâmicos)					t = -1,3041	
Ho: diff = 0						
		Ha: diff < 0	Ha: diff != 0	Ha: diff > 0		
		Pr(T < t) = 0,1008	Pr(T > t) = 0,2017	Pr(T > t) = 0,8992		

Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Ainda avaliando os termos interativos que porventura possam existir, os estudos de Esteve *et. al.* (2012a, 2012b) indicam alguma direção sobre isso. Conforme os autores, existem no Brasil dois tipos de coabitação: a coabitação por necessidade e a coabitação por opção. Coabitam por necessidade as pessoas com níveis educacionais e econômicos mais baixos, e a coabitação teria função na maior economia de escala. Por outro lado, coabitam por experimentação aqueles com níveis educacionais mais altos e que optam por viver juntos para testar o relacionamento. O Quadro 5, a seguir, mostra que o achado de Esteve *et. al.* (2012a, 2012b) pode ajudar a entender os efeitos do tipo de união sobre a felicidade marital.

Quadro 5: Diferença de médias da felicidade marital entre os casados e unidos com escolaridade até ensino fundamental, Brasil, 1991

Grupo	Observações	Média	Erro padrão	Desvio padrão	Intervalo de confiança (95%)	
Unidos (até ens. Fundamental)	41	7,68	0,41	2,63	6,85	8,51
Casados (até ens. Fundamental)	330	8,62	0,12	2,17	8,39	8,86
Combinado	371	8,52	0,12	2,24	8,29	8,75
Diferença		-0,94	0,43		-1,80	-0,08
diff = média (Unidos(Até ens. Fundamental)) - média (Casados(Até ens. Fundamental))					t = -2,2000	
Ho: diff = 0						
		Ha: diff < 0	Ha: diff != 0	Ha: diff > 0		
		Pr(T < t) = 0,0164	Pr(T > t) = 0,0328	Pr(T > t) = 0,9836		

Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Quadro 6: Diferença de médias da felicidade marital entre os casados e unidos com ensino superior, Brasil, 1991

Grupo	Observações	Média	Erro padrão	Desvio padrão	Intervalo de confiança (95%)	
Unidos (ensino Superior)	11	7,91	0,71	2,34	6,33	9,48
Casados (ensino Superior)	114	8,52	0,14	1,54	8,23	8,80
Combinado	125	8,46	0,15	1,62	8,18	8,75
Diferença		-0,61	0,72		-2,20	0,98
diff = média (Unidos(ensino Superior)) - média (Casados(ensino Superior))					t = -0,8438	
Ho: diff = 0						
		Ha: diff < 0	Ha: diff != 0	Ha: diff > 0		
		Pr(T < t) = 0,2085	Pr(T > t) = 0,4170	Pr(T > t) = 0,7915		

Fonte: *World Values Survey* – Brasil (1991)

Conforme o Quadro 5, observa-se que há diferença entre a felicidade conjugal dos casados e unidos com escolaridade até o ensino fundamental. Esse resultado indica que o tipo de união, entre os menos escolarizados, importa para o nível de felicidade do casamento. Entretanto, o Quadro 6 mostra que há indícios de que entre os mais escolarizados, o tipo de união não afeta a felicidade marital. É que a média da felicidade marital dos unidos com ensino superior é semelhante estatisticamente à média dos casados com ensino superior. Esse resultado concorda com a descoberta de Esteve *et. al.* (2012a, 2012b), ao considerar que o grupo mais escolarizado tem critérios de afinidade para a escolha do parceiro, muito além de características socioeconômicas.

Outro desdobramento desse resultado ajuda a compreender o motivo do efeito negativo da escolaridade, nos modelos de regressão apresentados anteriormente. Ao analisar o tamanho dos grupos, vê-se que os resultados dos modelos de regressão (com relação ao efeito da escolaridade) seguem as relações encontradas entre os menos escolarizados.

Após as inúmeras análises aqui apresentadas, vê-se que a sólida contribuição deste trabalho para a literatura de felicidade e qualidade marital vai desde a sua associação com a homogamia de valores, até os precursores resultados sobre os determinantes da felicidade marital no Brasil. Ademais, o conceito da variável latente homogamia de valores foi, enfim, explorada e apresentou resultados concretos e em concordância com a escassa literatura sobre o tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta tese foi mensurar a homogamia de valores no Brasil e o quanto ela influencia na felicidade das relações conjugais. Especificamente, os objetivos foram mensurar a homogamia de valores no Brasil, investigar as associações dessa medida com a felicidade marital e averiguar os determinantes da felicidade conjugal no Brasil. Os dados compatíveis com essa proposta e disponíveis para o Brasil são da Pesquisa Mundial de Valores (*World Values Survey*), para o ano de 1991. A referida amostra, com dados de unidos formalmente (casados) e de forma consensual (unidos) somente, possui 1025 entrevistados.

A escolha do modelo para investigar a associação entre felicidade marital e homogamia de valores seguiu algumas etapas. Nas análises, inicialmente foram considerados os modelos estatísticos mais simples (e que os dados violavam mais pressupostos) até o modelo final, que se adequou melhor à natureza dos dados. O modelo logístico ordinal foi o mais adequado para a investigação dos objetivos desta tese.

Conforme abordado na discussão teórica, um dos pressupostos era que a homogamia de valores era uma das características analisadas na escolha do parceiro durante o processo de seletividade marital. Os dados indicam que, de fato, há alto grau de concordância de atitudes entre os cônjuges, uma vez que somente 25 indivíduos reportaram não compartilhar nenhuma atitude com o parceiro. A partir disso, com ferramentas de análise fatorial, o construto *homogamia de valores* foi desenvolvido. A proposta era justamente essa: definir um construto e analisar a sua estrutura e dimensionalidade. Conforme os resultados indicaram, as cargas fatoriais que compõem a *homogamia de valores* são todas superiores a 0,70. Ademais, a *homogamia de valores* pôde ser expressa como um construto latente de uma única dimensão.

Por meio de análise bivariada, investigou-se também a associação entre os indicadores da homogamia de valores e os determinantes da felicidade marital

no Brasil. Entre os diversos resultados, alguns podem ser destacados, como a maior prevalência de compartilhamento de atitudes sociais, de padrões morais e de opiniões políticas entre os casados. Um provável motivo para essa associação negativa pode estar relacionada com resquícios de padrões morais tradicionais, principalmente os que valorizam a instituição do casamento formal. O perfil das pessoas que optam por viver em união consensual em vez de se unir formalmente talvez seja mais tolerante em relação a divergências dos valores morais do cônjuge.

Outro resultado da análise bivariada foi a maior prevalência de compartilhamento de atitudes sociais, opiniões políticas e atitudes sexuais entre os mais velhos. A associação positiva com a idade pode ser explicada pelo efeito do envelhecimento, de coorte ou de tempo de união. Uma provável explicação pode ser alguma característica específica das coortes mais velhas. Gerações que vivenciaram momentos de grande mudança política, principalmente após um período de repressão, tenderiam a compartilhar mais os valores e as atitudes políticas do que gerações que experimentaram períodos de democracia. Outra explicação poderia ser pelo efeito seletividade e pelo efeito de aprendizado. Ou seja, os casais com menor homogamia de valores teriam menores níveis de felicidade marital e maiores taxas de divórcio e, portanto, não estaria mais na amostra dos casais velhos. Assim, uma amostra de casados, *ceteris paribus*, seria mais homogâmica quanto maior fosse o tempo de casado. O tempo de casamento também poderia refletir o efeito de aprendizado, que seria explicado pelo convívio e a convergência de valores durante a convivência conjugal.

Na análise das regressões, os resultados foram mais robustos. Os mais homogâmicos quanto aos valores apresentaram maior chance de serem felizes na união do que os menos homogâmicos. As semelhanças entre os cônjuges reduziram o potencial de conflitos, em que a felicidade marital seria tão maior quanto menor for o nível de atritos conjugais. Ou seja, há indícios de que os indivíduos casados com pessoas com valores similares apresentam maior felicidade marital. Ao analisar os indicadores separadamente nas regressões, os resultados foram consistentes com o observado para a variável latente. A importância desse resultado vai além da contribuição do achado da relação

forte e positiva entre homogamia de valores e felicidade marital. Esta tese fornece indícios de que a homogamia de valores, como um construto latente, pode ser considerada como mais um atributo de seletividade marital. Assim, outros estudos podem contribuir explorando facetas e relações que não foram abordadas neste trabalho.

Com relação aos determinantes da felicidade marital no Brasil, os homens, aqueles com alguma religião e os casados foram aqueles com maior chance de serem felizes no relacionamento conjugal. O efeito da escolaridade foi controverso e é detalhado mais à frente. Ter alguma religião aumenta as chances de apresentar maior felicidade marital em relação aos que não possuem nenhuma religião. Um provável efeito protetor da religião para o divórcio, devido ao papel central que a união assume em diversas religiões. A valorização da instituição matrimonial costuma estar associada à rejeição de diversas sociedades religiosas a atitudes pró-divórcio.

O fato de estar em união consensual, em relação a estar casado (união formal), diminuiu a chance de ser feliz no relacionamento, já que a formalização do matrimônio estaria refletindo o grau de comprometimento com a relação e os critérios de escolha do parceiro. Parte da literatura internacional defende que o grau de comprometimento com a relação, principalmente devido ao perfil menos apegado às tradições, seria menor por parte dos unidos. Além disso, os indivíduos que optam pela união teriam menos critérios na escolha do parceiro do que aqueles que optam pelo casamento. Há, contudo, que se ponderar, já que Blackwell & Lichter (2004) não encontraram grandes divergências entre os critérios de quem seleciona para a coabitação e de quem seleciona para o casamento. Ademais, faz-se necessário considerar a possibilidade de existirem diversos tipos de motivação para a coabitação, conforme Heuveline & Timberlake (2004) defenderam. Assim, um estudo mais detalhado deveria tentar identificar os prováveis tipos e, posteriormente, tentar entender os seus diferentes efeitos sobre a felicidade marital.

Entretanto, análises adicionais considerando possíveis efeitos interativos encontraram resultados que sugerem que a homogamia de valores pode atuar como um efeito compensador ao alto risco de viver em união. Alguns autores

mostram que o efeito negativo da união consensual se dá, entre outros motivos, pelo maior risco de dissolução da relação. Entretanto, os resultados mostram que para os indivíduos mais homogênicos quanto aos valores, o efeito na felicidade conjugal do tipo de união desaparece.

Outro resultado dessas análises adicionais colabora na compreensão do resultado da associação negativa entre escolaridade e felicidade marital. É que, conforme as regressões, ter escolaridade em nível superior, em relação aos menos escolarizados, reduziu a chance de ser feliz no casamento. Entretanto, ao incorporar a discussão de Esteve *et. al.* (2012a, 2012b) sobre os dois tipos de coabitação no Brasil, as análises identificaram dois efeitos distintos da escolaridade na felicidade marital. Conforme os autores, existem no Brasil dois padrões de coabitação: por necessidade, entre os menos escolarizados; e por experimentação, em geral entre os mais escolarizados. Ao comparar a diferença da felicidade marital entre os unidos formalmente e de forma consensual com baixa escolarização, observou-se que os unidos formalmente apresentam maiores níveis de felicidade conjugal. Todavia, não foi encontrada diferença significativa da felicidade conjugal entre os tipos de união e alta escolaridade, o que indica que os efeitos são divergentes e um termo interativo ajudaria a captar o real papel da escolaridade.

Ainda sobre os determinantes da felicidade marital no Brasil, os homens apresentaram maior chance de serem felizes no relacionamento conjugal do que as mulheres. Sabe-se que o efeito positivo da união no nível de felicidade geral e na saúde física e mental, além do efeito protetor do matrimônio é maior nos homens.

Por fim, a relação entre idade e felicidade marital é positiva. Os mais velhos, apresentaram maior chance de considerarem o relacionamento feliz. Esse resultado também vai ao encontro com outros estudos, que justificam a associação positiva entre felicidade marital e idade por uma provável redução de conflitos entre o casal, já que os mais velhos tendem a ser mais maduros e menos impulsivos (Umberson *et al.*, 2005). Há também que se considerar o efeito do tempo de união, que tende a homogeneizar os valores dos cônjuges e a não manter juntos aqueles infelizes no matrimônio. Contudo, alguns autores

ressaltam a dificuldade em separar efeitos de coorte e de idade em estudos transversais. As experiências de união, as mudanças na escolaridade, no empoderamento feminino e na fecundidade podem afetar os resultados.

Embora os resultados encontrados nesta tese sejam muito importantes, eles apresentam várias limitações. A primeira limitação decorre da qualidade da variável existente para mensurar a felicidade marital. A variável de felicidade marital engloba mais do que a satisfação com a união, considerando todos os aspectos relacionados com a vida em casa. Entretanto, os resultados mostraram que em nenhum modelo ou análise estatística houve associação significativa entre ter ou não filhos com a felicidade marital. Isso sugere que há indícios de que a medida sobre a satisfação com a vida em casa não sofra tanto efeito da relação do entrevistado com os filhos (ou com a ausência deles). Além disso, o banco de dados não possui informações sobre o cônjuge, essenciais para esse tipo de análise.

A utilização dos dados da WVS apresenta também outro entrave, a representatividade da amostra. Embora sejam dados com representatividade nacional, não se pode garantir que a população que vive em união formal ou consensual entrevistada pela *World Values Survey* seja representativa para o Brasil e, caso seja, o tamanho amostra seria bastante reduzido. O tamanho reduzido também contribuiu para a perda de poder dos modelos estatísticos, inviabilizando a inserção de termos interativos nas regressões.

A referida amostra é mais envelhecida do que a população brasileira de 1991, e é composta também por maior proporção de brancos, *sem religião* e mais educados. Portanto, as relações encontradas nesta tese não podem ser generalizadas para a população brasileira como um todo. Entretanto, trata-se da primeira pesquisa sobre o tema e as associações encontradas podem indicar prováveis relações entre as variáveis discutidas.

Outra característica da amostra que limita os resultados refere-se à forma de coleta dos dados. Como são dados transversais (*crossection*), os relacionamentos observados tendem a ser aqueles bem sucedidos, uma vez

que as uniões com qualidade marital ruim deixam de existir por meio do divórcio, refletindo claramente um efeito de seleção.

Um último limitador da WVS para análise da felicidade marital no Brasil é sua defasagem temporal. Estudos sobre atitude mostram que esse construto é altamente dinâmico, variando em nível e estrutura ao longo do tempo (Cacioppo & Berntson, 1994). Ademais, ao longo destes 25 anos, importantes mudanças legais e culturais ocorreram, principalmente no que diz respeito à união estável. Nesse período houve uma acelerada transformação nos padrões conjugais e de família, além do aumento de coabitações. Soma-se a isso o novo Código Civil, de 2002, que equiparou a união estável à união formal. Além disso, a nova Lei não exige a coabitação como requisito para a caracterização da união estável. Todas essas mudanças recentes, aliadas a uma maior aceitação social dos casais que vivem em união consensual, devem ser consideradas em pesquisas com dados recentes.

Em trabalhos futuros deve ser testado se o fato de o relacionamento conjugal estar ruim afeta as respostas sobre compartilhamento de valores. Talvez, haja maior tendência, entre os infelizes com a união, a declarar que não compartilham atitudes e opiniões com o cônjuge, mesmo que haja compartilhamento de valores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agresti, A 2007, 'An Introduction to Categorical Data Analysis', Nova Jersey, 2nd ed., **John Wiley and Sons**.

Amato, PR & Booth, A 1995, 'Changes in gender role attitudes and perceived marital quality', **American Sociological Review**, Vol. 60, No. 1, pp. 58-66. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2096345>.

Amato, PR & Deboer, DD 2001, 'The transmission of marital instability across generations: relationship skills or commitment to marriage?', **Journal of Marriage and Family**, 63: 1038–1051.

Amato, PR & Rogers, SJ 1999, 'Do attitudes toward divorce affect marital quality?', **Journal of Families Issues**, vol. 20 No. 01 pp. 69-86.

Amato, PR; Booth, A; Johnson, DR; Rogers, SJ 2007, 'Alone together: how marriage in America is changing'. Cambridge, MA: **Harvard University Press**.

Amato, PR; Johnson, DR; Booth, A; Rogers, SJ 2004, 'Continuity and change in marital quality between 1980 and 2000', **Journal of Marriage and Family**, 65: 1–22.

Amato, PR; Loomis, LS; Booth, A 1995, 'Parental divorce, marital conflict, and offspring well-being during early adulthood', **Social Forces**, 73, 895-915.

Becker, GS 1973, 'Theory of Marriage: Part I', **The Journal of Political Economy**, Vol. 81, No. 4 (Jul-Aug, 1973), pp. 813-846. Acesso em 2015, Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1831130>.

Becker, GS 1991, 'A Treatise on the Family', **Harvard University Press**.

Bem, SL 1981, 'Manual of bem sex role inventory', **California: Mind Garden**.

Blackwell, DL & Lichter, DT 2004, 'Homogamy Among Dating, Cohabiting, and Married Couples', **The Sociological Quarterly** 45(4):719–737.

Blair, SL 1998, 'Work roles, domestic roles, and marital quality: perceptions of fairness among dual-earner couples', **Social Justice Research**, Vol. 11, No. 3.

Blanchflower, D 1996, 'Youth labour markets in 23 countries: a comparison using micro data', **London: Centre for Economic Performance**, LSE (CEP Discussion Papers, dp0284).

Blanchflower, DG & Oswald, AJ 2004, 'Well-being over time in Britain and the USA', **Journal of Public Economics**, Amsterdam, v. 88, n.7-8, July 2004.

Booth, A & Edwards, JN 1985, 'Age at marriage and marital instability', **Journal of Marriage and the Family**, 47, 67–75.

Booth, A & Edwards, JN 1992, 'Starting over: why remarriages are more unstable', **Journal of Family Issues**, 13, 2, 179-194.

Booth, A & Johnson, D 1988, 'Premarital cohabitation and marital success', **Journal of Family Issues**, 9, 255–272.

Booth, A; Johnson, D; Amato, P; Rogers, S 2003, 'Marital instability over the life course: A six-wave panel study, 1980, 1983, 1988, 1992-1994, 1997, 2000', Ann Arbor, MI: **Inter-university Consortium for Political and Social Research**. Disponível em: <http://www.icpsr.umich.edu/icpsrweb/DSDR/studies/3812>.

Bradburn, NM, 'The structure of psychological well-being', Chicago: **Aldine**, 1969.

Camarano, AM 2010 (org), 'Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?', **IPEA**, Rio de Janeiro.

Canêdo-Pinheiro, M; Lima, LR; Moura, RL 2008, 'Fatores Econômicos e Incidência de Divórcios: Evidências com Dados Agregados Brasileiros', **ANPEC**. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807101810570-.pdf>.

Cisco-Evangelista, MR & Menandro, PRM 2011, “Casados para sempre”: Casamento e família na concepção de casais evangélicos neopentecostais’, **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 66, p. 343-352.

Clark, AE & Oswald, AJ 1994, ‘Unhappiness and unemployment’, **The Economic Journal**, London, v. 104, n. 424, p. 648-659.

Corbi, RB & Menezes-Filho, NA 2006, ‘Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil’, **Revista de Economia Política**, vol.26 no.4 São Paulo.

Corra, M; Carter, SK; Carter, JS; & Knox, D 2009, ‘Trends in marital happiness by gender and race, 1973 to 2006’, **Journal of Family Issues**, 30, 1379–1404.

Dasgupta, S & Basu, J 2011, ‘Marital quality and gender role stereotype’, **Psychol Stud**, 56(4):360–367.

Davis, K 1941, ‘Intermarriage in caste societies’, **American Anthropologist** 43, 376-395.

Dew, J & Wilcox, WB 2011, ‘If momma ain’t happy: explaining declines in marital satisfaction among new mothers’, **Journal of Marriage and Family**, 73: 1 – 12.

Diener, E *et. al.* 1985, ‘The satisfaction with life scale’, **Journal of Personality Assessment**, Hillsdale, v. 49, n. 1, p. 71-75.

Dush, CMK & Taylor, MG 2012, ‘Trajectories of marital conflict across the life course: predictors and interactions with marital happiness trajectories’, **Journal of Family Issues**, 33: 341..

Dush, CMK; Cohan, CL; Amato, PR 2003, ‘The relationship between cohabitation and marital quality and stability: change across cohorts?’, **Journal of Marriage and Family**, 65: 539–549.

Dush, CMK; Taylor, MG; Kroeger, RA 2008, ‘Marital happiness and psychological well-being across the life course’, **Family Relations**, 57, 211–226.

Easterlin, RA 1975, 'An Economic Framework for Fertility Analysis', **Studies in Family Planning**, Vol. 6, No. 3., pp. 54-63. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0039-3665%28197503%296%3A3%3C54%3AAEFFFA%3E2.0.CO%3B2-S>.

Easterlin, RA 2001b, 'Life cycle welfare: trends and differences', **Journal of Happiness Studies**, Dordrecht, v. 2, n. 1, p.1–12.

Easterlin, RA 2003, 'Explaining happiness', **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, Washington, v. 100, n. 19.

Esteve, A; García-Roman, J & Lesthaeghe, R 2012b, 'The family context of cohabitation and single motherhood in Latin America', **Population and Development Review**, (38)4: 699-719.

Esteve, A; García-Roman, J; Lesthaeghe, R; López-Gay, A 2013, 'The "Second Demographic Transition" features in Latin America: the 2010 update', Barcelona: **Centre d'Estudis Demogràfics, Universitat Autònoma de Barcelona**, Working paper, 20 febreiro.

Esteve, A; Lesthaeghe, R & Lopez-Gay, A 2012a, 'The Latin American cohabitation boom, 1970–2007', **Population and Development Review**, 38(1): 55–81.

Fazio, AF 1977, 'A concurrent validation study of the NCHS' general well-being schedule', **Hyattsville: US Government Printing Office**, DHEW Publication, (HRA) p. 78–1347.

Fenell DL, 1993, 'Characteristics of long-term first marriages', **Journal of Mental Health Counseling**, 15, 446-460.

Fincham, FD & Linfield, KJ 1997, 'A new look at marital quality: can spouses feel positive and negative about their marriage?', **Journal of Family Psychology**, volume 11, nº 4, 489-502.

Forry, ND; Leslie, LA; Letiecq, BL 2007, 'Marital quality in interracial relationships: the role of sex role ideology and perceived fairness', **Journal of Family Issues**, 28: 1538..

Fountoura, N; Pinheiro, L; Galiza, M; Vasconcelos, M 2010, 'Pesquisas de uso do tempo no Brasil: contribuições para a formulação de políticas de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal', **Revista Econômica**, Rio de Janeiro, v 12, n 1.

Frech, A & Williams, K 2007, 'Depression and the psychological benefits of entering marriage', **Journal of Health and Social Behavior**, Vol 48: 149–163.

Frey, BS & Stutzer, A 2000, 'Happiness: economy and institutions' **The Economic Journal**, London, v. 110, n. 446, p. 918-938.

Frey, BS & Stutzer, A 2002, 'Happiness and economics', **Princeton**, Princeton.

Frisco, ML & Williams, K 2003, 'Perceived housework equity, marital happiness, and divorce in dual-earner households', **Journal of Family Issues**, 24: 51. Disponível em: <http://jfi.sagepub.com/content/24/1/51>.

George, LK 1981, 'Subjective well-being: conceptual and methodological issues', **Annual Review of Gerontology and Geriatrics**, New York, v. 2, n. 1, p. 345–382.

George, LK 2006, 'Perceived quality of life', In: BINSTOCK, R. H.; GEORGE, L. K. (Ed.). **Handbook of aging and the social sciences**. 6th ed. San Diego: Elsevier, p. 320–336.

Glenn, ND 1989, 'Duration of marriage, family composition, and marital happiness', **National Journal of Sociology** 3:3-24.

Graham, C & Pettinato, S 2002, 'Happiness and hardship: opportunity and insecurity in new market economies', Washington: **The Brookings Institution**.

Graham, C 2008, 'Measuring quality of life in Latin America: what happiness research can (and cannot) contribute', **Washington: Inter-American Development Bank**, Research Department, Working Paper, 652.

Greene, WH 2003, 'Econometric analysis', 5.ed. **New Jersey: Prentice Hall**, 2003.

Guedes, GR; Rodrigues, CG; Terra, LP 2015, 'Positive attitude and well-being: a life cycle analysis of happy and healthy life expectancy in Brazil and Mexico', **Notas de Población**, v. 42, p. 187-217.

Helms-Erickson, H 2001, 'Marital Quality Ten Years After the Transition to Parenthood: Implications of the Timing of Parenthood and the Division of housework', **Journal of Marriage and the Family** 63: 1099-1110.

Heuveline, P & Timberlake, JM 2004, 'The Role of Cohabitation in Family Formation: The United States in Comparative Perspective', **J Marriage Fam**; 66(5): 1214–1230. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3928685/>.

Hochschild, AR; Machung, A 1989, 'The second shift: working parents and the revolution at Home', New York: **Viking**.

Hunler, OS & Gençoz, T 2005, 'The effect of religiousness on marital satisfaction: Testing the mediator role of marital problem solving between religiousness and marital satisfaction relationship', **Contemporary Family Therapy**, 27(1), 123-136.

IBGE 1991, 'Censo Demográfico de 1991', **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IBGE 2002, 'Brasileiros se casam cada vez menos e mais tarde'. **Estatísticas do Registro Civil**, Comunicação Social, dez/2002. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/16122002reg_civil.shtm.

IBGE 2010, 'Censo Demográfico de 2010', **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IBGE 2010b, 'Estatísticas do Registro Civil', **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, v.37. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2010/rc2010.pdf>

Inglehart, RF 1990, 'Culture shift in advanced industrial society', Princeton: **Princeton University Press**.

IPEA 2012, 'Trabalho para o mercado e trabalho para casa: persistentes desigualdades de gênero', **Comunicados do IPEA**, n. 149.

Jose, A; O'Leary, KD; Moyer, A 2010, 'Does premarital cohabitation predict subsequent marital stability and marital quality? A meta-analysis', **Journal of Marriage and Family**, 72: 105-116.

Kalmijn M 1991, 'Shifting Boundaries: Trends in Religious and Educational Homogamy', **American Sociological Review**, Vol. 56, No. 6 (Dec., 1991), pp. 786-800. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2096256>.

Kalmijn M 1994, 'Assortative mating by cultural and economic occupational status', **The American Journal of Sociology**, vol. 100, no. 2, pp. 442-452, 1994. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2782075>.

Kalmijn, M 1998, 'Intermarriage and homogamy: causes, patterns, and trends', **Annual Review of Sociology**, 24, 395 – 421.

Kammann, R & Flett, R 1983, 'Affectometer 2: a scale to measure current level of general happiness', **Australian Journal of Psychology**, Melbourne, v. 35, n. 2, p. 259-265.

Kaufman, G & Tanigushi, H 2006, 'Gender and marital happiness in later life', **Journal of Family Issues**, 27: 735. Disponível em: <http://jfi.sagepub.com/content/27/6/735>.

Light, A & Ahn, T 2010, 'Divorce as risky behavior', **Demography**, Springer, vol. 47(4), pages 895-921.

Lira, AS 2004, 'análise de correlação: abordagem teórica e de construção dos coeficientes com aplicações', **Universidade Federal do Paraná**, Dissertação de Mestrado, Curitiba.

Longo, LAFB & Miranda-Ribeiro, P 2010, 'Bem-me-quer, mal-me-quer: raça/cor, educação e seletividade marital feminina no Brasil em 2010', **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 27, n. 2.

Longo, LAFB 2011, 'União intra e inter-raciais, status marital, escolaridade e religião no Brasil: um estudo sobre a seletividade marital feminina, 1980-2000', **Universidade Federal de Minas Gerais** (Tese de Doutorado), Belo Horizonte, MG.

Longo, LAFB; Miranda-Ribeiro, P 2012, 'Bem-me-quer, mal-me-quer: raça/cor, educação e seletividade marital feminina no Brasil em 2010', **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v.27, n. 2, p. 115-140, jul/ago, 2012. Acesso em 2015, Disponível em: <<http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>>.

Lyubomirsky, S & Lepper, HS 1999, 'A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation', **Social Indicators Research**, Dordrecht, v. 46, n. 2, p. 137-155.

Lyubomirsky, S 2008, 'The how of happiness: a scientific approach to getting the life you want', New York: **Penguin Press**.

Mare, RD 1991, 'Five Decades of Educational Assortative Mating', **American Sociological Review**, vol. 56, no 1, pp. 15-32.

Mariucci & Nalesso 2006, 'A mulher na perspectiva do mercado de trabalho no Brasil', **Iniciação Científica Cesumar**, v. 08, n.01, p.43-48 - Edição Especial.

Maume, DJ & Sebastian, RA 2012, 'Gender, nonstandard work schedules, and marital quality', **J Fam Econ Iss**, 33:477-490.

McMahon, DM 2007, 'Felicidade: uma história', São Paulo: **Globo**.

Medrano, JD 2015, 'Managing Weights And Population Weights Within The WVS', **ASEP/JDS**, Disponível em: <http://www.jdsurvey.net/jds/jdsurveyActualidad.jsp?Idioma=I&SeccionTexto=0405>. Acesso em 2015.

Merton, RK 1941, 'Intermarriage and the social structure: fact and theory', **Psychiatry** 4 (3), 361-374.

Mickelson, KD; Claffey, ST; Williams, SL 2006, 'The moderating role of gender and gender role attitudes on the link between spousal support and marital quality', **Sex Roles**, 55:73–82.

Myers, SM & Booth, 1996, 'Mens retirement and marital quality', **Journal of Family Issues**, 17, 336-357.

Myers, SM 2006, 'Religious homogamy and marital quality: historical and generational patterns, 1980 – 1997', **Journal of Marriage and Family**, 68: 292–304.

Nawrotzki, R; Guedes, Gr; Carmo, RL 2014, 'Affluence and objective environmental conditions: Evidence of differences in environmental concern in metropolitan Brazil', **Journal of Sustainable Development**, v. 7, p. 173-193.

Orbuch, TL et al 1996, 'Marital quality over the life course', **Social Psychology Quarterly**, Vol. 59, No. 2, pp. 162-171.

Oswald, AJ 1997, 'Happiness and economic performance', **The Economic Journal**, London, v. 107, n. 445, p. 1815-1831.

Pato-Oliveira, C & Tamayo, A 2002, 'Os valores como preditores de atitudes e comportamentos: contribuições para um debate', **Linhas Críticas**, Brasília, v.8 n.14.

Pearson, K 1900, 'On the criterion that a given system of deviations from the probable in the case of a correlated system of variables is such that it can be reasonably supposed to have arisen from random sampling'. **Phil. Mag.** (5) 50, 157-175.

Plagnol, AC & Easterlin, RA 2008, 'Aspirations, attainments, and satisfaction: life cycle differences between american women and men', **Journal of Happiness Studies**, v. 9, n. 4, p. 601–619.

Proulx, CM; Helms, HM; Buehler, C 2007, 'Marital quality and personal well-being: a meta-analysis', **Journal of Marriage and Family**, 69: 576–593.

Queiroz, BL 2001, 'Razão de Sexo e Homogâmia no Mercado de Casamentos de Minas Gerais, 1991', **Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, Acesso em nov/2015, Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT_Pop_Gen_Queiroz_Text.pdf.

Ribeiro, CAC; Silva, NV 2009, 'Cor, Educação e Casamento: Tendências da Seletividade Marital no Brasil, 1960 a 2000', **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 52, No 1, pp. 7 a 51.

Rodrigues, A; Assmar, EML; Jablonski, B 1999, *Psicologia Social*, Petrópolis, **Vozes**.

Rogers, SJ & Amato, PR 1997, 'Is marital quality declining? The evidence from two generations', **Social Forces**, 75, 1089-1100.

Sandberg, JG; Yorgason, JB; Miller, RB; Jeffrey Hill, E 2012, 'Family-to-work spillover in Singapore: marital distress, physical and mental health, and work satisfaction', **Family Relations**, 61: 1 – 15.

Schultz, PW & Zelezny, L 1999, Values as predictors of environmental attitudes: Evidence for consistency across 14 countries, **Journal of Environmental Psychology**, 19, 255-265.

Schwartz, P 1994, 'Peer marriage: How love between equals really works', New York: **Free Press**.

Schwartz, SH 1992, 'Universals in the Content and Structure of Values: Theoretical Advances and Empirical Tests in 20 Countries', In M. P. Zanna (ed.), **Advances in Experimental Social Psychology**, Vol. 25, Orlando, FL: Academic: 1-65.

Scott Long, J 1997, 'Regression Models for Categorical and Limited Dependent Variables', **Advanced Quantitative Techniques in the Social Sciences**, Indiana University, Bloomington.

SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) 2014, 'Escolaridade e Movimentos Ocupacionais - Mulheres ocupam maior parte dos postos criados

para os mais escolarizados’, **Inserção Feminina no Mercado de Trabalho** – Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional do Estado de São Paulo, Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php?bole=09&tip=03>, acesso em abr/2014.

Silva, NV 1987, ‘Distância Social e Casamento Inter-Racial no Brasil’, **Estudos Afro-Asiáticos**, 14:54–83.

Stanley, SM 2007, ‘Assessing couple and marital relationships: beyond form and toward a deeper knowledge of function’. In LM Casper & SL Hoffereth (Eds.), *Handbook of measurement issues in family research*, Mahwah, NJ: **Lawrence Erlbaum & Associates**, pp. 85–100.

Stevenson, B & Wolfers, J 2007, ‘Marriage and divorce: changes and their driving forces’, **Journal of Economic Perspectives**, 27-52.

Stevenson, B & Wolfers, J 2009, ‘The paradox of declining female happiness’, Cambridge: **NBER, 2009**. (NBER Working Paper, 14969).

Sweet, J; Bumpass, L; Call, V 1988, ‘The design and content of the National Survey of Families and Households’, **Madison: University of Wisconsin**, Center for Demography and Ecology.

Terra, LP 2010, ‘Viver mais é viver melhor? Uma análise da esperança de vida feliz no Brasil’, **Universidade Federal de Minas Gerais**.

Terra, LP; Queiroz, BL 2012, ‘The Compression of Unhappiness: estimating the happy life expectancy in Latin America’, **Annual Meeting of the Population Association of America – 2012**, San Francisco-CA. Disponível em: <http://paa2012.princeton.edu/papers/120623>.

Tomas, MC 2012, ‘The effects of brief mindfulness intervention on acute pain experience: An examination of individual difference’, **University of California**, Berkeley.

Tsang, LLW; Harvey, CDH; Duncan, KA; Sommer, R 2003, ‘The effects of children, dual earner status, sex role traditionalism, and marital structure on

marital happiness over time', **Journal of Family and Economic Issues**, 24(1), 5-26.

Umberson, D et al 2005, 'As Good as it Gets? A life course perspective on marital quality', **Social Forces**, Volume 84, Number 1, pp. 493-511.

Umberson, D et al 2006, 'You make me sick: marital quality and health over the life course', **Journal of Health and Social Behavior**, Vol 47: 1–16.

Vandervalk, I; Spruijt, E; Goede MD; Meeus, W; Maas, C 2004, 'Marital status, marital process, and parental resources in predicting adolescents' emotional adjustment - a multilevel analysis', **Journal of Family Issues**, 25: 291.

VanLaningham, J; Johnson, DR; Amato, P 2001, 'Marital happiness, marital duration, and the U-shaped curve: evidence from a five-wave panel study', **Social Forces** 79: 1313- 1341.

Veenhoven, R 1996, 'Developments in satisfaction research', **Social Indicators Research**, Dordrecht, v. 37, n. 1, p. 1-46.

Veenhoven, R 1997, 'Advances in understanding happiness', **Revue Quebecoise de Psychologie**, France, v. 18, n. 1, p. 29–74.

Waite, L 1995, 'Does marriage matter?', **Demography**, 32:483-507.

Wajnman, S 2012, 'Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros', **Universidade Federal de Minas Gerais**.

Watson, D 2000, 'Mood and temperament', New York: **The Guilford Press**.

Watson, D; Clark, LA; Tellegen, A 1988, 'Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales', **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 54, n. 6, p. 1063-1070.

Webster, PS; Orbuch, TL; House, JS 1995, 'Effects of childhood family background on adult marital quality and perceived stability', **American Journal of Sociology**, Vol. 101, No. 2, pp. 404-432.

White, LK 1990, 'Determinants of divorce: A review of research in the eighties', **Journal of Marriage and the Family**, 52, 904–912.

Wilcox, WB & Nock, SL 2006. 'What's love got to do with it? equality, equity, commitment and women's marital quality', **Social Forces**, Volume 84, Number 3, pp. 1321-1345. Oxford University Press. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/sof/summary/v084/84.3wilcox.html>.

Willoughby, BJ; Carrol, JS; Vitas, JM; Hill, LM 2012, "When are you getting married?" the intergenerational transmission of attitudes regarding marital timing and marital importance', **Journal of Family Issues**, 33(2) 223–245.

Wolfinger, NH & Wilcox, WB 2008, 'Happily Ever After? Religion, Marital Status, Gender, and Relationship Quality in Urban Families', **Social Forces**, 86:1311-1337.

World Values Survey 1991, 'Wave 2 1990-1994 OFFICIAL AGGREGATE v.20140429', **World Values Survey Association** (www.worldvaluessurvey.org). Aggregate File Producer: Asep/JDS, Madrid, Spain.

World Values Survey 1997, 'Wave 3 1995-1998 OFFICIAL AGGREGATE v.20140921', **World Values Survey Association** (www.worldvaluessurvey.org). Aggregate File Producer: Asep/JDS, Madrid Spain.

World Values Survey 2006, 'Wave 5 2005-2008 OFFICIAL AGGREGATE v.20140429', **World Values Survey Association** (www.worldvaluessurvey.org). Aggregate File Producer: Asep/JDS, Madrid Spain.

World Values Survey 2009, '**Background**'. Disponível em: <http://www.worldvaluessurvey.org/organization/background.html>. Acessado em 2009.

World Values Survey 2014, 'Wave 6 2010-2014 OFFICIAL AGGREGATE v.20150418', **World Values Survey Association**

(www.worldvaluessurvey.org), Aggregate File Producer: Asep/JDS, Madrid Spain.

World Values Survey 2015, '1981-2014 LONGITUDINAL AGGREGATE v.20150418', **World Values Survey Association** (www.worldvaluessurvey.org). Aggregate File Producer: JDSystems, Madrid Spain.

Xu, X & Lai, S 2004, 'Gender ideologies, marital roles, and marital quality in Taiwan', **Journal of Family Issues**, 25:318. Disponible em: <http://jfi.sagepub.com/content/25/3/318>.

Yang, Y 2008, 'Long and happy living: trends and patterns of happy life expectancy in the U.S., 1970–2000', **Social Science Research**, New York, v. 37, n. 4, p. 1235– 1252.

Young M, 2004, 'Healthy Relationships: Where's the Research?', **Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families** Vol 12(2) Apr 2004, 159-162.

Zedeck, S; Maslach, C; Mosier, K; Skitka, L 1988, 'Affective response to work and quality of family life: Employee and spouse perspectives', **J. Soc. Behav. Pers.** 3: 135-157.

ANEXOS

TABELA A1: Variáveis da *World Values Survey* utilizadas no trabalho

Variável	Pergunta	Opções de resposta				Rodada
D002	De um modo geral, qual é o seu grau de satisfação ou insatisfação com sua vida em casa?	1 'Insatisfeito'	4 '4'	7 '7'	10 'Satisfeito'	1991
		2 '2'	5 '5'	8 '8'		
		3 '3'	6 '6'	9 '9'		
O(a) sr(a) e seu cônjuge compartilham as mesmas...						
D003	Atitudes para com a religião	0 'Não'		1 'Sim'		1991
D004	Padrões morais	0 'Não'		1 'Sim'		1991
D005	Atitudes sociais	0 'Não'		1 'Sim'		1991
D006	Opiniões políticas	0 'Não'		1 'Sim'		1991
D007	Atitudes com relação ao sexo	0 'Não'		1 'Sim'		1991
D008	Nenhuma dessas coisas	0 'Não'		1 'Sim'		1991
F025	O(a) sr(a) tem alguma religião?	1 'Sim, tem religião'		2 'Não tem religião'		1991, 1997
X051	O que melhor descreve o(a) sr(a)?	76001 "BR: Negro"		76004 "BR: Oriental"		1991, 1997,
		76002 "BR: Índio"		76005 "BR: Brasileiro"		2006
		76003 "BR: Branco"		76006 "BR: Nenhum"		
X001	Sexo	1 'Masculino'		2 'Feminino'		1991, 1997,
						2006
X003R	Isso significa que o(a) sr(a) tem ___ anos de idade.	1 '15-24'		4 '45-54'		1991, 1997,
		2 '25-34'		5 '55-64'		2006
		3 '35-44'		6 '65 and more years'		
X007	Atualmente, o(a) sr(a) está...	1 'Casado'		5 'Vívuo'		1991, 1997,
		2 'Vivendo como se fosse casado'				2006
		3 'Divorciado/desquitado'		6 'Solteiro'		
		4 'Separado'				
X011	O(a) sr(a) tem/já teve filhos? Quantos?	1 'Nenhum'		5 '4 filhos'		1991, 1997,
		2 '1 filho'		6 '5 filhos'		2006
		3 '2 filhos'		7 '6 filhos ou mais'		
		4 '3 filhos'				
x025	Qual o seu nível educacional?	1 'Nenhum'		3 'Secundário/técnico'		1991, 1997,
		2 'Primário'		4 'Graduação'		2006

Fonte: *World Values Survey* (1991, 1997, 2006).

Tabela A2: Resultados dos modelos ordinal logístico tradicional, ordinal log-log e complementar log-log (atitudes de religião) para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	Ordinal Logístico			Ordinal Log-log			Complementar Log-Log		
	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances
Atitudes religião	0,572**	[0,149]	1,77	0,388**	[0,084]	1,47	0,384**	[0,103]	1,47
Branco	-0,084	[0,167]	0,92	-0,03	[0,090]	0,97	-0,09	[0,121]	0,91
Com Religião	0,454*	[0,212]	1,57	0,206+	[0,109]	1,23	0,303*	[0,144]	1,35
Unido	-0,841**	[0,193]	0,43	-0,423**	[0,098]	0,66	-0,593**	[0,132]	0,55
Ensino Médio	-0,179	[0,163]	0,84	0,03	[0,086]	1,03	-0,218+	[0,116]	0,80
Ensino Superior	-0,340+	[0,196]	0,71	0,07	[0,103]	1,07	-0,389*	[0,153]	0,68
Com filhos	-0,182	[0,188]	0,83	-0,215*	[0,097]	0,81	-0,06	[0,146]	0,95
Homem	0,369**	[0,130]	1,45	0,213**	[0,071]	1,24	0,273**	[0,095]	1,31
55 a 64 anos	0,431*	[0,169]	1,54	0,245**	[0,091]	1,28	0,341**	[0,128]	1,41
Tau1 (τ_1)	3,699**	[0,435]		1,170**	[0,184]		3,868**	[0,359]	
Tau2 (τ_2)	3,241**	[0,395]		1,045**	[0,174]		3,418**	[0,319]	
Tau3 (τ_3)	2,832**	[0,388]		0,924**	[0,174]		3,016**	[0,309]	
Tau4 (τ_4)	2,417**	[0,386]		0,789**	[0,179]		2,616**	[0,295]	
Tau5 (τ_5)	1,345**	[0,354]		0,363*	[0,178]		1,612**	[0,254]	
Tau6 (τ_6)	1,048**	[0,350]		0,23	[0,178]		1,345**	[0,249]	
Tau7 (τ_7)	0,582+	[0,348]		-0,01	[0,180]		0,939**	[0,244]	
Tau8 (τ_8)	-0,263	[0,342]		-0,508**	[0,181]		0,26	[0,235]	
Tau9 (τ_9)	-0,767*	[0,341]		-0,847**	[0,181]		-0,11	[0,234]	
Observações		1021			1021			1021	

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: WVS (1991)

Tabela A3: Resultados dos modelos ordinal logístico tradicional, ordinal log-log e complementar log-log (atitudes sociais) para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	Ordinal Logístico			Ordinal Log-log			Complementar Log-Log		
	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances
Atitudes sociais	0,669**	[0,218]	1,95	0,445**	[0,118]	1,56	0,428**	[0,135]	1,53
Branco	-0,093	[0,168]	0,91	-0,01	[0,089]	0,99	-0,10	[0,122]	0,91
Com Religião	0,552**	[0,208]	1,74	0,299**	[0,110]	1,35	0,365*	[0,143]	1,44
Unido	-0,832**	[0,187]	0,44	-0,373**	[0,096]	0,69	-0,602**	[0,132]	0,55
Ensino Médio	-0,222	[0,161]	0,80	0,01	[0,085]	1,01	-0,247*	[0,116]	0,78
Ensino Superior	-0,441*	[0,195]	0,64	0,00	[0,100]	1,00	-0,456**	[0,151]	0,63
Com filhos	-0,22	[0,187]	0,80	-0,209*	[0,103]	0,81	-0,08	[0,147]	0,92
Homem	0,369**	[0,131]	1,45	0,230**	[0,070]	1,26	0,286**	[0,096]	1,33
55 a 64 anos	0,423*	[0,171]	1,53	0,219*	[0,089]	1,24	0,336**	[0,129]	1,40
Tau1 (τ_1)	3,534**	[0,445]		0,978**	[0,198]		3,770**	[0,365]	
Tau2 (τ_2)	3,076**	[0,412]		0,854**	[0,194]		3,320**	[0,331]	
Tau3 (τ_3)	2,665**	[0,411]		0,731**	[0,198]		2,918**	[0,323]	
Tau4 (τ_4)	2,246**	[0,410]		0,593**	[0,202]		2,516**	[0,312]	
Tau5 (τ_5)	1,162**	[0,376]		0,16	[0,200]		1,509**	[0,268]	
Tau6 (τ_6)	0,865*	[0,372]		0,02	[0,201]		1,242**	[0,262]	
Tau7 (τ_7)	0,4	[0,368]		-0,21	[0,202]		0,836**	[0,256]	
Tau8 (τ_8)	-0,44	[0,361]		-0,704**	[0,203]		0,16	[0,247]	
Tau9 (τ_9)	-0,941**	[0,360]		-1,041**	[0,202]		-0,21	[0,246]	
Observações		1021			1021			1021	

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: WVS (1991)

Tabela A4: Resultados dos modelos ordinal logístico tradicional, ordinal log-log e complementar log-log (padrões morais) para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	Ordinal Logístico			Ordinal Log-log			Complementar Log-Log		
	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances
Padrões morais	0,717**	[0,191]	2,05	0,462**	[0,104]	1,59	0,463**	[0,122]	1,59
Branco	-0,096	[0,168]	0,91	-0,02	[0,089]	0,98	-0,10	[0,122]	0,90
Com Religião	0,533*	[0,214]	1,70	0,295**	[0,112]	1,34	0,359*	[0,142]	1,43
Unido	-0,822**	[0,190]	0,44	-0,386**	[0,095]	0,68	-0,588**	[0,132]	0,56
Ensino Médio	-0,215	[0,162]	0,81	0,01	[0,087]	1,01	-0,237*	[0,117]	0,79
Ensino Superior	-0,434*	[0,196]	0,65	-0,01	[0,101]	0,99	-0,445**	[0,152]	0,64
Com filhos	-0,202	[0,193]	0,82	-0,212*	[0,097]	0,81	-0,08	[0,148]	0,92
Homem	0,355**	[0,131]	1,43	0,221**	[0,070]	1,25	0,272**	[0,096]	1,31
55 a 64 anos	0,420*	[0,172]	1,52	0,197*	[0,092]	1,22	0,341**	[0,130]	1,41
Tau1 (τ_1)	3,528**	[0,444]		1,015**	[0,194]		3,763**	[0,359]	
Tau2 (τ_2)	3,068**	[0,410]		0,888**	[0,187]		3,311**	[0,323]	
Tau3 (τ_3)	2,656**	[0,408]		0,763**	[0,189]		2,909**	[0,315]	
Tau4 (τ_4)	2,237**	[0,403]		0,625**	[0,194]		2,508**	[0,300]	
Tau5 (τ_5)	1,156**	[0,369]		0,19	[0,193]		1,502**	[0,256]	
Tau6 (τ_6)	0,859*	[0,366]		0,06	[0,194]		1,234**	[0,250]	
Tau7 (τ_7)	0,392	[0,363]		-0,18	[0,196]		0,828**	[0,244]	
Tau8 (τ_8)	-0,453	[0,357]		-0,676**	[0,197]		0,14	[0,235]	
Tau9 (τ_9)	-0,956**	[0,355]		-1,014**	[0,197]		-0,23	[0,233]	
Observações		1021			1021			1021	

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: WVS (1991)

Tabela A5: Resultados dos modelos ordinal logístico tradicional, ordinal log-log e complementar log-log (opiniões políticas) para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	Ordinal Logístico			Ordinal Log-log			Complementar Log-Log		
	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances
Opiniões políticas	0,400**	[0,125]	1,49	0,266**	[0,070]	1,30	0,270**	[0,094]	1,31
Branco	-0,079	[0,166]	0,92	-0,02	[0,089]	0,98	-0,09	[0,121]	0,92
Com Religião	0,591**	[0,210]	1,81	0,313**	[0,109]	1,37	0,390**	[0,141]	1,48
Unido	-0,845**	[0,188]	0,43	-0,386**	[0,093]	0,68	-0,605**	[0,131]	0,55
Ensino Médio	-0,168	[0,163]	0,85	0,04	[0,087]	1,04	-0,207+	[0,117]	0,81
Ensino Superior	-0,398*	[0,199]	0,67	0,00	[0,103]	1,00	-0,420**	[0,152]	0,66
Com filhos	-0,19	[0,191]	0,83	-0,188+	[0,103]	0,83	-0,08	[0,149]	0,93
Homem	0,427**	[0,128]	1,53	0,259**	[0,071]	1,30	0,316**	[0,094]	1,37
55 a 64 anos	0,390*	[0,170]	1,48	0,208*	[0,092]	1,23	0,306*	[0,129]	1,36
Tau1 (τ_1)	3,770**	[0,433]		1,161**	[0,189]		3,930**	[0,359]	
Tau2 (τ_2)	3,313**	[0,392]		1,036**	[0,179]		3,479**	[0,321]	
Tau3 (τ_3)	2,904**	[0,382]		0,918**	[0,178]		3,078**	[0,307]	
Tau4 (τ_4)	2,491**	[0,380]		0,787**	[0,182]		2,678**	[0,295]	
Tau5 (τ_5)	1,421**	[0,350]		0,371*	[0,180]		1,675**	[0,255]	
Tau6 (τ_6)	1,125**	[0,347]		0,24	[0,180]		1,408**	[0,250]	
Tau7 (τ_7)	0,661+	[0,344]		0,00	[0,182]		1,003**	[0,244]	
Tau8 (τ_8)	-0,178	[0,338]		-0,491**	[0,183]		0,32	[0,235]	
Tau9 (τ_9)	-0,680*	[0,336]		-0,829**	[0,183]		-0,05	[0,234]	
Observações		1021			1021			1021	

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: WVS (1991)

Tabela A6: Resultados dos modelos ordinal logístico tradicional, ordinal log-log e complementar log-log (atitudes sexuais) para felicidade marital. WVS Brasil, 1991

Variáveis	Ordinal Logístico			Ordinal Log-log			Complementar Log-Log		
	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances	β	Erro padrão	Razão de Chances
Atitudes sexuais	0,607**	[0,197]	1,83	0,410**	[0,104]	1,51	0,334*	[0,131]	1,40
Branco	-0,055	[0,166]	0,95	-0,02	[0,087]	0,98	-0,08	[0,122]	0,93
Com Religião	0,563**	[0,207]	1,76	0,314**	[0,112]	1,37	0,371**	[0,144]	1,45
Unido	-0,876**	[0,187]	0,42	-0,411**	[0,094]	0,66	-0,617**	[0,133]	0,54
Ensino Médio	-0,221	[0,162]	0,80	0,00	[0,086]	1,00	-0,252*	[0,117]	0,78
Ensino Superior	-0,449*	[0,196]	0,64	-0,02	[0,100]	0,98	-0,457**	[0,153]	0,63
Com filhos	-0,192	[0,188]	0,83	-0,197+	[0,101]	0,82	-0,07	[0,149]	0,93
Homem	0,431**	[0,127]	1,54	0,250**	[0,070]	1,28	0,314**	[0,095]	1,37
55 a 64 anos	0,451**	[0,171]	1,57	0,244**	[0,092]	1,28	0,347**	[0,130]	1,41
Tau1 (τ_1)	3,499**	[0,458]		0,992**	[0,201]		3,808**	[0,374]	
Tau2 (τ_2)	3,042**	[0,416]		0,868**	[0,191]		3,357**	[0,334]	
Tau3 (τ_3)	2,632**	[0,419]		0,749**	[0,194]		2,956**	[0,329]	
Tau4 (τ_4)	2,215**	[0,417]		0,613**	[0,198]		2,555**	[0,318]	
Tau5 (τ_5)	1,137**	[0,388]		0,19	[0,198]		1,551**	[0,277]	
Tau6 (τ_6)	0,841*	[0,384]		0,05	[0,198]		1,284**	[0,272]	
Tau7 (τ_7)	0,374	[0,382]		-0,19	[0,200]		0,878**	[0,267]	
Tau8 (τ_8)	-0,47	[0,378]		-0,680**	[0,201]		0,20	[0,258]	
Tau9 (τ_9)	-0,970*	[0,377]		-1,019**	[0,202]		-0,17	[0,257]	
Observações		1021			1021			1021	

** p<0.01, * p<0.05, + p<0.1

Fonte: WVS (1991)